

CULTURA e ADVENTISMO



Estudos em:
**150 anos das
missões estrangeiras**

Vol.3, No 1 - Ano: 2024

UNASP



Centro White Press - Todos os direitos reservados

A revista Cultura e Adventismo é uma publicação do Grupo de Pesquisa Cultura e Adventismo do Centro de Pesquisas Ellen G. White (Unasp-EC).

Editor geral: Renato Stencil

Coordenação editorial: Allan Sleyter Soares de Atayde, Melissa Querido Batista, Priscila Carvalho dos Santos.

Revisão: Allan Sleyter Soares de Atayde, Melissa Querido Batista.

Diagramação: Allan Sleyter Soares de Atayde.

Projeto Gráfico: AICOM - UNASP.

Cultura e Adventismo - v. 3, n.1 (2024) - Engenheiro Coelho: Centro White, 2023.

29 cm.

Semestral: 2024-1.

ISSN 2965-4297 (versão online)

1. Teologia - Periódicos. I. Centro de Pesquisas Ellen G. White.

Idioma: Português, Inglês.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Estrada Pastor Walter Boger, S/N - Lagoa Bonita, Eng. Coelho - SP, 13448-900.

Sumário

As contribuições de John Nevins Andrews para o desenvolvimento e consolidação da teologia do sábado nos primórdios do movimento Adventista	3
	<i>Henrique Pinheiro</i>
Perfil missionário extraído da experiência de J.N.Andrews na Europa: Lições práticas para missão	20
	Edmilson Marçal
A vida e legado de Mary Andrews	35
	Melissa Querido
A Vida de Annie R. Smith e os Efeitos da Desilusão Amorosa	48
	<i>Priscila Carvalho</i>
<i>Student Volunteer Movement</i> e a missiologia adventista.....	58
	<i>Allan Sleyter</i>
Luz maior e luz menor: o conceito de inspiração profética em Ellen G. White no contexto da Conferência Bíblica de 1919.....	71
	<i>Eduardo Rueda</i>
How Ellen G. White understood the concept of worldliness in the testimonies for the church series	87
	<i>Alberto Tasso</i>

Introdução

O Grupo de Pesquisa Cultura e Adventismo é liderado pelo Dr. Renato Stencel, Diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White e formado por alunos do Centro Universitário Adventista de São Paulo. As pesquisas são produzidas por funcionários e bolsistas do Centro de Pesquisas Ellen G. White e pelos alunos do Grupo de Pesquisa. Dedicase ao estudo da memória adventista mundial, em especial obras de Ellen G. White, e do patrimônio cultural adventista no Brasil. A primeira linha de pesquisa é denominada Ellen G. White e a construção do pensamento adventista e explora o patrimônio literário da autora, relacionando-o a outros constructos que fazem parte da ortodoxia e ortopraxia adventista. A segunda linha intitula-se Desenvolvimento Histórico da Igreja Adventista do Sétimo Dia e tem como enfoque a investigação dos aspectos histórico-culturais do desenvolvimento do adventismo no Brasil. Tem como objetivo que os valores espirituais inculcados na história do adventismo e as diversas contribuições desse movimento à sociedade possam ser adequadamente preservados e estudados através de seus pioneiros e instituições.

A quinta edição tem como tema os 150 anos das missões adventista, em homenagem ao envio de John N. Andrews, primeiro missionário além-mar enviado oficialmente pela Igreja, à Suíça. O primeiro artigo aborda as contribuições que J. N. Andrews forneceu para a Igreja Adventista como teólogo e acadêmico. O segundo procura formar um perfil missionário a partir da experiência de Andrews na Europa. O terceiro é um artigo de cunho biográfico sobre Mary Frances Andrews, filha e companheira missionária de John Andrews. O quarto propõe relacionar a desilusão amorosa de Annie Smith com Andrews e sua eventual morte. O quinto examina o fenômeno do *Student Volunteer Moviment* e suas ligações com a missiologia adventista. O sexto e o sétimo artigo tem como enfoque aspectos teológicos nos escritos de Ellen White. Esta edição da revista será de especial interesse para estudantes de teologia, acadêmicos, missionários e membros da Igreja em geral.

As contribuições de John Nevins Andrews para o desenvolvimento e consolidação da teologia do sábado nos primórdios do movimento Adventista

*Henrique S. Pinheiro*¹

Introdução

John Nevins Andrews (1829-1883) é lembrado por seu profundo interesse e dedicação aos temas do Sábado e da Lei de Deus, como é visto no trabalho de toda sua vida. A grande maioria de seus escritos se dedicou, de forma direta ou indireta, a esses dois temas-chave de sua obra. Seu interesse e comprometimento com essas verdades podem ser vistos desde seus primeiros anos de ministério, como, por exemplo, em seus primeiros artigos publicados na *Review and Herald*. Em especial, seu primeiro trabalho, publicado em novembro de 1850, intitulado *Thoughts on Sabbath*, no qual Andrews faz uma exposição sucinta e objetiva da doutrina do sábado, já apresentava muitos dos temas que compunham seu entendimento sobre o quarto mandamento. Esse trabalho se tornou um prenúncio condensado do trabalho da vida de Andrews como teólogo do sábado (VALENTINE, 2019, p. 450).

Outro artigo digno de nota encontrado em seus primeiros anos de ministério foi o seu *The Perpetuity of the Law of God*, de janeiro de 1851. Nele, Andrews argumenta a favor da perpetuidade da lei dos dez mandamentos e de sua função como expressão da perfeição moral de seu legislador e base da aliança entre Deus e a humanidade. Segundo Gilbert Valentine, esses conceitos lhe serviam como um "quadro dentro do qual enxergava e interpretava a questão do sábado" (*ibid.*, p. 456). Isso qualifica sua visão da perpetuidade da lei como o "princípio organizador ao redor do qual sua teologia do sábado era construída" (*ibid.*, p. 456, 457).

Fica evidente, portanto, que Andrews considerava, desde cedo, o sábado uma importante verdade a ser pregada de forma urgente. Vemos isso tanto em seus diversos artigos expondo o sábado e a lei, quanto em seu ministério itinerante em parceria com Samuel Rhodes. Isto aconteceu já em seu primeiro ano de ministério, 1850, e tinha como foco convencer os grupos mileritas de Maine e Vermont sobre as novas descobertas

¹ Henrique S. Pinheiro. Graduando em Teologia, Centro Universitário Adventista de São Paulo. Email: Henrique.Pinheiro@unasp.edu.br

relativas ao quarto mandamento da lei de Deus e o santuário celestial. (*ibid.*, p. 111, 119; *id.*, 2020).

O contexto da compreensão sobre o sábado que Andrews herdou

Antes mesmo do grande desapontamento milerita de 1844, a doutrina do sábado já havia sido introduzida ao movimento milerita por influência dos batistas do sétimo dia, e causou grande confusão no meio, levando a uma crescente de estudos e debates sobre o tema (LOUGHBOROUGH, 2014, p. 209; KNIGHT, 2005, p. 67, 68). No período entre 1844 e 1849, como fruto desses estudos, a questão do sábado passou por distintas fases teológicas entre os mileritas (BURT, 2002). O primeiro trabalho sobre o tema a se destacar foi o artigo *A Tract, Showing That the Seventh Day Should Be Observed as the Sabbath, Instead of the First Day; "According to the Commandment"* de Thomas M. Preble, no jornal milerita *The Hope of Israel*, publicado em fevereiro de 1845 (LOUGHBOROUGH, 2014, p. 210; KNIGHT, 2005, p. 68). A influência desse trabalho foi tamanha que, a partir da leitura do mesmo, Joseph Bates, bem como Andrews e sua família, abraçaram a verdade do sábado quase que de forma instantânea (BATES, 1847, p. 96).

Burt (2002, p. 400) mostra como Preble, em seu tratado, segue a mesma linha de raciocínio de argumentação tradicional batista do sétimo dia. Ele baseia a perpetuidade do sábado em sua criação no Éden e instituição no Sinai, e acredita que essa verdade seria restaurada entre o povo de Deus antes da volta de Jesus. Essa herança e, em alguns casos, dependência de publicações e conceitos batistas do sétimo dia marcaram muitos dos materiais adventistas posteriores sobre o sábado; e até mesmo os escritos de Andrews beberam muito da argumentação batista a respeito do tema (HEINZ, 1985, p. 132; VALENTINE, 2019, p. 456; COTTRELL, 1985, p. 115).

As principais contribuições adventistas para a compreensão do sábado, entretanto, vieram dois anos depois. Foi nessa época que Joseph Bates, "o primeiro teólogo do sábado do adventismo" (KNIGHT, 2005, p. 72), na segunda edição de seu panfleto *Seventh-day Sabbath: a Perpetual Sign*, desenvolveu uma síntese que integrava as doutrinas do sábado, do santuário celestial e do segundo advento, dando origem a um sistema que se tornou a "plataforma do que viria a ser o núcleo da teologia adventista do sétimo dia" (*ibid.*, p. 69, 71). A guarda do quarto mandamento adquiriu então uma nova importância escatológica que nunca havia recebido entre os batistas do sétimo dia (FROOM, 1954, p.

960), à medida que passou a ser vista como uma “verdade presente” (BATES, 1847, p. 56), com o caráter de uma “mensagem de selamento” (FROOM, 1954, p. 958, 959) para os adventistas sabatistas. Assim, eles se enxergariam como um movimento profético, descrito nas mensagens dos três anjos de Apocalipse 14, passagem na qual baseavam sua interpretação profética do sábado (ibid., p. 957). Foi exatamente esse senso de missão e propósito que tanto inspirou Andrews em todo o zelo pelo sábado.

Por volta de 1848, as principais doutrinas distintivas dos adventistas - em especial, a do sábado - já estavam bem estabelecidas, necessitando apenas de pequenos detalhes a serem resolvidos (SCHWARZ, 2022, p. 81). Dentro desse contexto, portanto, quando Andrews inicia seu ministério no ano de 1850, a compreensão adventista sobre o sábado era formada tanto por conceitos básicos desenvolvidos tradicionalmente pelos batistas do sétimo dia, como sua origem, seu propósito para toda a humanidade, sua perpetuidade e sua mudança pelo papado; quanto por contribuições originais de autores adventistas como Bates e Tiago White, que enxergaram o sábado não apenas como o verdadeiro dia de guarda, mas também como o selo escatológico de Deus (VALENTINE, 2019, p. 456).

Contribuições de Andrews acerca do sábado

Entre os anos de 1850 e 1883, Andrews escreveu largamente a respeito do sábado. Entre seu primeiro escrito em 1850 e sua viagem para a Europa em 1873, publicou mais de 150 artigos na *Review and Herald*, posto que a maioria desses lidava de alguma forma com algum aspecto do sábado (COTTRELL, 1985, p. 106). Muitos de seus artigos foram reimpressos na forma de panfletos e livros, que somam juntos 39 trabalhos, dos quais 18 tratam sobre o sábado e a lei de Deus. Dessa forma, Andrews se tornou o maior escritor adventista de seu período tanto em termos de quantidade, quanto de qualidade e diversidade (*ibid.*).

Seus escritos exerceram grande influência no pensamento da igreja e continuam sendo relevantes até hoje. Envolvido sempre em questões polêmicas e servindo como “o maior intelectual adventista do século XIX” (SMOOT, 1985, p. 10), Andrews pôde contribuir para a consolidação da doutrina do sábado na igreja de três principais formas. Primeiro, como um apologeta, disposto sempre a responder todos os questionamentos e oposições que se levantavam. Segundo, como um historiador, que, através de uma minuciosa pesquisa sobre a história do sábado, publicou sua maior obra: *History of the*

Sabbath, a qual serviu como recurso apologético durante muitos anos para os adventistas. Terceiro, como o responsável pela definição do momento exato de início e término do dia de sábado, um problema que se mostrou urgente ao fim da primeira década do movimento adventista.

O horário de início do sábado

Certamente a mais original contribuição de Andrews para a teologia do sábado foi sua conclusão quanto ao horário de início do sábado - uma questão que gerou muitos debates e cismas nos primeiros anos da igreja (VALENTINE, 2019, p. 181). Em sua época, o grupo dos guardadores do sábado se dividia em quatro posições principais em relação ao problema: (1) os que criam que o sábado começava às seis da tarde, (2) os que guardavam o sábado a partir do pôr do sol; e os outros dois grupos, que o entendiam como a partir (3) da meia-noite e (4) do nascer do sol (WHITE, 1855, p. 78). José Bates era adepto da primeira posição, e muitos dos que concordavam com esta criam estar de acordo com uma visão que Ellen White havia recebido em 1847, na qual fora instruída por um anjo de que o dia de sábado “começava pela noite”. A partir dessa fala muitos inferiram que “noite” era uma referência ao horário de seis horas da tarde (VALENTINE, 2019, p. 183, 184).

Diante desse problema e de “temores de divisões” (WHITE, 1855, p. 78), em agosto de 1855, Tiago White pediu que Andrews fizesse um estudo sobre o tema (ANDREWS, 1855, p. 78). Assim, em dezembro do mesmo ano, Andrews publicou um artigo na *Review* com o título *Time for Commencing the Sabbath*. Nele, através de uma análise profunda de diversos textos bíblicos concernentes ao assunto e levando em conta a posição de muitas autoridades, chega na conclusão de que “o testemunho unânime das Escrituras é de que cada dia começa com o pôr do sol” e de que “não há um único testemunho das Escrituras Sagradas de que se pode aludir para o horário das seis horas” (ibid.). Tiago White comenta que seu estudo “apresentou o testemunho das Escrituras sobre o assunto (...) e estabeleceu a questão para além de qualquer dúvida” (WHITE, 1855, p. 78).

Além de resolver um problema considerado de grande importância, o estudo de Andrews contribuiu para a solução de outra questão que surgiu de forma subjacente: a igreja deveria “fiar-se nas Escrituras ou nas visões como a autoridade para sua crença e

prática?” (VALENTINE, 2019, p. 183). Unido a outra visão recebida por Ellen no mesmo ano, na qual vira que sua visão anterior apenas revelara que o sábado começava “à noite”, e que fora inferido, erroneamente, que isso significava às seis (WHITE, 1948, p. 116), o estudo de Andrews reforçou o princípio protestante do *Sola Scriptura*, além de preservar a utilidade e credibilidade das visões de Ellen White (VALENTINE, 2019 p. 184).

Historiador do sábado

Segundo FROMM (1954, p. 962), a "maior contribuição" de Andrews para a teologia adventista do sábado foi seu trabalho de pesquisa histórica sobre o tema do sábado do sétimo dia, sua presença na igreja cristã através da história e o processo de mudança para o sétimo dia semana dentro da igreja. Como resultado do trabalho de 10 anos de pesquisa sobre o tema, Andrews publica, no fim de 1861, a primeira edição de sua obra magna: *History of the Sabbath and The First Day of The Week, Showing the Bible Record of the Sabbath, also the Manner in Which it Has Been Supplanted by the Heathen Festival of the Sun* (WHITE, 1861, p. 168).

A obra, de inicialmente 340 páginas, se dividia em duas partes. A primeira, intitulada "História Bíblica", se destinava a expor a história do sábado segundo o testemunho das Escrituras, abordando sua instituição no Éden, sua perpetuidade e presença na igreja apostólica. Na segunda, "História Secular", Andrews expõe o desenvolvimento histórico da observância do primeiro dia da semana, assim como a natureza dessa observância em diferentes momentos da história. Andrews apresenta também registros de vestígios da guarda do sábado tanto nos primeiros cinco séculos da igreja cristã, como durante a Idade das Trevas. Outros assuntos incluem a posição dos reformadores acerca do tema e o reavivamento da guarda do sábado em meados dos séculos XVI e XVII, encerrando com sua chegada e consolidação na América do Norte.

A obra preencheu um grande vácuo de literatura sobre a história do sábado existente na época (VALENTINE, 2019, p. 447) e posicionou Andrews como o "pioneiro adventista em pesquisas históricas sobre o sábado", marcando o fim da dependência de trabalhos batistas do sétimo dia sobre o assunto (HEINZ, 1985, p. 131). O tamanho do impacto causado dentro e fora comunidade pode ser visto tanto pela quantidade de citações que o livro recebe em diversos artigos da *Review* na época, bem como nos diversos relatos enviados à revista de leitores que foram convencidos e impressionados

pela obra. As palavras de Uriah Smith expressam muito bem a visão que a igreja tinha desse trabalho:

Não há trabalho existente que possa ser comparado a este em seu tratamento exaustivo do assunto. Alguns cujas teorias foram completamente desmanteladas por ele responderam da melhor forma que puderam com um deboche imprudente; mas suas posições nunca foram contestadas de maneira inteligente ou séria (1883, p. 680).

No preparo da segunda edição do *History*, Andrews dedicou-se totalmente a expandir sua pesquisa histórica sobre o sábado, colocando todo seu esforço sobre a questão (ANDREWS, 1873a). Assumiu a obrigação de fazer um exame minucioso dos pais da igreja, num trabalho de pesquisa que envolveu mais de 10 mil páginas (ibid.). O propósito de sua densa pesquisa histórica, Andrews mostra, era convencer aqueles que estão presos sob a "influência da tradição" e "não se governam unicamente pelo testemunho das Escrituras" (ibid.).

O resultado de seu trabalho foi a segura conclusão de que "a origem do domingo como Dia do Senhor não pode ser traçada até os apóstolos" (ANDREWS, 2018, p. 137) e que "a história do festival do domingo é marcada por fraudes extraordinárias" (id., 1873a, p. 196), além de que

A ideia de abstinência de trabalho como um dever no domingo nunca ocorreu a nenhum desses escritores [os pais da igreja], e eles fornecem provas decisivas de que era um dia em que, de acordo com seu julgamento, o trabalho comum não era pecaminoso. Eles também fazem dele uma festa da igreja do mesmo nível da Páscoa e do Domingo de Pentecostes (ibid.).

Por fim, na sua segunda edição, quando lançada em 1873, contendo 512 páginas, a segunda seção havia dobrado de tamanho: de 148 para 320 páginas. Isso é evidência de que sua compreensão histórica da mudança do sábado do sétimo dia da semana para o primeiro dia se desenvolveu e expandiu durante a década de 1860 através de sua densa pesquisa em diversas autoridades e em fontes originais (VALENTINE, 2019, p. 451).

O livro se tornou rapidamente um clássico (COTTRELL apud HEINZ, 1985, p. 131) e se manteve como uma "obra-modelo" para a igreja até o século XX (MAXWELL apud HEINZ, 1985, p. 131). "Usado por todo ministro adventista e estudado em todo programa de preparação ministerial adventista pelos próximos 80 anos" (VALENTINE, 2019, p. 450), conforme afirma HEINZ (1985, p. 136, 137), a obra se manteve até a década de 1920 como o trabalho "*par excellence*" da igreja adventista até a década de 1920, quando novas pesquisas foram feitas e novos trabalhos foram produzidos a respeito do tema (ibid., p. 136). Deve-se notar que muito do trabalho de pesquisa feito posteriormente sobre o assunto foi impulsionado pelo pioneirismo de Andrews (VALENTINE, 2019, p. 448).

Vale ressaltar que, durante o período de preparação da segunda edição do *History*, dois outros livros importantes foram publicados por Andrews: em fevereiro de 1873, alguns meses antes de seu lançamento, publicou um livro de 112 páginas intitulado "*The Testimony of the Fathers of the First Three Centuries Concerning the Sabbath and First Day of the Week*". Esse seria um volume compacto de sua obra maior (ibid., p. 451, 452) e serviria para sintetizar sua tese de que "o sábado do primeiro dia era completamente desconhecido antes da época de Constantino" (ANDREWS, 2020, p. 7). Na obra, Andrews, apresenta "todos os testemunhos de cada um dos pais, anteriores a 325 d.C., que mencionam o sábado ou o primeiro dia" (ibid.), - o período "mais importante" da história do sábado segundo White (1873, p. 72) - para que o leitor "tenha acesso ao completo testemunho deles" (ibid.).

O terceiro livro que compõe o corpus literário de Andrews sobre o sábado foi o seu *Sermons on the Sabbath and the Law* (1870), que tratava dos mesmos temas do *History*, porém em formato de sermões. Isso permitiu que Andrews fizesse reflexões teológicas mais profundas e fosse mais apelativo do que em seu trabalho histórico puramente acadêmico, conforme observa Valentine (2019, p. 452). O livro foi largamente elogiado por seu poder de síntese e considerado útil para aqueles que estão em busca da verdade (cf. MATTESON, 1780, p. 199). Tiago White o considerou "o melhor material que temos a respeito do sábado (...) para circular em qualquer local em qualquer tempo" (WHITE, 1869, p. 80)

Apologeta do sábado

Nos tempos de Andrews, os adventistas experienciavam um contexto de grande hostilidade e oposição vindos de outras denominações e outros grupos mileritas (VALENTINE, 2019, p. 146). Diante disso, White (1852, p. 37) considerava as disputas teológicas necessárias e até inevitáveis para que os irmãos "fossem capazes de defender sua posição" (ibid.). Diante dessa realidade, grande parte dos escritos de Andrews se dedicou a assuntos polêmicos, visto que ele estava constantemente envolvido em debates com outros jornais mileritas não-sabatistas, como o *The Harbinger*, *the Advocate*, e o *The Advent Herald* por exemplo (VALENTINE, 2019, p. 134, 456).

Dentre os vários opositores do sábado, dois preocupavam mais a Andrews: O. R. L. Crosier e T. M. Preble (COLLINS, 2007, p. 159), que anteriormente eram guardadores do sábado e passaram a pregar contra o sétimo dia. Andrews sabia da influência que esses e outros que uma vez fizeram parte, mas acabaram abandonando as fileiras dos guardadores do sábado, tinham em seus escritos (ANDREWS, 1852b, p. 52), e por isso se dedicou tanto em responder suas objeções.

A série de 7 artigos *The Sabbath – Letters to O. R. L. Crosier*, que durou de maio a agosto de 1852, por exemplo, foi uma resposta de Andrews à contra argumentação de Crosier. Este último contestou uma análise que Andrews havia feito na edição de 17 de fevereiro de 1852 de uma classe bíblica sua, em dezembro de 1851, na revista *Harbinger*, sobre a origem, natureza e perpetuidade do sábado. Em sua exposição, carregado de um tom irônico e ácido, Andrews apresenta os argumentos de Crosier e os rebate um por um, de forma sistemática e minuciosa, usando, muitas vezes, a linha de argumentação de seu oponente contra ele mesmo. É perceptível a familiaridade de Andrews com a Bíblia, visto sua facilidade de citar textos convenientes à sua argumentação, muitas vezes de forma inesperada. A evidência da eficácia desses artigos são as diversas correspondências enviadas à *Review* em resposta à série, elogiando e agradecendo pelo trabalho de Andrews (cf. WHITE, 1852b, p. 47; MARSH, p. 55). Tiago White, ao receber os artigos de Andrews no escritório da *Review*, proclamou: "Obrigado, Deus, por John Andrews. Ele se tornou nosso maior campeão do verdadeiro sábado do Senhor!" (ROBINSON, 1975, p. 25).

Outro caso importante de discussões sobre o sábado no ministério de Andrews foi sua série de artigos *Examination of T. M. Preble's First-day Sabbath*, que contou com

treze edições (8 de agosto a 19 de dezembro de 1871). Em agosto de 1867, após um caso de provocações entre a *Review* e a revista *The World's Crisis* (ANDREWS, 1871b, p. 57), Preble escreve seu livro *The First-day Sabbath*, como uma resposta ao *History of the Sabbath* de Andrews. O processo de preparação da segunda edição de seu livro deu a Andrews a oportunidade de escrever essa resposta a Preble (ibid., p. 58), que foi apresentada no formato de perguntas e respostas: Andrews fazia perguntas para o livro e buscava encontrar as respostas em suas páginas e, quando necessário, fazia comentários sobre as ideias de Preble. Dessa forma, Andrews, propusera expor o pensamento "contraditório" de Preble e, segundo ele, em tom muitas vezes ousado, a falta de coerência entre suas ideias e argumentos.

Dessa forma, Andrews se tornou um "rico recurso apologético" para a os membros da igreja, como é visto nas muitas citações de seus materiais em edições da *Review* (VALENTINE, 2019, p. 205). Era sempre requisitado para a solução de problemas teológicos na igreja e conferiu ao movimento confiança e um sentimento de invencibilidade, como afirma Valentine (ibid., p. 145, 456). Para além das fileiras adventistas, os debates também tinham uma função evangelística de convencer aqueles que ainda estavam em dúvida, como mostra a expectativa de Tiago White (1852, p. 37).

Conclusão

Em suma vemos que as maiores contribuições de Andrews para a teologia adventista do sábado, como afirma Valentine (2019), não foram tanto em ideias originais, quanto em reforçar e consolidar a síntese da doutrina que já existia em seu tempo, sistematizando e enfatizando-a, de tal forma que "merece ser lembrado como um expositor das doutrinas dos primórdios da Igreja Adventista" (MUELLER, 1985, p. 100). Dotado de uma mente analítica e afiada, digna de um advogado (ibid.), Andrews "completou o edifício do sábado para os adventistas do sétimo dia", do qual Tiago White e Bates foram os originadores (COTTRELL, 1985, p. 127; VALENTINE, 2019), de tal forma que "sua teologia se tornou normativa para a igreja" durante muito tempo (VALENTINE, 2019, p. 499).

O pioneirismo de Andrews motivou muitos outros estudiosos que vieram depois dele (HEINZ, 1985, p. 136). Estudos posteriores sobre o tema do sábado lançaram luz sobre seu trabalho e levaram a frente a discussão sobre a doutrina do sábado. Como

ressalta Heinz (p. 142), "algumas de suas conclusões permanecem válidas até hoje, outras nem tanto". Entretanto, deve-se levar em conta o contexto histórico no qual Andrews desenvolveu seu trabalho e todas as limitações que existiam em seu tempo. Ainda assim Andrews é lembrado hoje como "o pioneiro adventista do sétimo dia em pesquisas históricas sobre o sábado" (ibid.) e deixa seu legado como "o maior intelectual adventista do século XIX" (SMOOT, 1985, p. 10).

Referências

ANDREWS, J. N. Discourse with Brother Carver. Sataroga Springs, New York: **The Advent Review and Sabbath Herald**, v. 2, n. 4. 16 de setembro de 1851b, pp. 28-30. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18510916-V02-04.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

ANDREWS, J. N. Remarks of O. R. L. Crozier on the Institution, Design and Abolition of the Sabbath. Saratoga Springs, NY: **The Advent Review, and Sabbath Herald**, v. 2, n. 11, 12; 3 e 17 de fevereiro de 1852a, pp. 81-93. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18520203-V02-11.pdf>; <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18520203-V02-11.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

ANDREWS, J. N. The Preparation of the Sabbath History. Battle Creek, Michigan: **The Advent Review And Herald of The Sabbath**, v. 42, n. 25, 2 de dezembro de 1873a, pp. 196-197. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18731202-V42-25.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

ANDREWS, J. N. The Definitive Seventh Day: Or, God's Measurement of Time on the Round World. Battle Creek, Michigan: **The Advent Review and the Sabbath Herald**, v. 37, n. 9. 14 de fevereiro de 1871a, pp. 65-66. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18710214-V37-09.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

ANDREWS, J. N. The Perpetuity of the Law of God. Paris, Maine: **Second Advent Review, and Sabbath Herald**, v. 1, n. 5; 3 de janeiro de 1851a, pp. 33-37. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18510101-V01-05.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

ANDREWS, J. N. Thoughts on Sabbath. Paris, Maine: **Second Advent Review, and Sabbath Herald**, v. 1, n. 2; 15 de novembro de 1850, p. 10. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18501201-V01-02.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

ANDREWS, J. N. Time for commencing the Sabbath. Battle Creek, Michigan: **The Advent Review and Sabbath Herald**, v. 7, n. 10. 4 de dezembro de 1855, pp. 76-78. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18551204-V07-10.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

ANDREWS, J. N. The Sabbath. Letters to O. R. L. Crozier. Rochester, NY: **The Advent Review and Sabbath Herald**, v. 3, n. 1-7. 6 de maio a 5 de agosto de 1852b, pp. 1-52. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/Forms/AllItems.aspx?RootFolder=%2fPeriodicals%2fRH&FolderCTID=0x012000DDAC5B94CFBD234AB142FC5C311C732700042C85EA7C1C1A4DB8D75C62A7517A6E#ServerFilter=FilterField1=VolumeNum-FilterValue1=3-FilterField2=IssueNum-FilterValue2=7-FilterField3=DocYear->

FilterValue3=1852-FilterOp2=Leq-TreeField=Folders-TreeValue=RH-ProcessQStringToCAML=1. Acesso em 21 de maio de 2024.

ANDREWS, J. N. Elder Preble's New Light on the Change of the Sabbath. Battle Creek, Michigan: **The Advent Review and Herald of the Sabbath**, v. 39, n. 8. 6 de fevereiro de 1872, pp. 57-58. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18720206-V39-08.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

ANDREWS, J. N. Elder Preble on the Twelfth Chapter of Sabbath History. Battle Creek, Michigan: **The Advent Review and Herald of the Sabbath**, v. 43, n. 2. 23 de dezembro de 1873b, p. 12. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18731223-V43-02.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

ANDREWS, J. N. Elder Preble on the Thirteenth Chapter of Sabbath History. Battle Creek, Michigan: **The Advent Review and Herald of the Sabbath**, v. 43, n. 4. 6 de janeiro de 1874, p. 28-29. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18740106-V43-04.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

ANDREWS, J. N. Examination of T. M. Preble's First-day Sabbath. Battle Creek, Michigan: **The Advent Review and Herald of the Sabbath**, v. 38, n. 8, 11, 17, 18-26; v. 39, n. 1, 9, 11. 8 de agosto de 1871b a 27 de fevereiro de 1872, p. 57-58. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/Forms/AllItems.aspx?RootFolder=%2fPeriodicals%2fRH&FolderCTID=0x012000DDAC5B94CFBD234AB142FC5C311C732700042C85EA7C1C1A4DB8D75C62A7517A6E#ServerFilter=FilterField1=VolumeNum-FilterValue1=38-FilterField2=IssueNum-FilterValue2=8-FilterField3=DocYear-FilterValue3=1871-FilterOp1=Geq-FilterOp2=Geq-FilterOp3=Geq-TreeField=Folders-TreeValue=RH-ProcessQStringToCAML=1>. Acesso em 21 de maio de 2024.

ANDREWS, J. N. **Sermons on the Sabbath and Law: An Outline of the Biblical and Secular History of the Sabbath**. Battle Creek, Mich.: Steam Press, 1870. Disponível em: <https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/12/Sermons-on-the-Sabbath-and-the-Law.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2024.

ANDREWS, J. N. **História do Sábado e do primeiro dia da semana**: o registro bíblico do sábado e como ele foi suplantado pela festa pagã ao sol. 1. ed. Oregon, USA: Adventist Pioneer Library, 2018.

ANDREWS, J. N. **O sábado e o domingo nos primeiros três séculos**: O testemunho completo dos pais da igreja. 1. ed. São Paulo, SP: Adventist Pioneer Library, 2020.

BATES, Joseph. **The Seventh Day Sabbath, A Perpetual Sign**, from the beginning to the entering into the gates of the holy city. 2. ed. New-Bedford: Press of Benjamin Lindsey, 1847. Acesso em 8 de maio de 2024. Disponível em [https://ellenwhiteaudio.org/ebooks/en/text/pdf/Bates/The%20Seventh%20Day%20Sabbath,%20A%20Perpetual%20Sign%20\(Sabbath%20Controversy%202\).pdf](https://ellenwhiteaudio.org/ebooks/en/text/pdf/Bates/The%20Seventh%20Day%20Sabbath,%20A%20Perpetual%20Sign%20(Sabbath%20Controversy%202).pdf)

BURT, Merlin D. "**The Historical Background, Interconnected Development and Integration of the Doctrines of the Sanctuary, the Sabbath, and Ellen G. White's Role in Sabbatarian Adventism from 1844 to 1849**". Tese (doutorado em Teologia): Andrews University Seventh-day Adventist Theological Seminary, 2002. Disponível em <https://www.proquest.com/openview/e86716cbbfd2333554d9fc0ff9405c2c/1?cbl=18750&diss=y&pq-origsite=gscholar&parentSessionId=%2BzkrK4H0R2eZGk5O1zw%2BFQYhb5QCPm8M5GJfcfVNG3k%3D>. Acesso em 21 de maio de 2024.

COLLINS, N. J. **Retratos dos pioneiros**. v 1. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

COTTRELL, R. F. The Theologian of the Sabbath. In: LEONARD, Harry. **J. N. Andrews: the man and the mission**. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

FROOM, LeRoy Edwin. **The prophetic faith of our fathers: the historical development of prophetic interpretation**. 1. ed. Washington, DC, USA: Review and Herald, 1954. v. 4.

HEINZ, J. The Author of the History of the Sabbath. In: LEONARD, Harry. **J. N. Andrews: the man and the mission**. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

KNIGHT, George R. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia**. José Barbosa da Silva. Marcos de Benedicto, Rubem M. Scheffel. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

LOUGHBOROUGH, J.N. **O Grande Movimento Adventista**. Oregon, OR, USA: Adventist Pioneer Library, 2014.

MARSH, Z. **From Bro. Marsh**. Rochester, N.Y.: The Advent Review, and Sabbath Herald, v. 3, n. 7; 5 de agosto de 1852, p. 55. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18520805-V03-07.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

MATTESON, J. **The Ten Sermons on the Sabbath an Law**. Farlinville, Kan.: Advent Review and Sabbath Herald, v. 35, n. 25, 7 de junho de 1870, p. 199. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18700607-V35-25.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

MUELLER, K. F. Architect of Adventist Doctrines. In: LEONARD, Harry. **J. N. Andrews: the man and the mission**. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

PREBLE, T. M. **A Tract, Showing That The Seventh Day Should Be Observed As The Sabbath, Instead Of The First Day; "According To The Commandment"**. Nashua: Murray & Kimball, 1845. Disponível em: <https://adventbeliefs.com/assets/BBR/12/Tract-Showing-that-the-Seventh-Day-Should->

[be-Observed-as-the-Sabbath-Instead-of-the-First-Day-T-M-Preble.pdf](#). Acesso em 21 de maio de 2024.

ROBINSON, Virgil. **John Nevins Andrews**: flame for the Lord. 1. ed. Washington, DC, USA: Review and Herald, 1975.

SCHWARZ, Richard Willian. **Portadores deluz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Floyd Greenleaf. Francisco Alves de Pontes. 3. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2022.

SMITH, U. **The death of eld. Andrews**. Battle Creek, Mich.: Advent Review and Sabbath Herald, v. 60, n. 43, p. 680. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18831030-V60-43.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2024.

SMOOT, J. G. Andrew's role in Seventh-day Adventist history. In: LEONARD, Harry. **J. N. Andrews**: the man and the mission. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

VALENTINE, G. M. **Andrews, John Nevins (1829–1883)**. Encyclopedia of Seventh-day Adventists. 19 de agosto de 2020. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=C8VX>. Acesso em 12 de março de 2024.

VALENTINE, G. M. **J. N. Andrews**: misson pioneer, evangelist, and thought leader. 1. ed. Nampa, ID: Pacific Press, 2019.

WHITE, E. G. **Testimonies for the church**: comprising testimonies numbers I to I4 with a biographical sketch of the author. 1. ed. Mountain View, CA, USA: Pacific Press Publishing Association, 1948.

WHITE, J. **Time of the Sabbath**. Battle Creek, Michigan: The Advent Review and Sabbath Herald, v. 7, n. 10. 4 de dezembro de 1855, p. 78. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18551204-V07-10.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

WHITE, J. Letters to O. R. L. Crozier. Rochester, N.Y.: **The Advent Review and Sabbath Herald**, v. 3, n. 5. 8 de julho de 1852, p. 37. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18520708-V03-05.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

WHITE, J. History of the Sabbath. Battle Creek, Michigan: **The Advent Review, and Sabbath Herald**, v. 18, n. 21. 22 de outubro de 1861, p. 168. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18611022-V18-21.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

WHITE, J. New and Important Work. Battle Creek, Michigan: **Advent Review and Sabbath Herald**, v. 34, n. 10, 31 de agosto de 1869, p. 80. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18690831-V34-10.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

WHITE, J. New and Important Work. Battle Creek, Michigan: **Advent Review and Sabbath Herald**, v. 41, n. 9, 11 de fevereiro de 1873, p. 72. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18730211-V41-09.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

WHITE, J. Extracts of Letters. Rochester, N. Y.: **The Advent Review and Sabbath Herald**, v. 3, n. 6. 22 de julho de 1852b, p. 47. Disponível em <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18520722-V03-06.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2024.

Perfil missionário extraído da experiência de J.N.Andrews na Europa: Lições práticas para missão

Edmilson Marçal P. Filho¹

Introdução

Há 150 anos atrás, o pioneiro J. N. Andrews, seus dois filhos e Ademar Vuilleuimer estavam chegando a Neuchatel na Suíça, em 15 de setembro de 1874. Aqueles não eram senão os primeiros passos da missão adventista de forma organizada e oficial. Andrews foi “pastor, missionário, escritor, editor e erudito; amigo íntimo de Tiago e Ellen White” (FORTIN, 2018, p.322, tradução nossa). Inserido nesse contexto do avanço das missões globais, compreende-se a relevância do trabalho realizado por outros no passado, como é o caso de Hannah B. More e H. B. Czechowski, missionários que antecederam J. N. Andrews. Cada passo em direção a um alvo é sustentado pelo anterior, as lições passadas nos auxiliam a edificar um sólido empreendimento no presente, bem como um bom resultado no futuro. Essa percepção deve ser aplicada na missão presente.

Seguindo essa linha de raciocínio aprestada acima e tendo como base a experiência missionária de Andrews na Europa, o artigo propõe extrair do processo histórico que envolveu a formação, desenvolvimento e desfecho de sua trajetória conceitos aplicáveis à missão presente. Em Jó 8:9,10 o pensamento bíblico nos aconselha a perguntar às gerações anteriores e considerar as suas experiências e instruções. Orientando-se por este raciocínio, será explorado na sequência os princípios, lições, conceitos que podem contribuir para o aperfeiçoamento das missões globais, tal como dos missionários, visando o cumprimento do propósito de pregar o evangelho eterno “até os confins da terra” (Atos 1:8).

Formação Missionária

O envio de missionários além-mar, bem como local, vai além da estrutura de apoio organizacional. Apesar de seu papel fundamental na continuidade e expansão da missão, é essencial focar na formação de quem será enviado. A esfera particular do missionário, a partir de uma análise do ministério de Andrews, é chave para o bom andamento das

¹ Edmilson Marçal P. Filho. Graduando em Teologia, Centro Universitário Adventista de São Paulo.
Email: edmilson.filho@unasp.edu.br

missões. Ele deve contar com uma sólida formação espiritual e teológica, uma profunda compreensão de sua identidade e da cultura do local de envio pretendido, bem como desprendimento e um amor genuíno pelas almas.

A experiência do relutante Czechowski, um dos primeiros missionários não oficiais da IASD, ilustra um grande acúmulo de dificuldades ao desenvolver seu ministério solo na Europa. Ele contrariou a liderança da igreja (IASD) e insistiu em dar sequência a sua tão desejada missão, sem o devido preparo e formação. Não tendo apoio dos líderes da IASD, ele decidiu persuadir os líderes do “advento cristão” para apadrinhá-lo nesta jornada. Resolveu, entretanto, não pregar as doutrinas de seus patrocinadores, nem mesmo atribuir seus ensinamentos bíblicos à IASD, que ainda estava em seu processo de formação doutrinária. Por fim, apesar do progresso realizado, essas atitudes acabaram prejudicando em grande medida sua missão (SCHWARZ; GREENLEAF, 2016). Esse episódio destaca a importância da unidade entre o missionário e a instituição, bem como da sua identidade e compreensão teológica, que são fundamentais para uma formação espiritual bem alicerçada.

Formação Espiritual

Considerando o plano de fundo do Grande Conflito entre Cristo e Satanás, entende-se que deve haver um preparo espiritual por parte de cada missionário, pois além das forças humanas contrárias, estão segundo a Bíblia os “principados e potestades”, os “dominadores deste mundo tenebroso”, “forças espirituais do mal” (Efésios 6:12). No entanto, há a firme convicção na supremacia divina sobre qualquer tipo de poder que procure opor-se à missão de Cristo. Todo discípulo que permanece unido ao Mestre usufrui de Sua plena provisão e segurança até o fim (Marcos 16:15-20). Este primeiro passo na jornada missionária não apenas reconhece os desafios espirituais, mas também reafirma a confiança na soberania e no poder de Deus para capacitá-los a cumprir com sucesso sua missão.

Dentro do âmbito de formação espiritual encontramos na pessoa de J. N. Andrews um homem de oração. Segundo Virgil Robinson “desde cedo, ele adotou o hábito de levantar-se às quatro horas da manhã e passar duas ou três horas antes do café da manhã estudando a Bíblia e orando” (1975, p.11, tradução livre).² A devoção matinal e pessoal é

² “Early in life he made it a practice to rise at four o'clock in the morning and spend two or three hours before breakfast studying the Bible and praying”.

chave para o desenvolvimento da comunhão, tal como o primeiro missionário oficial, contemplamos o legado de Cristo. De acordo com Ellen White o “alvorecer encontrava-O muitas vezes em algum lugar retirado, meditando, examinando as Escrituras, ou em oração. Com cânticos saudava a luz da manhã. Com hinos de gratidão alegrava Suas horas de labor, e levava a alegria celeste ao cansado e ao abatido” (2013, p. 52). A exemplo do legado de oração deixado por Cristo e vivido por Andrews extraímos uma lição crucial para a subsistência espiritual dos que professam viver a missão: andar na presença do Maior Missionário, entendendo que o sucesso dela depende do poder dEle.

Um outro elemento essencial que está intimamente ligado à oração é o amor à Palavra de Deus. Como citado anteriormente, diariamente ele dedicava horas ao estudo da Bíblia. Ampliando essa percepção, segundo Fábio Ferreira:

Seu objetivo não era apenas buscar os detalhes, pesquisando os versos e os temas para compor teses e linhas de argumentação. Ele a buscava como inspiração pessoal e diária, encontrando ali os benefícios da comunhão com Deus. Desde moço ele levava consigo urna versão da Bíblia para qualquer lugar” (2015, p.100).

Tomando a citação acima, compreende-se que a o missionário não deve ver a Bíblia como um mero instrumento de trabalho e pesquisa, mas como um elo de relacionamento entre ele e o Criador, um encontro diário com o Verbo encarnado.

Em resposta à sincera e decidida comunhão com Deus, surge um outro elemento fundamental para todo verdadeiro missionário, o amor a Deus e ao próximo. O missionário que não desenvolveu as disciplinas básicas da oração e estudo da Palavra e “não conhece” a Deus profundamente, não estará apto para amar o seu próximo e entregar-se por ele, pois antes, necessita se relacionar e tomar uma compreensão mais ampla do Deus de amor (1 João 4:8). Andrews (1875, p. 36, tradução livre) em seu processo de capacitação, declara: “agora é o grande desejo do meu coração, pregar a Cristo na língua francesa com liberdade para ver pecadores convertidos a Ele”.³ Com base na experiência e comunhão transformadora de Andrews, observa-se que o missionário que verdadeiramente conhece a Cristo não fará de suas experiências transculturais e habilidades desenvolvidas motivo de ambição e orgulho próprio. Em vez disso, ele

³ “It is now the great desire of my heart to preach Christ in the French language with freedom, and to see sinners converted to him.”

empregará todos os seus recursos e conhecimentos com o objetivo central de conduzir os perdidos ao encontro do Salvador, mantendo a centralidade em Cristo como fundamento essencial de sua missão.

Um último ponto substancial é a fidelidade ao propósito. Quando Andrews era ainda jovem recebeu uma atrativa proposta de seu tio Charles. Ele pagaria sua formação profissional, com intento de torná-lo um advogado ou político promissor. Andrews, porém, “sem titubeios ou vacilações, [...] declinou da proposta que lhe foi dirigida. Jamais haveria de permutar sua fé na Palavra de Deus por uma honrosa cadeira no parlamento” (OLIVEIRA, 1985, p. 228). Desde o início de sua jornada, o pioneiro já reconhecia seu chamado missionário. Sua vida foi inteiramente dedicada a missão, quase uma década no campo estrangeiro, mas em nenhum momento retrocedeu, por mais desafiadora que fosse a realidade.

Com base em todos esses relatos, é possível concluir a indispensabilidade de uma boa formação espiritual, além de extrair profundas lições para desenvolvê-la de forma contínua e completa. A vida de J. N. Andrews se mostrou um grande reflexo dos ensinamentos de Jesus, e deve ser considerada um modelo e inspiração na formação espiritual. Ellen White (2007, p. 100) declara, todos podem se “empenhar nesta obra com êxito, se tão somente vos puserdes em comunhão com Deus”. O missionário deve organizar sua rotina, dedicando diariamente um tempo de qualidade para devoção pessoal. Desenvolver o hábito de permanecer conectado com Deus através da oração, estudo da Palavra, amor pelas almas e fidelidade ao propósito irá resultar em resiliência missionária comunicada pelo Senhor. Mesmo diante dos infortúnios e sacrifícios que podem envolver esta jornada, poderá dizer com júbilo tal qual o apóstolo das missões (Timóteo 4:7) “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé”.

Compreensão teológica da missão

Tomando o próprio movimento adventista como exemplo, um elemento fundamental que marcou o desenvolvimento das missões mundiais na IASD foi o processo de compreensão teológica a respeito de seu papel missionário como povo remanescente. Segundo Gerhard Pfandl (2014), uma das características principais do remanescente é a pregação; em Apocalipse 14:6-12 está o cerne da mensagem a ser proclamada pelo remanescente no tempo do fim. A última palavra de advertência deve ser

levada a todo o mundo, alertando para a hora do juízo e chamando um povo a se preparar para o breve regresso do Senhor.

Antes do primeiro envio oficial do pioneiro J. N. Andrews, foi necessária uma maturação teológica a respeito do papel missionário que a Igreja Adventista Do Sétimo Dia possuía em esfera mundial. Segundo Gerard Damsteegt (1977), existiu entre os adventistas uma noção de que a porta de Mateus 25:10, que havia sido interpretada como a “porta da graça” havia se fechado no 10º dia do sétimo mês de 1844. Essa percepção restringia a possibilidade de salvação apenas aos que tinham participado do movimento do Sétimo Mês, o que colocou em xeque a missão. Felizmente essa visão caiu por terra com passar do tempo e os pioneiros se alinharam com a perspectiva bíblica e profética da missão.

Esta maturação teológica pode ser observada no recorte temporal proposto por Alberto Timm (2011). Ele propõe o desenvolvimento da missiologia da IASD em quatro períodos, em que a igreja sai de uma missão “restrita e exclusiva”, para uma missão “mundial e inclusiva”. Observa-se, a partir desses períodos, que progressivamente Deus revelou ao Povo Remanescente a dimensão e largura de sua missão nesta Terra. Neste contexto formativo, o papel teológico de John Andrews como pioneiro foi de grande influência. Segundo George Knight, Andrews foi “em muitos aspectos o erudito mais capaz do primitivo adventismo” (2005, p. 113).

Analisando o que aconteceu no desenvolvimento doutrinário do movimento adventista e, conseqüentemente, na jornada de Andrews, é crucial que os missionários considerem a seriedade desta questão. Eles não devem negligenciar o aprofundamento teológico; pelo contrário, devem buscar diligentemente amadurecer em sua fé, fundamentando-se nas doutrinas bíblicas fundamentais da IASD. Esse aprofundamento nas escrituras à semelhança de Andrews (STENCEL, 2014) pode ser alcançado mediante estudo pessoal contínuo da Palavra de Deus, de livros, manuais, artigos, comentários bíblicos, treinamentos oferecidos pela instituição e publicações oficiais da IASD em geral.

A partir das referências, constata-se que a má interpretação da teologia e suas implicações missiológicas pode afetar substancialmente o avanço da missão, tanto a nível institucional quanto individual. O progresso da missão está intrinsecamente ligado à compreensão teológica adequada, portanto é extremamente importante que os líderes e membros do corpo de Cristo entendam sua identidade bíblica para o avanço da missão.

Vivendo o conselho de 1 Pedro 3:15-16, discípulos de Cristo devem estar "sempre preparados" para dar razão da esperança que têm, baseando-se na Palavra de Deus.

Desprendimento pela causa

A experiência de Andrews é uma grande inspiração de desprendimento missionário. Considerando a dinâmica do trabalho missionário, é primordial para sua formação cultivar o desprendimento e a abnegação. Tratando-se de missão transcultural, esse desenvolvimento se torna ainda mais crucial. Como relatado anteriormente, a decisão tomada por John Andrews de ir à Europa juntamente a seus filhos não foi algo simples, como destacado por Virgil Robinson:

Andrews não encontrou facilidade em responder ao chamado quando este finalmente chegou. Por dois anos, ele desfrutara da tranquila reclusão de sua casa em South Lancaster. Charles e Mary estavam bem na academia. Com acesso livre às bibliotecas de Boston e da Universidade de Harvard, ele pôde realizar pesquisas lá para revisar seu importante livro História do Sábado. Com seu amor pelo estudo tranquilo e pela escrita, ele hesitava em deixar sua agradável casa, se preparar para dominar duas ou três novas línguas, atravessar o oceano e mergulhar na tarefa de realmente lançar o trabalho na Europa (1975, p. 84, tradução livre).⁴

A família Andrews, depois de dois anos da perda irreparável de Angeline, a matriarca do lar, compartilhava um ambiente de consolo e paz. Todos avançavam em seus estudos acadêmicos em condições favoráveis e tranquilas. Este cenário geralmente marca a realidade que precede o envio de um missionário, o estágio "lar". Neste estágio, as circunstâncias frequentemente parecem mais favoráveis, com uma perspectiva de segurança e subsistência quanto ao futuro, uma rede de apoio nos amigos e parentes, acolhimento da pátria, maior estabilidade econômica, saúde mais estável, entre outros

⁴ "Andrews did not find it easy to respond to the call when it finally came. For two years he had enjoyed the peaceful seclusion of his home in South Lancaster. Charles and Mary were doing well in the academy. With free access to the libraries of Boston and of Harvard University, he had been able to do research there in revising his important book History of the Sabbath. With his love of quiet study and writing, he hesitated to leave his pleasant home, prepare to master two or three new languages, cross the ocean, and plunge into the task of really launching the work in Europe."

aspectos que seguem essa linha. O estágio seguinte, “mar”, é marcado pelas incertezas e dificuldades que permeiam o campo missionário, as dúvidas quanto ao futuro, desafio frente ao desconhecido, favorecendo uma profunda dependência em Deus. Andrews (1880, p. 13, tradução livre) chega a dizer: “Nunca, em nenhum momento da América, vi tão grande acúmulo de dificuldades como conhecemos na Europa”.⁵ Demonstrando o quão complexo pode ser lidar com as diferentes realidades de trabalho missionário que existem no mundo.

O desprendimento missionário frequentemente implica uma transição do conhecido para o desconhecido, do previsível ao imprevisível, do seguro para inseguro. No entanto, esse obstáculo pode ser enfrentado pelo missionário mediante à fé e dependência na Palavra de Deus. Apegando-se ao conselho bíblico, o livro de Jonas revela que independente de quão perigoso o destino missionário possa parecer, o lugar mais seguro para um missionário não é, necessariamente, no conforto de seu lar ou pátria, mas onde Deus deseja que ele esteja. Ali desfrutará do verdadeiro propósito salvífico para sua vida, da proclamação das riquezas do evangelho, e da presença de Deus.

Lições de um pioneiro

O pioneiro das missões adventistas se uniu, juntamente a sua família, na proclamação milerita aos seus 15 anos de idade (COLLINS, 2007). Ele passou pela experiência refinadora do Grande Desapontamento em 1844. Ao fim de sua vida, acumulou quase quatro décadas de experiência desde seu primeiro contato com o adventismo primitivo. Serviu a igreja oficialmente por 34 anos como evangelista, teólogo, administrador e missionário, dos quais quase uma década foi dedicada em missões transculturais (OLIVEIRA, 1985). Esses números demonstram a larga experiência de John Andrews, tanto em seu país como em solo estrangeiro.

Retomando a ideia das lições práticas que podem ser extraídas da vida de J. N. Andrews, sustentando esse pensamento, Ellen White aconselha:

Os que entram na obra mais tarde e encontram as coisas prontas nas suas mãos, deveriam pelo menos esforçar-se para pagar o débito que têm para com o Senhor e os obreiros que viveram antes deles, levando

⁵ “I have never at any time in America seen so great an accumulation of difficulties as we have had to meet in Europe”

a verdade para novos territórios, até que chegue a todas as nações, tribo língua e povo. Em todos os países se devem despertar homens e mulheres para levar avante a mesma obra começada pelos que foram postos de lado pelo descanso. A memória desses pioneiros deve ser conservada e, dos tesouros da sua experiência, os obreiros de hoje devem aprender a passar de uma linha do trabalho avançado para outra, seguindo os métodos declarados pelo Espírito Santo em harmonia com Deus e sustentando os princípios ordenados na Palavra, levando o combate ativo a novos campos (2003, p.25).

Baseando-se no conselho inspirado, a obra missionária iniciada por John Nevins Andrews há 150 anos é um legado valioso cujas lições permanecem relevantes até hoje. Seu preparo pessoal, estrutura de apoio familiar, superação de barreiras e resiliência são exemplos inspiradores. Aplicar esses princípios pioneiros na missão presente ampliará o alcance, garantindo melhores resultados e uma missão mais sustentável e promissora.

Preparo pessoal

Como tem sido previamente abordado, as demandas presentes no campo missionário demonstram-se desafiadoras, o que exige bastante entrega e preparo. É evidente, a missão é sustentada pela provisão divina, mas o chamado de Deus e sua onipotência não anulam o esforço e preparo do missionário. Antes de explorarmos as importantes lições presentes no ministério de Andrews, será fundamentado biblicamente a importância do preparo do missionário. Tomando como referência a vida do apóstolo Paulo, fica evidente o forte apoio das escrituras neste sentido. Antes de iniciar seu estimável ministério, após seu chamado divino, o apóstolo passou por um processo de transformação e preparo que levou vários anos de maturação de sua cosmovisão (PRESTES, 2016, p. 283 n84). Paulo é a grande referência bíblica sobre as missões da igreja cristã. Se ele passou por esse processo de preparo, seu exemplo de preparo não deve ser ignorado.

Considerando esse modelo de Paulo, observa-se que na jornada do pioneiro das missões adventistas não foi diferente. O preparo teve um papel fundamental no desenvolvimento de sua missão. Semelhante a outros pioneiros, Andrews teve dificuldades de saúde que prejudicaram seus estudos na infância. Todavia, isso não o

impediu de continuar estudando por conta própria, "John Andrews era um jovem estudioso e abençoado, com uma capacidade incomum de aprender" (OCHS, 1974, p.39, apud DA SILVA, 2015, p. 17). Levava consigo livros por onde quer que fosse, tornando-se posteriormente um excelente autodidata (COLLINS, 2007). Desde sua infância, Andrews cultivou o hábito de estudar. Ao passo que expandia seu conhecimento e desenvolvia sua escrita, tornava-se um instrumento mais bem preparado para a causa de Deus. Segundo Renato Stencil (2014, p.1), aos seus 20 anos ele escreveu seu primeiro artigo na revista *The Present Truth*, um exemplo de seu aperfeiçoamento e prática dos dons concedidos por Deus a ele.

O hábito de estudar e crescer nas diversas áreas do saber não deve ser negligenciado por aqueles que pretendem lançar mão da obra missionária, ainda que em dificuldades, como foi o caso de John Andrews em sua infância. Ele não foi à Europa sem nenhum preparo ou experiência. De acordo com Enoch de Oliveira (1985), foi sob a orientação de J. N. Andrews que a IASD alcançou um dos mais assinalados triunfos no Oeste dos Estados Unidos. Cada missionário deve buscar desenvolver suas habilidades físicas e mentais para a obra de Deus, estudando e se envolvendo com o trabalho missionário em sua esfera local e mundial. Deste modo, adquirirá mais experiência e conhecimento, o que possibilitará alcançar um maior número de pessoas em seus diferentes grupos e lugares.

Estrutura Familiar e Envolvimento com a Missão

A missão desempenhada por J. N. Andrews na Europa não foi iniciada, nem mesmo levada adiante sem o auxílio de sua família. Segundo Leonard (1985) ele foi acompanhado por seus dois filhos adolescentes, Mary e Charles Andrews. De acordo com a Enciclopédia Adventistas (1966), Andrews era casado com Angeline desde 1856. Eles tiveram quatro filhos: Charles, nascido em 1857, Mary, nascida em 1861, e dois outros filhos que morreram prematuramente. Infelizmente, Angeline faleceu em 1872, deixando Andrews viúvo. Optando por não se casar novamente, em sua partida para a Europa em 1874, a família de Andrews era composta apenas por seus dois filhos, órfãos de mãe, e ele, viúvo.

Diante deste cenário, mesmo com o falecimento da Angeline, a família de Andrews desempenharia um papel fundamental em sua jornada missionária, fortalecendo essa ideia, Ronald Graybill escreveu:

Na Suíça, os filhos de John proporcionaram a ele um apoio emocional inestimável e assistência prática. Metade de cada dia, Charles trabalhava no escritório de impressão, aprendendo o ofício. Na outra metade, ele estudava francês e alemão e auxiliava seu pai na leitura das provas. "Ele é perfeitamente estável e tranquilo e não me causa nenhum problema", escreveu John orgulhosamente. "Ele é meu companheiro de dia e de noite e parece preferir minha companhia à de qualquer outra pessoa jovem. Na verdade, eu não saberia [como] viver sem ele." Mary não gostava de dormir sob cobertores de penas, mas se saía bem com a língua francesa. Ela costumava ler as provas do jornal de seu pai, *Les Signes des Temps*, após o Irmão Aufranc, cuja língua materna era o francês, e às vezes encontrava erros gramaticais que haviam escapado de seu olhar (1984, p.22, tradução livre).⁶

Levando em consideração o apoio de seus filhos na missão, compreende-se o valor inestimável do trabalho realizado pela família de Andrews, deixando um exemplo de envolvimento familiar em seu empreendimento missionário. Esse procedimento é fundamentado por Ellen White na *Review and Herald*:

Nossos lares devem estar em ordem, e esforços sinceros devem ser feitos para interessar cada membro da família em empreendimentos missionários. Devemos buscar engajar as simpatias de nossos filhos no trabalho sincero pelos não salvos, para que façam o seu melhor em todos os momentos e em todos os lugares para representar Cristo (1984, p.417, tradução livre).⁷

⁶ "In Switzerland, John's children provided him invaluable emotional support and practical assistance. Half of each day Charles worked in the printing office learning the trade. The other half he studied French and German and helped his father read proofs. "He is perfectly steady and quiet and gives me no trouble," John wrote proudly. "He is my companion by day and by night, and seems to prefer my company to that of any young person. Indeed, I should not know [how] to live without him." Mary did not like sleeping under feather blankets, but she did take well to the French language. She would read the galley proofs of her father's paper-*Les Signes des Temps*-after Brother Aufranc, whose native tongue was French, and she would sometimes find grammatical errors which had escaped his eye"

⁷ "Our households must be set in order, and earnest efforts must be made to interest every member of the family in missionary enterprises. We must seek to engage the sympathies of our children in earnest work for the unsaved, that they may do their best at all times and in all places to represent Christ."

Há uma preciosa lição extraída da vida de Andrews. Deve haver uma preocupação por parte dos missionários de integrar sua família na obra missionária, tal como Mary auxiliava na revisão e Charles na composição tipográfica (MAXWELL, 1982). Esta prática desenvolverá o amor à salvação de almas, os desviando da ociosidade e paralisia espiritual, os educandos no serviço a Deus e ao semelhante. Antes de alcançar o mundo, o missionário deve alcançar sua casa, antes de desenvolver seu Núcleo de Missão, deve fazer de sua casa um.

Aprendendo com os Erros Passados

Embora o pioneiro das missões tenha lições positivas para o desenvolvimento missionário, também devemos considerar que nem tudo foi acerto, seu ministério também foi marcado por falhas. Ellen White (2013, p. 751) comenta que os pioneiros cometeram “erros, mas dos fracassos aprenderam sabedoria; aprenderam a evitar erros e perigos, e não serão eles então competentes para darem sábios conselhos?” Os missionários menos experientes devem se atentar aos sábios conselhos que podem ser extraídos de falhas cometidas no passado, avaliá-las os desviará de tornar a cometer os mesmos erros.

Um dos grandes inimigos do ministério de J. N. Andrews e da maioria dos missionários, especialmente os transculturais, tem sido a negligência no âmbito da saúde pessoal. Segundo Robinson (1975, p. 90, tradução livre), “Muitas das doenças enfrentadas pela família podem ser atribuídas aos maus hábitos alimentares. Além disso, eles consideraram o clima extremamente úmido e frio. Por semanas seguidas não houve sol”.⁸ Além dos fatores como o clima, os maus hábitos alimentares foram determinantes para fragilizar a saúde da família. A economia exagerada na alimentação, refeições baseadas maiormente em carboidratos (“pão branco”, “mingal”, “batata”) com praticamente nenhuma fruta, desencadeou um regime alimentar carente das vitaminas e dos minerais essenciais para uma saúde estável. Infelizmente, esse cenário culminou no adoecimento e morte prematura de John e Mary Andrews (COLLINS, 2007). As condições no campo missionário nem sempre permitirão uma alimentação equilibrada e regular. Sacrifícios serão necessários e nem todo alimento oferecido deverá ser incluído na dieta, alguns oferecerão riscos. O missionário terá que adaptar-se à realidade local, selecionando com sabedoria o que fará parte de seu regime alimentar, buscando uma alimentação mais

⁸ “Much of the ill health suffered by the family can be traced to poor dietary habits. They also found the climate extremely damp and cold. For weeks at a time there was no sunshine.”

nutritiva possível. Considerando esse assunto com seriedade e colocando em prática os princípios de saúde, os missionários terão melhor qualidade de vida e ampliarão seu tempo e influência no campo missionário.

Mesmo diante do descuido de John Andrews, é evidente que o cenário da Europa naquela época não era dos mais favoráveis. A realidade em que se encontrava a família Andrews na Europa era extremamente desafiadora. De acordo com Zurcher (1984), ainda inexperiente no novo empreendimento global, havia uma irregularidade nos recursos enviados a Andrews pela Conferência Geral em seus primeiros anos. Isso dificultou a administração de suas contas e atividades missionárias, priorizando muitas vezes a missão ao invés de suas necessidades básicas e da família. O missionário deve estar pronto para imprevistos e decisões difíceis. Mudanças são recorrentes, a instituição não é infalível e não pode controlar todas as circunstâncias. Uma lição importante está na administração financeira do missionário. Ele deve estar apto a conduzir seus empreendimentos da forma mais sustentável e sábia possível, prevendo o avanço da obra, sem negligenciar a manutenção das necessidades básicas dele e da família, se houver. Muitos dos erros cometidos por Andrews estão ligados à relutância em obedecer aos conselhos das mensagens enviadas por Deus através de Ellen White. Em uma de suas cartas, ela escreve:

Eu aconselhei você a não voltar para a Europa sem uma esposa. Isso não foi da minha própria mente. O Senhor sabia o que era melhor para você. Mais recentemente, me foi mostrado que erros e equívocos teriam sido evitados se você tivesse seguido esse caminho (1883, p.3).⁹

Havendo Andrews atentado aos conselhos inspirados, teria evitado muitos erros e sofrimentos, além de trabalhar por mais tempo e expandido o alcance de sua missão. A segurança e sucesso dos missionários estão em atender ao apelo divino que está em 2 Crônicas 20:20: “Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis”. Deus revela Sua vontade através de Sua Palavra e dos Testemunhos inspirados, são guias seguros em meio às dúvidas e perplexidades que permeiam a vida de cada missionário, sendo uma bússola para o êxito da missão

⁹ “I advised you not to go back to Europe without a wife. This was not from my own mind. The Lord knew what was best for you. I have been shown more recently that errors and mistakes would have been avoided had you pursued this course.”

Conclusão

O missionário adventista não deve abordar seu preparo sem considerar os 150 anos de experiência de seus pioneiros na missão mundial, negligenciando lições preciosas conquistadas a preço de dedicados esforços que custaram a vida de inúmeros missionários, como é o caso de J. N. Andrews e seus dois filhos. Dessa maneira, estará propenso a replicar os mesmos erros, além de desconsiderar exemplos e inspirações valiosos, essenciais para o aprimoramento e avanço da missão. A formação espiritual de J. N. Andrews demonstra a importância da preparação pessoal para enfrentar os desafios do campo missionário. Sua devoção à oração, ao estudo da Bíblia e ao amor pelas almas são fundamentais para qualquer missionário comprometido com a causa de Cristo. Não permutando seu chamado missionário por qualquer outro empreendimento. A experiência de Andrews demonstra que o sucesso na missão depende não apenas do apoio organizacional, ou de dons pessoais desenvolvidos, mas, essencialmente, de uma sólida formação espiritual. A compreensão da identidade missionária é outro aspecto crucial. O desenvolvimento teológico do movimento adventista mostrou a necessidade de uma base teológica bem formada para o avanço da missão. Os missionários devem estar bem fundamentados nas doutrinas bíblicas da IASD e preparados para ensinar e defender sua fé com clareza e convicção.

O desprendimento pela causa missionária é essencial. A decisão de Andrews de deixar o conforto de sua vida nos Estados Unidos para enfrentar as incertezas na Europa exemplifica a necessidade de sacrifício pessoal em prol da missão. Este espírito de abnegação e dependência de Deus é crucial para superar os desafios e imprevistos no campo missionário. Além disso, o envolvimento e dedicação da família de Andrews com a missão mostrou-se fundamental para o sucesso do empreendimento missionário de J. N. Andrews. O apoio emocional e prático de seus filhos, Mary e Charles, foi inestimável. A integração da família na obra missionária não só fortalece o missionário, mas também educa e envolve os membros da família na missão de Deus e no propósito salvífico de Cristo para eles. Por fim, aprender com os erros do passado é fundamental. A negligência da saúde pessoal e familiar foi um grande inimigo no ministério de Andrews. Sua economia exagerada na alimentação, aliada às condições adversas, contribuiu para o declínio da saúde da família. Este aspecto ressalta a importância de cuidar da saúde física e não a considerar de menor importância. O missionário deve reconhecer esse ponto como parte integral da missão. Como foi analisado na vida de John Andrews, muitos desses

sofrimentos e erros podem ser evitados pelo missionário caso ele se atente aos conselhos inspirados de Ellen White e tome a Bíblia como guia para sua vida.

Em síntese, a experiência de J. N. Andrews na missão transcultural oferece um modelo inspirador para os missionários de hoje. Seu amor a Deus e às almas, motivado por uma boa formação espiritual, seu preparo e compreensão teológica, desprendimento e integração familiar na missão são princípios que, quando bem aplicados, podem resultar em uma missão mais promissora e sustentável. Em 1875, Ellen White (2013, p. 385) destacou a necessidade urgente de missionários, afirmando que havia apenas um representante adventista no vasto campo missionário estrangeiro. J. N. Andrews era um excelente missionário, mas apenas um não era suficiente. Hoje este apelo ainda ecoa: “Não há senão um missionário nosso em todo o vasto campo dos países estrangeiros”. Temos uma mensagem “poderosa”, mas “não é posta em prática”. Ela conclui: “Não basta pôr simplesmente o dinheiro sobre o altar. Deus requer homens, voluntários, que levem a verdade a outras nações, e ‘língua e povo’” (Apocalipse 14:16). Andrews e seus filhos descansaram, o campo missionário é vasto. Ainda há poucos missionários, e hoje, Deus tem um chamado especial para você se alistar nas fileiras do exército missionário que levará a mensagem do advento até os “confins da terra” (Atos 1:8) e concluirão, por fim, a missão.

Referências

ANDREWS, J. N. General Conference Paper of the Seventh Day Adventists. Review and Herald Publishing Association. **Review and Herald**, Battle Creek, v. 55, n. 1, Jan. 1, 1880.

ANDREWS, J. N. The work in Europe. **The Advent Review and Herald of the Sabbath**. Battle Creek: n.5, v.45, 28 de janeiro de 1875, p.36.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

COLLINS, N. J. **Retratos dos pioneiros**. v 1. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

DAMSTEEGT, P. Gerard. **Foundations of the seventh-day adventist message and mission**. 1. ed. Michigan, MI, USA: William B. Eerdmans, 1977.

FORTIN, Denis. **Enciclopédia Ellen G. White**. Jerry Moon Wellington Vedovello Barbosa et al. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

GRAYBILL R. John N. Andrews: The Family Man. **Adventist Heritage**: a journal of Adventist history. Riverside, CA, n. 1, v. 9, spring, 1984.

KNIGHT, George R. **Em busca de identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. José Barbosa da Silva. Marcos de Benedicto, Rubem M. Scheffel. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. 220 p.

LEONARD, Harry. **J.N. Andrews: the man and the mission**. 1.ed. Michigan, USA: Andrews University, 1985.

MAXWELL, C. Mervyn. **História do adventismo**. Azenilto G. Brito. 1. ed. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

OCHS, Daniel A. **The Past and the presidents**: biographies of the general conference presidents. 1. ed. Nashville, USA: Southern Publishing Association, 1974.

OLIVEIRA, Enoch de. **A mão de Deus ao leme**. 1. ed. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

PFANDL, G. Marcas do remanescente do tempo do fim no Apocalipse. In: DORNELES, V.; PINHEIRO, P. R.; DE BENEDICTO, M. (Orgs.). **A Teologia do Remanescente: Uma Perspectiva Eclesiológica Adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014. p. 153-172.

PRESTES III, Flavio. Worldviews: **Concepts or Narratives? An Integrative Definition to Assess Their Controlling Effect in the Biblical and Atheistic Evolutionary Models**. Andrews University Seminary Studies (AUSS), v. 57, n. 2, p. 267-304, 2019. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/auss/vol57/iss2/3>. Acesso em: 15 maio 2024.

ROBINSON, V. 100 Years of Adventist Missions 1874-1974. **Advent Review and Sabbath Herald**, v. 151, n. 37, p. 987, 12 set. 1974.

ROBINSON, v. **John Nevins Andrews: flame for the lord**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1975.

SCHWARZ, Richard Willian. **Portadores de Luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Francisco Alves de Pontes. 2 ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2016.

SILVA, Fábio Ferreira da. "**O Homem mais Capaz de Nossas Fileiras**": contribuições da vida e obra de J. N. Andrews ao período formativo da IASD e aplicações para o adventismo hoje. 2015. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade Adventista de Teologia, Engenheiro Coelho, SP, 2015. 129 f.

STENCEL, Renato. **John N. Andrews 140 anos das Missões Adventistas**. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/8524138/John_Nevins_Andrews_140_Anos_da_Miss%C3%A3o_Adventista . Acesso em: 08, maio, 2024.

TIMM, Alberto. **Missiologia adventista do sétimo dia, 1844-2010: breve panorama histórico**. Teologia e Metodologia da Missão. Seminário Latino-Americano de Teologia, Cachoeira-BA, p. 79, 2011.

WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver**. 10. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. 382 p.

WHITE, Ellen G. **Conselhos aos idosos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

WHITE, Ellen G. **Letters A-01**. Centro White: 1883.

WHITE, Ellen G. **Mente, caráter e personalidade 2: guia para a saúde mental e espiritual**. Luiz Waldvogel. 5. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, Ellen Gould. **Serviço cristão: Como servir a Deus com prazer e alcançar resultados**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen Gould. **Testemunhos para a igreja 3**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a igreja 7**. Horne P. Silva. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006. v. 7. p.38-39.

WHITE, Ellen G. The True Missionary's Dependence Is In God. **The Review and Herald**, Battle Creek: n.27, v.70, 07 de julho de 1893, p.417.

ZURCHER, J. John N. Andrews: the Christopher Columbus of Adventism. **Adventist Heritage: a journal of Adventist history**. Riverside, CA, n. 1, v. 9, spring, 1984.

A vida e legado de Mary Andrews

Melissa Querido Batista¹

Introdução

A missão evangélica adventista se inicia com John Andrews, primeiro missionário elegido pela Igreja, que é enviado à Europa em 1874 para pregar e converter pessoas. Antes disso, a Igreja não tinha a propagação do adventismo para outras línguas como prioridade. Os esforços de alcançar outros povos se resumiam em alguns folhetos que eram produzidos em francês, alemão, dinamarquês, sueco e holandês (GORDON, Paul A.; MACLAUGHLIN, 1988). Não seria uma tarefa fácil, visto que não havia nenhum precedente para servir de exemplo, mas John não estaria sozinho. Junto a ele estava um intérprete francês, Adémar Vuilleumier, seu filho Charles e sua filha Mary (VALENTINE, 2019). Visto que o pioneirismo de John Andrews para a disseminação do adventismo é bem documentado e investigado, este artigo procura explorar de maneira biográfica a vida e contribuição de sua filha, Mary Andrews, que tinha apenas 12 anos de idade quando acompanhou seu pai até a Suíça.

Examinar os primeiros anos e infância de Mary Frances Andrews não apenas lança luz sobre sua jornada pessoal, mas também oferece uma perspectiva valiosa sobre as experiências e desafios enfrentados pelos primeiros missionários adventistas do século XIX. A nova realidade que vivenciou na Suíça trouxe consigo desafios linguísticos, financeiros e domésticos. Ainda assim, Mary trabalhou incansavelmente ao lado de sua família para estabelecer uma presença adventista na Europa. O trabalho que desempenhou preparou o caminho e definiu um exemplo de padrões elevados para futuros missionários adventistas.

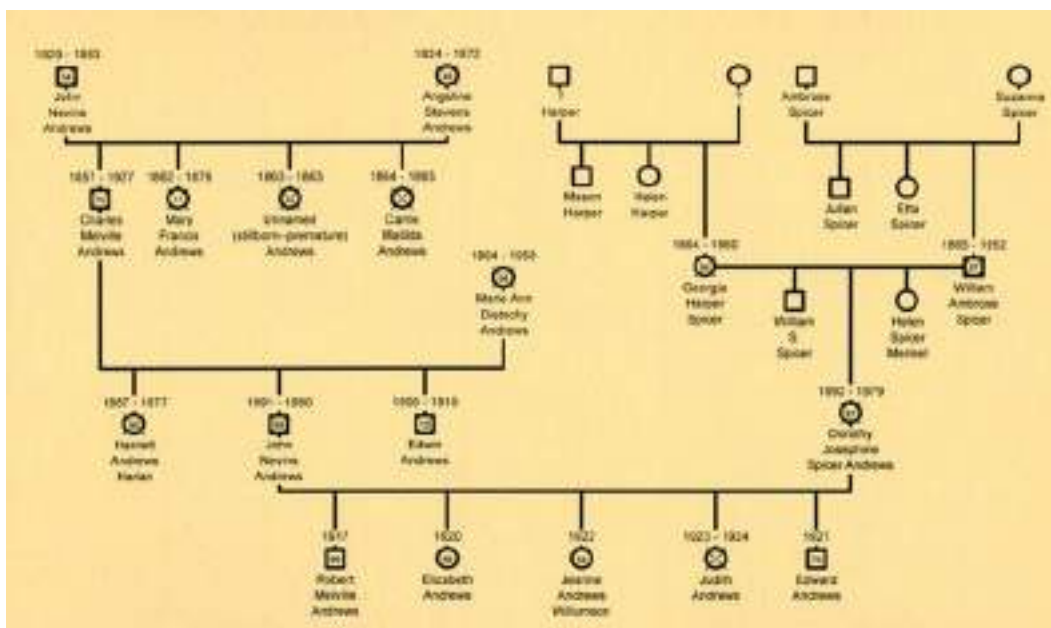
De fato, a vida de Mary Frances Andrews foi definida por seu compromisso com o trabalho missionário. Sua dedicação incansável não apenas a tornou uma figura crucial na expansão da igreja, mas também deixou um legado duradouro de fé e serviço que tem a capacidade de inspirar gerações de missionários adventistas. A divulgação e análise de sua vida é, portanto, de suma importância para a missiologia adventista.

¹ Melissa Querido Batista. Graduanda em Tradutor e Intérprete. Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP, Brasil. E-mail: melissa.batista@unasp.edu.br

Primeiros Anos e Infância

Mary Frances Andrews nasceu no dia 29 de setembro de 1861 na área rural de Waukon, Iowa, nos Estados Unidos. Seu pai não passava muito tempo em casa devido a suas incumbências como líder da Igreja Adventista, e havia chegado em casa apenas duas semanas antes de seu nascimento. A presença de John na casa foi benéfica, pois o parto foi complicado, e sua mãe, Angeline, ficou tão debilitada que não foi capaz de sair de casa por três semanas. Andrews cuidou da esposa e de seu outro filho, Charles, de quatro anos, até que ela estivesse totalmente recuperada (VALENTINE, 2019).

No mesmo ano, a família se realocou para a costa leste. Em 17 de fevereiro de 1863, Mary e sua família chegaram em Rochester, Nova York, e ela reencontrou seu pai, o qual ela não via a cerca de nove meses, aos 17 meses de idade. Mary não reagiu bem à mudança de ambiente, com medo dos novos arredores. Mesmo depois de dias, ainda tinha medo de se sentar no colo do pai (GRAYBILL, 1984).



Árvore Genealógica dos Andrews. Fonte: Center for Adventist Research

Em 17 de fevereiro de 1872, a mãe de Mary teve um AVC grave que deixou a parte direita de seu corpo parcialmente paralisada. Toda a família se mobilizou para amparar Angeline, e Mary, com apenas 11 anos de idade e desejando ajudar a mãe de alguma forma, participou de sessões de oração familiares pela vida e melhora de dela. Infelizmente, Angeline morreria, vítima de outro AVC, no dia 19 de março de 1872, aos

48 anos de idade. O evento marcaria profundamente Mary, que perdera a mãe com apenas 10 de idade (GRAYBILL, 1984). Em maio do mesmo ano, a família se muda para North Lancaster, em Massachusetts, por conta da perda recente (SMOOT, 1984).

Mesmo diante do luto pela morte de sua esposa, John precisou voltar para seu trabalho na Igreja. Sem um guardião presente em casa, Mary e Charles foram colocados aos cuidados da família Harris, amigos de John, pelos dois anos seguintes. Em North Lancaster, Mary e seu irmão seriam educados em uma escola próxima à casa dos Harris (VALENTINE, 2019).



A família Andrews em 1863.
Fonte: Center for Adventist Research

A falta de uma figura materna na casa provou ser desafiadora. Nas férias de verão, por exemplo, John Andrews confessou ter dificuldade de preencher o tempo livre de seus filhos. O pai procurou auxiliá-los em seus estudos e ocupá-los com tarefas e atividades construtivas. Assim, enquanto seu irmão trabalhava no campo com alguns fazendeiros, Mary ajudava com as tarefas domésticas. As crianças também tinham a chance de acompanhar o pai ocasionalmente em suas viagens pastorais a Boston às sextas-feiras (VALENTINE, 2019).

Mesmo que John tentasse manter seus filhos fora de problemas, Mary, como qualquer criança, não estava isenta das travessuras comuns de sua idade. Quando menina ela fez amizade com Mary Stratton e Genevieve Hastings. As três meninas se conheceram

em uma reunião campal em South Lancaster e faziam companhia umas às outras nas reuniões da Igreja. Embora não fossem ardeiras, as garotas tomavam parte em conversas e risos típicos de crianças da sua idade, fazendo com que fossem repreendidas por seus pais ocasionalmente. Certa vez em uma reunião, o jantar ainda não havia sido servido, e Mary estava com fome. Como ela sabia onde a comida era guardada, decidiu abrir o recipiente com os biscoitos que seriam servidos após a janta e comer alguns. Stratton e Genevieve, com medo de serem flagradas, observaram Mary mordiscar os biscoitos, deixando-os pela metade no pote. Por sorte, a menina não foi descoberta, e seu “delito” permaneceu impune (HASTINGS, 1921).

Tais relatos esclarecem um pouco o tipo de infância que Mary Andrews teve. Entre o falecimento da mãe e sua dedicação para que ela se recuperasse, as ocupações cotidianas, até as peripécias comuns de uma garota de sua idade, estava uma menina que não sabia que tipo de futuro a esperava. No entanto, conforme Mary alcançou o prelúdio da adolescência, sua vida teria uma reviravolta. Ela se encontraria no meio de um enredo histórico no qual ela desempenharia um papel crucial.

Trabalho Missionário

Em 15 de setembro de 1874, Mary e sua família embarcaram no navio Atlas, que saiu de Boston, Massachusetts, para a Europa quando ela tinha quase 13 anos de idade. Seu pai havia sido escolhido para ser o primeiro missionário a ser enviado para difundir a mensagem da Igreja Adventista, e Mary, juntamente com seu irmão, se juntou a Andrews nesta empreitada. A viagem até o porto na Inglaterra levou 12 dias. Após isso, eles eventualmente se estabeleceriam em La Coudre, Suíça, onde iniciariam a obra missionária (BYERS, 2013).

Ao embarcarem para a Europa, nenhum dos membros da família era fluente nos idiomas falados na Suíça, alemão e francês. O desejo e empenho em ter a capacidade de se comunicar e disseminar a Palavra de Deus era tanto que John chegou a banir o inglês totalmente, exceto das 17:00 às 18:00, no restante das horas sendo permitido apenas o francês e alemão. Mary e Charles não reagiram bem à regra inicialmente, muitas vezes esperando o dia inteiro até a “hora do inglês” para falar o que queriam, passando o resto do dia em silêncio total. Em 24 de dezembro de 1876, os três assinaram um pacto escrito para o uso exclusivo do francês, com a liberdade de usar o alemão quando quisessem (COPIZ, 1984). Além disso, Mary possuía uma cópia do Novo Testamento bilingue, em

inglês e alemão (WHITE, 1976). A menina estudava a Bíblia com frequência, e registrou a data em que a leu na íntegra pela primeira vez em sua última página, 15 de maio de 1875, em Neuchâtel (POUBLAN, 1974). Ela e seu irmão também estudavam a língua francesa com uma tutora incessantemente, exceto aos sábados (BYERS, 2013).

As atividades e constante integração do francês à rotina da família eram estressantes para a jovem. Em uma carta endereçada à sua amiga Genevieve, Mary expressa sua frustração no aprendizado do francês: “Eu queria que você estivesse aqui para aprender francês comigo, embora confesse que não é muito divertido. Estudamos a gramática francesa inúmeras vezes”² (HASTINGS, 1921, p.13, tradução nossa). Mesmo sendo intensa, a estratégia incisiva de Andrews traria resultados para a fluência de Mary ao longo do tempo.



Casa que a família morou em Neuchâtel, Suíça
Fonte: Center for Adventist Research

As dificuldades de Mary não eram apenas de natureza linguística. A vida doméstica que a família levava na Suíça era precária. Por causa da morte de sua mãe, Mary não aprendeu a cozinhar. Suas instruções passadas resumiam-se ao estudo formal. A falta de um cozinheiro competente fez com que a dieta da família se tornasse pobre nutritivamente (ZURCHER, 1984).

² “I wish you were here to learn French with me, though I confess it is not much fun. We have been through the French grammar several times”.

Além de cozinhar, Mary era responsável pela compra de alimentos, limpeza e o restante dos serviços domésticos. Eventualmente, os fundos da família foram se esgotando, o que levou a menina a catar uvas em vinhedos para poder comprar comida. Em 1876 os Andrews se mudaram para a Basileia, em uma casa que contava com uma ajudante doméstica. Essa adição permitiu que Mary auxiliasse mais seu pai na obra editorial. A jovem se tornou tão proficiente no francês que futuramente se tornaria revisora para o *Les Signes des Temps*, a revista missionária que seu pai estava elaborando (BYERS, 2013).



Mary Andrews na adolescência.
Fonte: Center for Adventist Research.

O *Les Signes des Temps* seria a versão francesa do *Signs of the Times*, a revista americana. A editora francesa não contava com muitos colaboradores, portanto, grande parte dos primeiros artigos eram apenas versões traduzidas do inglês para o francês. A revisão do texto francês funcionava da seguinte forma: Charles lia o material, seguido por Mary, o professor Louis Aufranc e, finalmente, John Andrews. Cada um contribuía para a correção do texto, anotando erros gramaticais e ortográficos. O tipógrafo então fazia as correções necessárias e comparava a versão impressa revisada com a corrigida à mão, para que essa passasse pelo mesmo processo, sendo revista por todos outra vez (VALENTINE, 2019).

A dedicação da família seria recompensada. A primeira edição do *Les Signes des Temps*, publicada em julho de 1876, teve um total de 200 cópias. Para a quinta edição,

por outro lado, foi necessário o dobro de cópias para suprir a demanda de assinaturas. Os Andrews trabalhavam juntos para enviar as revistas aos assinantes. Enquanto Charles dobrava, Mary embrulhava e John escrevia os endereços. A editora, no entanto, requeria muito tempo da família. Tanto tempo que, eventualmente, Mary e Charles precisariam deixar seus estudos de lado para priorizar a revista (VALENTINE, 2019).

Últimos Anos

Em 21 de julho, Jennie Ings, que estava cuidando das crianças na ausência de Andrews, envia uma carta para Ellen White, mencionando, entre outras coisas, que Mary havia contraído uma tosse depois de ficar gripada (VALENTINE, 2019). Essa menção casual de uma tosse supostamente passageira seria apenas o primeiro sinal do fim trágico de Mary Andrews, pois sua saúde continuaria piorando conforme as semanas se estendiam.

Na ocasião da enfermidade de Mary, seu pai não estava presente, por estar em uma viagem em assuntos da Igreja. Quando voltou para casa brevemente (pois viajaria para a Itália pelos mesmos motivos) encontrou a menina prostrada e amuada em repouso. Ao vê-lo partir para a Itália, ela “ficou tão aflita que enterrou sua face no peito [do pai] e chorou violentamente”³ (VALENTINE, 2019, p. 764, tradução nossa). Percebendo que a saúde de sua filha se agravava cada vez mais, Andrews retornou aos Estados Unidos com Mary, onde a jovem foi tratada no Sanatório de Battle Creek, e essa tosse persistente diagnosticada posteriormente como um sintoma de tuberculose por John H. Kellogg (GRAYBILL, 1984). Ela voltaria para os Estados Unidos no dia 14 de setembro, chegando no Sanatório doze dias depois (VALENTINE, 2019). Seu caso foi tratado com zelo e prioridade, visto que Mary foi uma das duas primeiras pacientes do novo prédio do Sanatório, juntamente com Elizabeth Cross (MONTGOMERY, 1925).

Em Battle Creek, John informa à Mary que talvez precisaria deixá-la no Sanatório para voltar à Europa e continuar seu trabalho. Embora a adolescente parecesse compreender a princípio, a progressão da doença a deixou mais apreensiva. Sua avó lhe fazia companhia, porém, toda vez que seu pai a visitava, Mary parecia sentir sua falta,

³ She “was so affected, that she buried her face in my bosom and sobbed violently”.

comentando: “faz tanto tempo que você foi embora”⁴ (VALENTINE, 2019, p.770, tradução nossa). Mary se sentia sozinha, e ansiava pela presença do pai.

John Andrews não voltou para a Suíça, permanecendo ao lado de sua filha, que, em seus últimos dias, tomada pelos delírios da febre, aflição e ansiedade e sofrendo física e mentalmente, implorou para que o pai não a deixasse sozinha. No Sanatório, recordando que Angeline passou por uma situação similar, a adolescente confessa a ele que não sabia “como a mãe suportava que você a deixasse, como conseguia tê-lo longe dela por tanto tempo”⁵ (VALENTINE, 2019, p. 24, tradução nossa).

A saúde de Mary era uma preocupação significativa para a igreja. Os irmãos de Battle Creek organizaram inúmeras sessões de oração por sua recuperação, tal como fizeram para Angeline anos atrás. Em seus últimos dias, John, refletindo sobre a condição da filha, chegou a sugerir que talvez fosse a vontade de Deus que ela descansasse. A resposta da menina foi: “Eu tenho coragem, por que você não pode ter coragem?”⁶ (VALENTINE, 2019, p.771, tradução nossa). Para Mary, o comentário do pai demonstrava falta de fé. Ela sonhava em voltar para a Europa e revisar os textos franceses. Quando John mencionou a possibilidade outra vez, ela pediu que ele não tocasse no assunto, porque não queria se separar do pai. Uma noite, quando a menina pediu ao pai que não fosse embora outra vez, ele atendeu seu pedido e passou a madrugada do dia 27 de novembro com ela. Pai e filha fizeram uma oração às 4:30 da manhã para que Deus aliviasse seu sofrimento (ANDREWS, 1878). Posteriormente, ele entenderia que Deus atendeu a oração feita com a filha. Ao todo, Mary ficou doente por seis meses antes de descansar (VALENTINE, 2019).

Mary Andrews faleceu no dia 27 de novembro, aos 17 anos, de tuberculose. Ela foi sepultada ao lado de sua mãe no cemitério de Mount Hope. Embora a família tenha ficado pesarosa devido à perda, permaneceram firmes na esperança de reencontrá-la na vida eterna. Charles escreveu para seu pai: "Nossa separação será breve... e então, caso formos fiéis, veremos nossos amados... Portanto, pai, não se desanime... Oramos

⁴ “It has been so long that you have been gone”.

⁵ “I don’t see how mother could have you go away from her and be gone so long”.

⁶ “I have courage, why can’t you have courage?”

demasiadamente pelo senhor"⁷ (GRAYBILL, 1984, p.23, tradução nossa). Ellen White, em uma carta de consolo, disse:

Simpatizamos profundamente com você em seu intenso sofrimento, mas não lamentamos como aqueles que não têm esperança... Mary, amada e preciosa criança, está em repouso. Ela foi a companheira de suas tristezas e esperanças frustradas... Através do olhar perspicaz de fé, você pode antever... sua Mary com a mãe e outros membros de sua família respondendo ao chamado do Doador da Vida e saindo de sua prisão triunfando sobre a morte. ... O Senhor te ama, meu querido irmão. Ele te ama (GRAYBILL, 1984, p. 23, tradução nossa).⁸

E ainda:

Tu achas que se não fosse essa grande perda serias um homem relativamente feliz. Mas pode ser que a própria perda de tua filha neste mundo seja para ti, e não somente para ti mas para muitos na Suíça, algo que contribua para a salvação de pessoas. A luz irromperá dentre essas trevas que para ti às vezes se afiguram incompreensíveis (WHITE, 1878).

O funeral ocorreu na manhã de sábado, dia 30, na igreja de Battle Creek. O prédio estava repleto de familiares, amigos e membros, a ponto de não haver lugar para todos (AMADON, 1878). O pai de Mary fez um apelo à juventude presente na ocasião, pedindo que aprendessem com o exemplo, vida e fé de Mary (SMITH, 1878). Esta súplica fervorosa de um pai elutecido ecoa até os dias de hoje.

Conclusão

Em seus primórdios, a Igreja Adventista contou com muitas figuras essenciais para seu crescimento. Indivíduos dedicados e honestos que viveram suas vidas em prol de sua fé. Esses personagens, como Ellen e Tiago White, Urias Smith, Joseph Bates e John Andrews, foram pioneiros da Igreja, cujas histórias são contadas e preservadas até os dias de hoje. Contudo, o progresso da mensagem não é atribuído apenas a essas

⁷ "Our separation will be but short . . . and then, if faithful, we shall meet our loved ones... So, pa, don't feel discouraged... We pray much for you".

⁸ We deeply sympathize with you in your great sorrow, but we sorrow not as those who have no hope... Mary, dear precious child, is at rest. She was the companion of your sorrows and disappointed hopes... Through faith's discerning eye, you may anticipate... your Mary with her mother and other members of your family answering the call of the Life-giver and coming forth from their prison house triumphing over death... The Lord loves you, my dear brother. He loves you.

peessoas. O passado guarda inúmeros outros, menos conhecidos ou desconhecidos, que também contribuíram para o crescimento do adventismo. Tratando-se de Mary, pode-se observar que suas exímias habilidades linguísticas foram notadas em sua época e posteriormente por alguns personagens.

Enquanto auxiliava seu pai com o trabalho na editora francesa, um dos trabalhadores, Professor Aufranc, afirmou que Mary “fala francês como se fosse uma menina francesa”⁹ (SATELMAJER, 1986, p.13, tradução nossa). Além disso, era dito que ela era capaz de detectar erros gramaticais que nativos franceses não percebiam (GORDON, 1987).

Na ocasião de sua morte, Mary Martin escreveu um poema, posteriormente publicado na *Review and Herald*, comparando Mary Andrews à Mulher do Vaso de Alabastro de Mateus 26:6-13. As duas últimas estrofes do poema seguem:

“E assim como ‘o odor impregnou toda a casa’
Da jarra custosa tão alegremente rompida,
Também irá a fragrância desta jovem vida
Perdurar té que a vida infinda seja concedida.

Então tenha paciência, pobre coração, espere;
Pois um triunfo vem sobre a morte.
O encontro e a coroação se aproximam,
E, ó, que gozo isso trará para ti!”¹⁰ (MARTIN, 1879, p. 151, tradução nossa).

Na biografia de John Andrews, ao comentar sobre Mary, Valentine a descreve como uma “filha esperta e inteligente” que “dominou o francês muito bem” e cujas “habilidades linguísticas e editoriais, mesmo aos 16 anos, foram tão importantes para o sucesso dos empreendimentos evangelísticos [de seu pai], o *Les Signes des Temps*” (VALENTINE, 2019, p. 27, tradução nossa)¹¹.

Desde sua infância precoce até os anos finais marcados pela luta contra a tuberculose, Mary deixou um legado de coragem e fé inabalável. Esse legado foi homenageado 125 anos depois de seu nascimento, no dia 28 de setembro de 1986, quando foi erigido um memorial em seu local de sepultamento em estima por sua contribuição.

⁹ Mary "can speak French as though she were a French girl".

¹⁰ And as " the odor filled all the house"/ From the costly box so gladly riven,/ So shall the fragrance of this young life/ Remain till the endless life be given./ And then—have patience, poor heart, and wait;/ For there cometh o'er death a victory./ The meeting and crowning time is near,/ And oh, what bliss it will bring to thee!

¹¹ “This bright, intelligent daughter had mastered French so well, and her language and editorial skills, even at sixteen, were so important to the success of his evangelistic venture, *Les Signes des Temps*”.

Antes disso, seu cadáver se encontrava em um túmulo não marcado junto aos de sua mãe e irmã prematura. A descoberta de seu local de descanso só foi possível pela ajuda de irmãos da igreja de Rochester Bay Knoll (SATELMAJER, 1986).

A história de Mary Frances Andrews foi repleta de desafios, sacrifícios e dedicação à causa que abraçou. Sua vida foi entrelaçada com a missão de sua família, e ela se tornou uma peça fundamental na disseminação da mensagem adventista na Europa. Mesmo diante das adversidades linguísticas, domésticas e de saúde, Mary perseverou, tornando-se uma revisora dedicada e uma inspiração para aqueles ao seu redor.

As palavras de John Andrews quanto ao falecimento de sua filha resumem da melhor maneira a relação dos dois, tanto como pai e filha, quanto como missionários:

Na manhã de ontem, às quatro e meia, minha querida filha, Mary F. Andrews, adormeceu. Essa criança prestou-me grande ajuda na Europa e, quando nos deparamos com privações e necessidade, ela enfrentou tudo com uma coragem imbatível, paciência, fé e esperança. O que ela sofreu fez com que adormecesse por tuberculose. Ela sucumbiu na obra num momento em que seus serviços se tornaram de grande valor. Quem se levantará para ocupar seu lugar? (GORDON, 1987, p. 16-17, tradução nossa)¹²

As palavras de Andrews se repercutem até os dias atuais. É evidente que seu falecimento prematuro deixou uma lacuna não apenas no coração daqueles que a amavam, como também na missão europeia. No entanto, sua memória continua a ecoar como um testemunho de fé, esperança e amor. A história de Mary Andrews não é apenas uma perda, mas uma inspiração para continuar a obra missionária iniciada pelos Andrews anos atrás com a mesma coragem e convicção nos dias de hoje.

¹² “Yesterday morning at four-thirty my dear daughter, Mary F. Andrews, fell asleep. This child rendered me great assistance in Europe, and when we encountered privation and want, she met all with invincible courage and with patience, faith, and hope. What she suffered caused her to fall by quick consumption. She has fallen in the work at a time when her services had become of great value. Who is there that will rise up to take her place?”

Referências

- AMADON, George W. **Diário de George W. Amadon**. 30 de novembro de 1878.
- ANDREWS, John N. **Death of Sister Andrews**. *Review and Herald*. Vol. 39, No. 16, 2 de abril de 1872, p.124.
- ANDREWS, John N. **In Memory of Mary Andrews**. *Diário de John Andrews*. 1878. Center of Adventist Research.
- BYERS, Carolyn. **The First Missionary Kid**. *Mission 360°*. Vol. 1, No. 1, 2013, p. 30.
- CENTER FOR ADVENTIST RESEARCH. **The Andrews Family: Adventism's First Family of Missions – Virtual Exhibit**. *Andrews University*. Disponível em: <https://centerforadventistresearch.org/andrews-family-exhibit/>. Acesso em: 16/05/2024.
- COPIZ, Pietro E. **John N. Andrews: The Prince of Scholars**. *Adventist Heritage*. Primavera de 1984, vol. 9, no. 1, p.57-64.
- GORDON, Paul A. **Mary Andrews: Teenage Pioneer**. *Adventist Review*. Vol. 164, No. 22, 28 de maio de 1987, p.16-17.
- GORDON, Paul A.; MACLAUGHLIN, Beverly. **Biographical Sketches**. Harvest 90 Education Project. Julho, 1988, p.1-3.
- GRAYBILL, Ronald. **John N. Andrews: The Family Man**. *Adventist Heritage*. Primavera de 1984, vol. 9, no. 1, p.9-23.
- HASTINGS, Genevieve. **Our First Foreign Missionary Volunteer**. *The Youth's Instructor*. Vol. 69, No. 29, 19 de julho de 1921, p.13-14.
- MARTIN, Mary. **A Tribute**. *Review and Herald*. vol. 53, no. 19, 8 de maio de 1879, p. 151.
- MONTGOMERY, O. **Elizabeth Cross-Clark**. *Review and Herald*. Vol. 102, no. 37, 10 de setembro de 1925, p. 21-22.
- POUBLAN, G. **Centenaire de l'Englise adventiste em Europe: 1874-1974**. *Revue Adventiste*. No 11, novembro de 1974, p. 11.
- SMITH, Uriah. **Fallen Asleep**. *Review and Herald*. Vol. 52, No. 23, 5 de dezembro de 1878, p.180.
- SATELMAJER, Nikolaus. **A Memorial for A Teenage Adventist Pioneer**. *The Atlantic Union Gleaner*. 11 de novembro de 1986. No. 21, p.13.
- SMOOT, Joseph G. **John N. Andrews: Humblest Man in Our Ranks**. *Adventist Heritage*. Primavera de 1984, vol. 9, no. 1, p.24-33.

VALENTINE, Gilbert M. **J. N. Andrews: Mission Pioneer, Evangelist, and Thought Leader.** *Pacific Press.* 2019.

WHITE, Edward E. **Euro-Africa.** *Review and Herald.* 1º de abril de 1976, p.26.

WHITE, Ellen G. **Luz Dentre as Trevas.** *EGW Writings.* 5 de dezembro de 1878
Disponível em: [https://egwwritings.org/read?panels=p1920.3908\(1920.3909\)&index=0](https://egwwritings.org/read?panels=p1920.3908(1920.3909)&index=0).
Acesso em: 16/05/2024.

ZURCHER, Jean. **John N. Andrews: The Christopher Columbus of Adventism.** *Adventist Heritage.* Primavera de 1984, vol. 9, no. 1, p.35-45.

A Vida de Annie R. Smith e os Efeitos da Desilusão Amorosa

Priscila Carvalho dos Santos¹

Introdução

Nos primórdios do movimento Adventista, um período de efervescência ideológica e busca espiritual, diversas figuras emergiram como pilares do desenvolvimento das doutrinas e fundamentos que definiram o que é hoje a Igreja Adventista. Ao longo dos anos, muito tem sido escrito e documentado sobre os pioneiros e fundadores desse movimento religioso que, por sua vez, deu origem à Igreja Adventista do Sétimo Dia.² Entre essas figuras proeminentes, destaca-se Annie Rebekah Smith, cujo papel na história da igreja, embora breve, foi marcado por contribuições literárias e poéticas de grande relevância.

A história de Annie se entrelaça de maneira íntima com a de três dos fundadores mais notáveis do Adventismo: Tiago e Ellen G. White e José Bates. Além disso, sua vida foi profundamente influenciada pelo relacionamento com outro pioneiro crucial para o desenvolvimento doutrinário e missiológico da igreja, o talentoso John Nevis Andrews.

Annie Smith enfrentou ao longo de sua vida uma série de desafios e desapontamentos, os quais ela frequentemente expressava em seus poemas e escritos. Sua produção literária refletia não apenas suas próprias lutas e experiências, mas também sua visão de mundo e sua interpretação dos princípios adventistas.

Com este breve relato almeja-se não apenas explorar os eventos e circunstâncias que moldaram a vida de Annie R. Smith, mas também entender o impacto que sua presença teve na comunidade adventista da época e como suas contribuições continuam a ecoar na história da igreja até os dias atuais. Ao examinar mais de perto a vida e o legado de Annie Rebekah Smith, podemos obter insights valiosos não apenas sobre a história do Adventismo, mas também sobre temas mais amplos, como fé, resiliência, busca por significado na vida e os impactos da desilusão amorosa.

¹ *Priscila Carvalho dos Santos*. Bacharel em Administração pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Especializada em Tradução e Legendagem. E-mail: pricans@gmail.com

² KNIGHT, George R. 1844 and the rise of sabbatarian adventism. 1. ed. Hagerstown, MD, USA: Review and Herald, 1994. 192 p., 28 cm. ISBN 0828008507.

Annie R. Smith



Pintura de Annie Smith de Ofélia na peça Hamlet é acreditada ser um autorretrato.

Fonte: Cortesia do Ellen G. White Estate, Inc.

Annie Rebekah Smith nasceu em 16 de março de 1828, em West Wilton, New Hampshire. Filha de Samuel and Rebekah Smith, 4 anos mais velha que seu conhecido irmão Urias Smith e 4 meses mais nova do que a mulher mais conhecida no meio Adventista, Ellen G. White.³

Aos dez anos de idade, Annie passou por uma conversão e tornou-se membro da Igreja Batista. Em 1844, juntamente com sua mãe, ela optou por deixar essa igreja para concentrar sua vigorosa juventude na preparação para o Segundo Advento de Cristo.⁴ Como parte do movimento Millerita⁵ ela enfrentou a grande decepção em 1844, aos 16 anos de idade, quando o dia 22 de outubro se findou e Jesus Cristo não voltou. Após esse evento, ela voltou-se para o aprimoramento de sua educação e para o ensino.⁶

Nos próximos seis anos, entre 1844 e 1850, ela alternou entre lecionar em sete escolas de distritos diferentes e buscar seu próprio enriquecimento intelectual, frequentando, ao mesmo tempo, um trimestre em Milford, Hancock e New Ipswich, em

³ GRAYBILL, Ron. "Annie Smith, Her Life and Love," Adventist Heritage, Inc., "Adventist Heritage - Vol. 02, No. 1" (1975). Adventist Heritage. <https://scholarsrepository.llu.edu/advent-heritage/3>

⁴ Ibid.

⁵ Entre os anos de 1840-1844, surgiu nos Estados Unidos um movimento multidenominacional chamado milerita. Tal grupo baseava suas ideias em diferentes interpretações proféticas que resultou na proclamação do segundo advento de Cristo que segundo eles seria em 22 de outubro de 1844. O nome do movimento se deve ao seu líder mais proeminente Guilherme Miller.

⁶ Rebekah Smith, *Poems: With a Life Sketch of the Life and Experience of Annie R. Smith* (Manchester, New Hampshire: John B. Clarke, Printer, 1871), 97, Project Gutenberg, accessed December 30, 2019, <http://www.gutenberg.org/files/34752/34752-h/34752-h.htm>.

New Hampshire, e seis trimestres no Seminário Feminino de Senhoras em Charlestown, Massachusetts. Neste último lugar, ela se preparou para ser professora de pintura a óleo e francês.⁷

Um dia, enquanto desenhava uma imagem de Boston a partir do Prospect Hill em Somerville, ela exerceu muita pressão sobre os olhos e, durante oito meses, teve dificuldades para enxergar. Isso resultou em outra desilusão em sua vida, pois por causa desta enfermidade ela não conseguiu aceitar uma posição desejada em uma escola em Hancock, New Hampshire.⁸

Durante esse tempo, a única maneira de encontrar algum alívio para sua aflição foi se envolver como agente e colaboradora da "The Ladies' Wreath", uma revista mensal publicada em Nova York. Seus escritos para essa publicação, exceto por algumas peças divulgadas no "Odd Fellow" e em alguns outros jornais, representaram suas primeiras tentativas na escrita pública.⁹

Enquanto isso, a mãe de Annie começou a ficar preocupada com o forte interesse da filha por sucesso na literatura e na arte, que não estava alinhado com suas convicções religiosas. Quando José Bates, um pregador adventista, visitou a casa dos Smith em West Wilton, a mãe compartilhou suas preocupações com ele. Bates sugeriu que a mãe escrevesse para Annie convidando-a para suas reuniões em Boston. Na noite anterior à primeira reunião, tanto Bates quanto Annie tiveram sonhos semelhantes sobre o evento. No sonho todos os assentos da sala estavam ocupados, exceto um próximo à porta. O primeiro hino foi cantado, uma oração foi oferecida, outro hino foi cantado, e então, justo quando ele abriu sua Bíblia para pregar, a porta se abriu e uma jovem entrou, ocupando a última cadeira vazia. Depois de se perder a caminho da reunião, Annie chegou exatamente no momento previsto no sonho. Bates, lembrando de seu sonho, mudou o tema de sua pregação para se alinhar com a experiência de Annie. Após a reunião, ele reconheceu Annie como a filha da Sra. Smith e compartilhou sua própria experiência onírica. Annie ficou profundamente impressionada com esses eventos.¹⁰

⁷ Ibid.

⁸ GRAYBILL, Ron. "Annie Smith, Her Life and Love," Adventist Heritage, Inc., "Adventist Heritage - Vol. 02, No. 1" (1975). Adventist Heritage. <https://scholarsrepository.llu.edu/advent-heritage/3>

⁹ Rebekah Smith, *Poems: With a Life Sketch of the Life and Experience of Annie R. Smith* (Manchester, New Hampshire: John B. Clarke, Printer, 1871), 97, Project Gutenberg, accessed December 30, 2019, <http://www.gutenberg.org/files/34752/34752-h/34752-h.htm>.

¹⁰ GRAYBILL, Ron. "Annie Smith, Her Life and Love," Adventist Heritage, Inc., "Adventist Heritage - Vol. 02, No. 1" (1975). Adventist Heritage. <https://scholarsrepository.llu.edu/advent-heritage/3>

Um mês após o encontro com Bates, ela enviou um poema com o título "Fear Not, Little Flock," ("Não Temas, Pequeno Rebanho") para a revista Review dos Adventistas do Sétimo Dia, onde Tiago White era editor chefe, que apreciou imensamente o trabalho da jovem. Consequentemente, ele a convidou para colaborar na revista, marcando o início oficial de sua carreira na escrita pública. Junto com o poema ela enviou uma carta, cuja tradução livre segue: "É com muita relutância que envio esses versos para você sobre um assunto que, algumas semanas atrás, era tão estranho aos meus pensamentos. Sendo como que uma criança nessa gloriosa unção e oração." Ellen White fez uma observação sobre a chegada de Annie em uma carta a um amigo: "Annie Smith está conosco. Ela é exatamente a ajuda que precisamos e trabalha muito bem com o Tiago, ajudando-o bastante. Agora podemos deixá-la cuidar das publicações e podemos sair mais entre o rebanho."¹¹

Annie estava morando com o grupo de editores da revista em Saratoga Springs a apenas alguns meses quando eles se mudaram para Rochester. Pouco antes da mudança, ela completou vinte e quatro anos. Annie então se tornou uma colaboradora ativa da Review e do Youth's Instructor, contribuindo com poemas, hinos e a edição até sua morte, três anos e meio depois de tuberculose¹²

Annie estava planejando antes de sua morte publicar um livro de poemas. Seu irmão Urias voltou para casa em maio e a ajudou a copiar e organizar suas poesias para publicação. Assim que as flores desabrocharam nessa primavera, ele desenhou e gravou uma peônia, sua flor favorita, para colocar na página de título do livro dela.¹³



**Coleção de poesias de Annie foi finalizada dez dias antes de sua morte.
Fonte: Cortesia Ellen G. White Estate**

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.

¹³ Ibid.

Annie Rebekah Smith foi a primeira poetisa de destaque na igreja Adventista do Sétimo Dia nos primórdios da sua história.

Desilusão Amorosa

Durante sua estadia em Rochester, Nova York, EUA, Annie conheceu o jovem pregador John Nevis Andrews, por quem começou a desenvolver sentimentos amorosos.¹⁴ Estes foram tempos angustiantes para a família editorial adventista e a congregação local em Rochester. A tuberculose estava se espalhando rapidamente, afetando jovens e idosos.¹⁵

Em novembro do ano de 1854, Annie retornou à sua casa em West Wilton, sofrendo dos primeiros estágios de tuberculose.¹⁶ Annie faleceu em Wilton em 26 de julho de 1855, aos vinte e sete anos de idade.¹⁷

A evidência de que John foi o objeto do amor de Annie e, conseqüentemente, sua desilusão amorosa, encontra-se em uma carta que Ellen G. White escreveu para ele um mês após a morte de Annie. Naquele momento, John estava cortejando a garota com quem eventualmente se casaria, Angeline Stevens.¹⁸

A parte da carta mais relevante para este estudo é citada a seguir:

“Agora vou compartilhar a parte que me foi ocultada enquanto estive com você. Percebi que, neste momento, a melhor decisão que você pode tomar é se casar com Angeline. Seria injusto com Angeline se você parasse por aqui, depois de ter chegado tão longe. O melhor caminho agora é seguir em frente, se casar e dedicar-se à causa de Deus o quanto puder. O desapontamento de Annie lhe custou a vida. Vi que você foi imprudente no caso dela, e tudo isso surgiu de uma visão equivocada que você tinha do Tiago. Você pensava que ele era severo e impaciente com os amigos de Paris¹⁹, e você se interpôs entre Annie e nós; simpatizou com ela em tudo. Seu interesse manifestado por ela foi

¹⁴ GRAYBILL, Ron. The Family Man. In: LEONARD, Harry. J. N. Andrews: the man and the mission. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

¹⁵ VALENTINE, G.M. J.N. Andrews : mission pioneer, evangelist, and thought leader. Pacific Press Publishing Association, 2019

¹⁶ GRAYBILL, Ron. “Annie Smith, Her Life and Love,” Adventist Heritage, Inc., "Adventist Heritage - Vol. 02, No. 1" (1975). Adventist Heritage. <https://scholarsrepository.llu.edu/advent-heritage/3>

¹⁷ VALENTINE, G.M. J.N. Andrews : mission pioneer, evangelist, and thought leader. Pacific Press Publishing Association, 2019

¹⁸ GRAYBILL, Ron. The Family Man. In: LEONARD, Harry. J. N. Andrews: the man and the mission. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

¹⁹ Paris é uma cidade e a sede do condado de Oxford, localizado no estado do Maine, Estados Unidos. Foi nesta cidade que J. N. Andrews possuía familiares e onde os White moraram, mantendo uma estreita relação com eles.

indevido e desnecessário, e mostrou que você tinha uma grande falta de confiança em nós.”²⁰(tradução da autora)

Nota-se que algumas dificuldades aconteceram entre a família de John N. Andrews e os Whites em Paris. A sugestão implícita da Sra. White é que, devido à crença de John de que Tiago White era excessivamente severo, ele mostrou uma simpatia excessiva por Annie Smith durante alguma dificuldade que ela teve com Tiago. Annie interpretou erroneamente essa simpatia como um afeto genuíno por parte de John, quando na verdade era mais uma reação à postura de oposição a Tiago White. Quando Annie percebeu a verdade, ficou profundamente arrasada.²¹

Ron Graybill(1975) registra uma coleção de poemas seculares escritos por Annie, os quais exploram a temática do amor não correspondido. Em um poema compartilhado com sua mãe, ela havia escrito:

"Meu destino tem sido aprender
Sobre a falsa amizade, que brilhante arderá
Quando a fortuna estende sua asa de luz
Mas desaparece quando chega a noite."²²
(tradução da autora)

Ser responsabilizado pela morte de Annie foi um fardo pesado para Andrews suportar, dado o risco de contrair tuberculose na casa dos Whites, mesmo sem a complicação do amor não correspondido. Tosse e o consumo de leite cru eram meios comuns de transmissão, embora não fossem compreendidos na época.²³

Como sugere Graybill(1985), no entanto, uma decepção emocional pode ter contribuído para comprometer o sistema imunológico de Annie. Também é possível que, se Andrews estivesse romanticamente interessado em Annie, sua sucumbência à temida tuberculose possa tê-lo persuadido de forma bastante transacional de que este não seria um relacionamento com futuro.²⁴

²⁰ Ellen G. White, 1LtMs. Lt 1,1855, par.3. <https://m.egwwritings.org/en/book/13961.20001463#2927010>

²¹ GRAYBILL, Ron. The Family Man. In: LEONARD, Harry. J. N. Andrews: the man and the mission. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

²² GRAYBILL, Ron. “Annie Smith, Her Life and Love,” Adventist Heritage, Inc., "Adventist Heritage - Vol. 02, No. 1" (1975). Adventist Heritage. <https://scholarsrepository.llu.edu/advent-heritage/3>

²³ VALENTINE, G.M. J.N. Andrews : mission pioneer, evangelist, and thought leader. Pacific Press Publishing Association, 2019

²⁴ GRAYBILL, Ron. The Family Man. In: LEONARD, Harry. J. N. Andrews: the man and the mission. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

Será que, como mencionado por Graybill (1985) no livro sobre J. N. Andrews, "a depressão aumenta a vulnerabilidade de uma pessoa a doenças..."?²⁵ Qual é a atual compreensão científica sobre esse assunto?

O Impacto da desilusão amorosa na saúde física e mental

Um estudo de Simon e Barrett (2010) examinou os efeitos das relações amorosas não matrimoniais na saúde mental de Jovens Adultos. Os resultados indicaram que o término dessas relações estava associado a um aumento significativo nos sintomas de ansiedade e depressão, sugerindo um impacto psicológico negativo.²⁶

Algumas pesquisas relacionam desilusão amorosa a dores físicas. Pesquisas conduzidas por Sbarra e Emery (2005) examinaram as consequências emocionais do término de relacionamentos amorosos, constatando que a dor emocional associada à desilusão amorosa pode ser semelhante a dor física. Os participantes relataram sentimentos intensos de tristeza, raiva e solidão após o término do relacionamento.²⁷

Eisenberger et al. (2003) também investigou a neurobiologia da rejeição social e seus efeitos no cérebro humano. Eles descobriram que a dor emocional causada pela rejeição social, incluindo a desilusão amorosa, ativa áreas cerebrais associadas à dor física, fornecendo insights sobre os mecanismos neurais subjacentes à experiência de uma desilusão amorosa.²⁸

Relacionado a isso um estudo realizado por Diamond e Hicks (2005) mostrou a relação entre o estilo de apego, segurança no relacionamento atual e emoções negativas após o término de um relacionamento amoroso. Os resultados sugeriram que a desilusão amorosa estava associada a sintomas físicos, como dores de cabeça, tensão muscular e fadiga crônica, devido ao estresse emocional prolongado.²⁹

²⁵ Ibid

²⁶ Simon, R. W., & Barrett, A. E. (2010). Nonmarital Romantic Relationships and Mental Health in Early Adulthood: Does the Association Differ for Women and Men?. *Journal of Health and Social Behavior*, 51(2), 168–182.

²⁷ Sbarra, D. A., & Emery, R. E. (2005). The emotional sequelae of nonmarital relationship dissolution: Analysis of change and intraindividual variability over time. *Personal Relationships*, 12(2), 213–232.

²⁸ Eisenberger, N. I., Lieberman, M. D., & Williams, K. D. (2003). Does rejection hurt? An fMRI study of social exclusion. *Science*, 302(5643), 290–292.

²⁹ Diamond, L. M., & Hicks, A. M. (2005). Attachment Style, Current Relationship Security, and Negative Emotions: The Mediating Role of Physiological Regulation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(4), 499–518.

Sobre como esses efeitos podem afetar o corpo, um estudo longitudinal de Lucas et al. (2003) investigou os efeitos a longo prazo do divórcio e do término de relacionamentos amorosos na saúde física e mental. Eles descobriram que eventos estressantes, como desilusões amorosas, podem ter consequências duradouras na saúde, destacando a importância do apoio contínuo e da intervenção terapêutica.³⁰

A relação entre desilusão amorosa e a resistência do corpo a doenças ainda não foi completamente compreendida, mas há evidências sugerindo que o estresse emocional pode afetar o sistema imunológico e, conseqüentemente, a resistência do corpo a doenças. Pode-se destacar um estudo realizado por Segerstrom e Miller (2004) que revisou a literatura sobre o impacto do estresse crônico no sistema imunológico. Eles encontraram evidências de que o estresse crônico pode suprimir a função imunológica, aumentando a suscetibilidade a doenças infecciosas e reduzindo a eficácia das respostas imunológicas.³¹

Um estudo de Kiecolt-Glaser et al. (2005) investigou os efeitos do estresse crônico resultante de conflitos interpessoais, incluindo desilusões amorosas, na função imunológica. Eles descobriram que o estresse crônico estava associado a uma resposta imunológica comprometida, incluindo uma diminuição na atividade de células imunológicas importantes.³² Portanto, a desilusão amorosa não deve ser subestimada, pois seus efeitos vão além do sofrimento emocional imediato, afetando a saúde física e mental de maneira profunda e duradoura. Esses achados destacam a importância de oferecer suporte psicológico adequado e desenvolver estratégias de enfrentamento eficazes para mitigar os impactos negativos na saúde, promovendo assim um bem-estar integral e a recuperação dos indivíduos afetados.

Conclusão

Em sua breve, mas significativa vida, Annie R. Smith deixou uma marca indelével tanto no cenário religioso quanto literário do século XIX. Sua jornada desde os primeiros

³⁰ Lucas, R. E., Clark, A. E., Georgellis, Y., & Diener, E. (2003). Reexamining adaptation and the set point model of happiness: Reactions to changes in marital status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84(3), 527–539.

³¹ Segerstrom, S. C., & Miller, G. E. (2004). Psychological stress and the human immune system: A meta-analytic study of 30 years of inquiry. *Psychological Bulletin*, 130(4), 601–630.

³² Kiecolt-Glaser, J. K., Loving, T. J., Stowell, J. R., Malarkey, W. B., Lemeshow, S., Dickinson, S. L., & Glaser, R. (2005). Hostile marital interactions, proinflammatory cytokine production, and wound healing. *Archives of General Psychiatry*, 62(12), 1377–1384.

dias de sua conversão até sua colaboração ativa com a Review e o Youth's Instructor foi marcada por uma busca constante por conhecimento e expressão artística.

Nascida em uma família de forte convicção religiosa, Annie foi moldada por eventos marcantes em sua juventude, como “O Grande Desapontamento de 1844”, que a levou a buscar uma educação mais sólida e aprimorar suas habilidades. Sua paixão pela escrita e pela arte a levou a contribuir para várias publicações, incluindo a renomada revista Review dos Adventistas do Sétimo Dia, onde seu talento foi rapidamente reconhecido e apreciado.

No entanto, sua vida também foi marcada por tragédias pessoais, incluindo uma desilusão amorosa e a subsequente deterioração de sua saúde. O impacto emocional dessa decepção amorosa pode ter contribuído para sua luta contra a tuberculose, uma doença que acabaria por tirar sua vida aos 27 anos de idade.

A história de Annie R. Smith nos lembra da complexidade da condição humana e da interconexão entre eventos emocionais e físicos. Suas experiências destacam a importância de compreender os efeitos psicológicos e fisiológicos das decepções amorosas e do estresse crônico, bem como a necessidade de apoio emocional e intervenções terapêuticas para promover o bem-estar integral das pessoas.

Embora sua vida tenha sido breve, o legado de Annie R. Smith vive através de suas contribuições para a literatura e o pensamento religioso de sua época. Seus escritos e sua coragem em enfrentar desafios pessoais continuam a inspirar e ressoar nos corações daqueles que buscam compreender a complexidade da experiência humana. Que sua memória seja honrada e seu exemplo seja lembrado como um testemunho de resiliência e determinação em face da adversidade.

Referências

KNIGHT, George R. **1844 and the rise of sabbatarian adventism**. 1. ed. Hagerstown, MD, USA: Review and Herald, 1994. 192 p., 28 cm. ISBN 0828008507.

GRAYBILL, Ron. "Annie Smith, Her Life and Love," Adventist Heritage, Inc., "Adventist Heritage - Vol. 02, No. 1" (1975). Adventist Heritage.

<https://scholarsrepository.llu.edu/advent-heritage/3>

Rebekah Smith, *Poems: With a Life Sketch of the Life and Experience of Annie R. Smith* (Manchester, New Hampshire: John B. Clarke, Printer, 1871), 97, Project Gutenberg, accessed December 30, 2019, <http://www.gutenberg.org/files/34752/34752-h/34752-h.htm>.

WHITE, Ellen G. 1LtMs. Lt 1,1855, par.3.

<https://m.egwwritings.org/en/book/13961.20001463#2927010>

GRAYBILL, Ron. The Family Man. In: LEONARD, Harry. **J. N. Andrews: the man and the mission**. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

Simon, R. W., & Barrett, A. E. (2010). **Nonmarital Romantic Relationships and Mental Health in Early Adulthood: Does the Association Differ for Women and Men?**. *Journal of Health and Social Behavior*, 51(2), 168–182.

Sbarra, D. A., & Emery, R. E. (2005). **The emotional sequelae of nonmarital relationship dissolution: Analysis of change and intraindividual variability over time**. *Personal Relationships*, 12(2), 213–232.

Diamond, L. M., & Hicks, A. M. (2005). **Attachment Style, Current Relationship Security, and Negative Emotions: The Mediating Role of Physiological Regulation**. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(4), 499–518.

Eisenberger, N. I., Lieberman, M. D., & Williams, K. D. (2003). **Does rejection hurt? An fMRI study of social exclusion**. *Science*, 302(5643), 290–292.

Seegerstrom, S. C., & Miller, G. E. (2004). **Psychological stress and the human immune system: A meta-analytic study of 30 years of inquiry**. *Psychological Bulletin*, 130(4), 601–630.

Kiecolt-Glaser, J. K., Loving, T. J., Stowell, J. R., Malarkey, W. B., Lemeshow, S., Dickinson, S. L., & Glaser, R. (2005). **Hostile marital interactions, proinflammatory cytokine production, and wound healing**. *Archives of General Psychiatry*, 62(12), 1377–1384.

Student Volunteer Movement e a missiologia adventista

Allan Sleyter Soares de Atayde¹

Introdução

O século XIX ficou conhecido como o século das missões, um impulso missionário advindo dos reavivamentos provocado nas universidades, e da criação de sociedades missionárias. (SHELLEY, 2004). Inspirados no progresso de William Carey na Índia, conhecido como o “pai das missões modernas”, 11 entusiastas ajudaram a criar a primeira Sociedade Missionária Britânica em 1793. Depois, em 1810, surgiu a primeira Sociedade Missionária dos Estados Unidos, e partir daí, outras dezenas e centenas foram surgindo ao redor do mundo.

As sociedades bíblicas tiveram outro importante papel nas missões. Em 1816, surgia a Sociedade Bíblica Americana (CAIRNS, 1988). Antes a Bíblia só era encontrada em poucos idiomas, e poderia ser lida por pouco mais de 20% da população mundial. Ao final do século, já podia ser lida em mais de 300 línguas, de forma que 90% do mundo poderia encontrá-la em sua língua natal. (JONES, 1891).

O mundo estava aberto para exploração. Com o descobrimento do último continente habitado, pela primeira vez na história, todas as partes do mundo conectavam-se num grande processo de globalização, abrindo oportunidades e visão do campo missionário. Os países mais populosos do mundo não tinham recebido a mensagem de salvação. Comunidades polinésias canibais, milhares de africanos ainda sob a escuridão do animismo e países populosos na Ásia com pouca presença cristã. Esses povos precisavam ser alcançados pela luz da verdade. (DANNIELS, 1916).

Os Sinais escatológicos do tempo do fim, como a Revolução Francesa e o aprisionamento do papa, despertavam o interesse para a proclamação da mensagem da segunda vinda de Jesus. Enquanto as universidades, onde vícios e a embriaguez eram cada vez mais comuns, sofriam com comportamentos irreverentes e entraves filosóficos como o deísmo, niilismo e evolucionismo. Se fazia necessário um redespertar espiritual, e é exatamente nas universidades que ocorre os reavivamentos que influenciam toda uma geração (CAIRNS, 1988).

¹ Graduando em Teologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo.
Email: allan.atayde@unasp.edu.br

Na virada do século, ocorria em Yale uma grande mudança. Sob a liderança do seu reitor, Timothy Dwight, os jovens eram impressionados com sermões simples e poderosos, levando-os a refletir sobre sua espiritualidade, realizar mudanças em seus costumes e experienciar um despertar missionário (GONZALEZ, 1988). Em Oxford, Inglaterra, John Henry Newman atraía multidões que buscavam ouvir da palavra de Deus (STOTT, 1990). Em Cambridge, o diretor Handley Moule estabeleceu o hábito de orar todos os dias das 04:00 às 08:00 da manhã; o que ficou conhecido como “observar a devoção matinal”. Este hábito iria ser replicado pelos movimentos de reavivamento.

Logo seria necessário se organizar para estabelecer um movimento missionário. Desta forma surge o *Student Volunteer Movement*. Este movimento teria impacto direto na missiologia adventista e no comportamento dos universitários em nossas faculdades. Este artigo pretende analisar as bases históricas desse movimento e como a igreja adventista se relacionou com ele.

Contexto Urbano

O contexto sociocultural dos Estados Unidos no século XIX era de intensa urbanização. Houve um crescimento da nação rumo ao oeste, com adesão de sete Estados a União, entre 1830 e 1840. A população se elevou para mais de 20 milhões em 1850. Uma onda de imigrantes alcançou a América, sendo mais de 2 milhões e meio de imigrantes até 1850. Além disso, a porcentagem de norte-americanos que viviam em centros urbanos saltou de 19% em 1860 para 39% em 1900 (DOUGLASS, 2003).

O crescimento urbano trouxe mudanças importantes na sociedade americana. Muitas igrejas rurais estavam perdendo seus jovens para as cidades, e eles, por sua vez, estavam perdendo suas práticas religiosas, saúde e fé (CAIRNS, 1988). As condições de saúde eram precárias. Havia diversas enfermidades, desconhecidas no final do século XX, mas que matavam milhares no século XIX. Doenças como a febre tifoide, difteria, malária e tuberculose. Em reação a isso foram criadas as primeiras sociedades de temperança, em 1827, com o apoio de um dos pioneiros da igreja adventista, Joseph Bates (SCHWARZ; GREENLEAF, 2016).

Com relação ao entretenimento, as cidades despertavam o interesse da juventude com casas de jogos, cabarés e prostíbulos que cresciam rapidamente. A dificuldade das igrejas de envolverem os jovens era algo notável, que necessitava ser resolvido. Uma das respostas internas a esse conflito foi a criação das escolas dominicais. Ainda em 1786, já

havia escolas dominicais funcionando nos Estados Unidos. (CAINS, 1988). Elas ganharam mais força com a criação da União Americana de Escolas Dominicais, por volta da década de 1820 (WALKER, 2015). As escolas dominicais ofereciam excelentes oportunidades para a instrução das novas gerações e preservação dos jovens, tendo como base o estudo diário da Bíblia.

Outra ação em pauta no contexto urbano americano era a discussão contra a escravidão. Em 1828, surge a Sociedade Americana Para a Paz, que buscava o fim da abolição (WALKER, 2015). Aliado às discussões sobre liberdade, surgiam movimentos de missão urbana a partir da década de 1850 que teriam importante influência no resgate dos jovens.

A Associação Cristã de Moços, YMCA, surgiu em Boston em 1851. (CAIRNS, 1988). O YMCA se espalhou por várias cidades. Ele também começa a partir de um despertar espiritual gerado por encontros de orações e estudo da Bíblia, como uma resposta às novas necessidades geradas pela Guerra de Secessão. O movimento contava com atividades sociais para os jovens, como prática de esportes e visita a asilos, hospitais, prisões e casas de refugiados. No verão, eram realizados encontros de reavivamento ao ar livre. Esse movimento contava com uma liderança interdenominacional de forte apego evangelístico. Em Chicago, esse projeto contou com a liderança de Dwight Moody (DUNN, 1944).

Em 1886, mais de 800 sociedades, de diversos ramos, haviam sido organizadas. Essas sociedades interdenominacionais geravam engajamento em suas igrejas, e aos poucos foram sendo criados grupos denominacionais semelhantes (CAIRNS, 1988). Correlato a este processo está um crescimento no interesse pelas instituições confessionais de ensino. Ocorre um fenômeno de proliferação das faculdades, chegando a mais de 50 seminários teológicos em 1860 (WALKER, 2015). O crescimento das faculdades confessionais e o despertar espiritual nelas lançaram as bases para que surgisse um movimento missionário de larga escala, o *Student Volunteer Movement*, iniciado em 1886, com as pregações de Dwight Moody e a liderança de John R. Mott (CAIRNS, 1988).

Congresso de 1886 e início do movimento

Luther D. Wishard, o primeiro secretário universitário do comitê internacional do YMCA, foi o idealizador do movimento. No ano de 1885, ao visitar as atividades do YMCA no Sul, ele se encontra com o pregador Moody e elabora a ideia de um congresso universitário para as missões. Wishard disse a Moody que "Uma das coisas mais necessárias é uma reunião, que fará pelos estudantes universitários o que vocês têm feito aqui em Northfield para os trabalhadores cristãos em geral"(MOTT, 1911).² Moody aprovou a ideia, contudo se sentiu inseguro, algo incomum em seu ministério. Ele já havia feito um evangelismo em Cambridge quatro anos antes, mas nada se igualaria ao movimento que estava para acontecer (BROWN, 2022).

O congresso recebeu boa adesão, reunindo 251 estudantes no mês de julho de 1886 em Mount Hermon. Dentre os delegados se encontravam alguns professores universitários também. A primeira conferência durou 4 semanas, enquanto as seguintes passaram a ser de 10 dias. Os encontros envolviam momentos de devoção e meditação na palavra de Deus, discussões sobre os problemas da atualidade e o que eles deveriam fazer diante do retorno iminente de Jesus. Mott (1911) comenta que era “impossível orar e passar mais de duas semanas em honesto estudo dos escritos de Jesus sem começar a ter um espírito missionário”³.

Um importante momento no evento foi a presença do Dr. Ashmore, um missionário batista que atuava na China, que, ao saber do evento, decidiu mudar de rota para apelar aos estudantes que se tornassem missionários na China também. Na estrutura do evento o ponto alto eram os testemunhos e apelos para a missão. No início do congresso, apenas uma meia dúzia tinha o desejo de ser missionário. Ao final eram 100 jovens aceitando o chamado para os campos estrangeiros.

Quando o congresso acabou, esses jovens se reuniram para um encontro de oração. Charles K. Ober sugeriu que fossem escolhidos representantes do movimento para viajar pelas universidades difundindo as bases daquele encontro. Durante o primeiro ano, 162 campi foram visitados e 2106 voluntários foram alistados. O movimento se organizou, e adotou como lema: “A evangelização do mundo nessa geração”.

² One of the things most needed is a gathering which will do for the college students what you have been doing here at Northfield for Christian workers in general.

³ But it was impossible to pray and spend over two weeks in honest study of the christian writings without having the missionary spirit.

Há uma famosa frase de John Wesley que diz: "Dê-me cem homens que não temam nada além de Deus, não odeiem nada além do pecado e estejam determinados a não conhecer nada entre os homens além de Jesus Cristo e Ele crucificado, e eu incendiarei o mundo com eles" (PIERCE, 2007). Mount Hermon despertou esses 100 jovens. Havia um sentimento de forte fervor entre eles, algo único na história. Estella Houser vai dizer, anos depois, que este movimento se assemelharia ao Pentecostes, com extensão mundial para a pregação do evangelho e preparo para o retorno de Jesus (HOUSER, 1911).

Student Volunteer Movement na perspectiva adventista

Na perspectiva adventista, este movimento seria de muita inspiração. O *Student Volunteer Movement* aparece cerca de 100 vezes nos periódicos adventistas, entre 1888 e 1920. Neste período, o tom das matérias era muito positivo, com anúncios aos materiais produzidos e convocações aos eventos do movimento.⁴ Os líderes do movimento são constantemente elogiados, a exemplo o artigo de Mathieson (1911)⁵, em que ele ressalta que seus materiais não desmerecem em nada a mensagem adventista, pelo contrário, eles serviriam de lição sobre a necessidade de pregar as mensagens angélicas e de estímulo para os líderes de classes missionárias adventistas.

Apesar de não ser um movimento confessional e não ter como objetivo divulgar uma doutrina ou escopo religioso, de acordo com Gary Stratton (2016), há uma ligação entre o movimento e a divulgação da teologia pré-milenialista. Moody era um fervente pré-milenialista, e as conferências trouxeram grande mídia para a difusão dessa teologia para a América. Junto com o SVM, as pregações de Moody podem indicar um ponto de virada na concepção evangélica, que era, em grande maioria, pós-milenialista ou até agnóstica diante do retorno iminente de Jesus.

É importante salientar que a igreja adventista não é uma instituição pioneira na missão (TAIT, 1895). Na verdade, há um intenso processo de amadurecimento teológico nos 30 anos que separam o Grande Desapontamento do envio de John Andrews para as missões estrangeiras em 1874. Existe uma longa reestruturação na missiologia adventista. Havia um pensamento inicial de porta-fechada, depois um período de influência e trabalho interno, até finalmente uma estruturação para alcançar o campo estrangeiro. As

⁴ Ver Home Missionary Extra (1891).

⁵ Matéria do The Educational Messenger (1911).

visões de Ellen White guiaram o movimento para essas mudanças. Quando ela escreve sua visão para o alcance dos campos estrangeiros, “meu campo é o mundo”; desperta um novo conceito na missiologia adventista de envio para as missões.

A escolha e o envio do primeiro missionário além-mar, John N. Andrews, ocorrem no mesmo ano da fundação da primeira Universidade Adventista, na cidade de Battle Creek (CAMPBELL, 2020). As universidades ganham papel primordial na missão adventista, pois são elas os grandes centros de preparo para as missões estrangeiras. Ellen White vai afirmar que:

A Igreja talvez indague a jovens se podem ser confiadas as sérias responsabilidades envolvidas no estabelecimento e direção de uma missão estrangeira. Respondo: Deus designou que eles fossem preparados em nossos colégios e mediante a associação no trabalho com homens experientes, de maneira que se achem preparados a ocupar lugares de utilidade nesta causa. Cumpre-nos mostrar confiança em nossos jovens. Eles deviam ser pioneiros em todo empreendimento que exigisse fadiga e sacrifício [...] (WHITE, 2008, p. 516).

Sendo assim, as Universidades Adventistas eram um celeiro para o espírito missionário. Quando o *Student Volunteer Movement* se inicia, ele chama a atenção desses jovens estudantes, que são enviados pelas próprias Universidades para participar dos congressos e serem inspirados a irem para o campo também. Allen (2016) afirma que o fundador da primeira sociedade missionária no *Battle Creek College*, Frederick Rossiter, foi um dos delegados adventistas no primeiro congresso organizado oficialmente pelo SVM, em 1891. Outra estudante adventista a participar dos congressos foi Georgia Burrus, que viria a se tornar a primeira missionária adventista na Índia.

Além de estudantes, alguns professores adventistas são mencionados nos anais do movimento missionário. O Dr. John Harvey Kellogg muito possivelmente participou de eventos missionários em Chicago, ao lado de Dwight Moody (KNIGHT, 1983). Professores do *Battle Creek College* e do *Union College* também participam dos congressos do SVM, como, por exemplo, Sutherland, Magan, Winegar, Paulson, Elder Collie e outros (CORNELL, 1898).

O *Student Volunteer Movement* funciona como um promulgador das missões protestantes e torna os Estados Unidos uma nação de envio de missionários (PIERCE,

2007). O movimento indicava os estudantes a irem para as missões, independente da agência missionária ou denominação. Em 1889, a igreja adventista cria o Conselho de Missões Estrangeiras da Associação Geral (MERKLIN, 2019). A partir dele, a Igreja organizaria o envio dos missionários e seria listada nos boletins do SVM.

A participação adventista no envio de missionários seria muito marcante. Apesar de uma denominação pequena, com poucas décadas de existência, ela se torna uma das maiores em envio de estudantes missionários. Tomando como exemplo o relatório de 1916, 1 a cada 6 missionários estudantes eram adventistas, totalizando 128 missionários enviados em apenas um ano (SHAW, 1918).

Os adventistas se inspirariam no SVM para estabelecer suas sociedades missionárias. Kelsea (1894) vai mencionar o trabalho do movimento estudantil como exemplo, afirmando a necessidade da criação de mais sociedades. Wilkinson (1898) vai fazer o apelo para que tenha um curso de missões em cada escola, que despertem o espírito missionário, a exemplo da metodologia do SVM. Além disso, em 1906, a convenção do departamento de educação elaborou propostas para o desenvolvimento das missões estrangeiras nas instituições educacionais adventistas, utilizando como referência o SVM (PRESCOTT, 1906).

Declínio do Movimento

De fato, o movimento estudantil foi impactante na história das missões modernas e na trajetória adventista também. A junta administrativa do Dr. Mott contabiliza que, neste período, mais de 8 mil missionários americanos e canadenses foram enviados para o campo estrangeiro, sendo que 5 mil eram estudantes voluntários (BROWN, 1911). Essa margem de 60% de missionários estudantes também se configurou no adventismo. Em 1920, o quadro de honra dos missionários estudantes enviados pela igreja já constava cerca de 850 envios e quase 200 casais missionários nos campos estrangeiros (MACHLAN, B. F. et al, 1920).

O envio de missionários enfrentou um período de baixa durante as guerras. Após a década de 1920, o número de missionários por membro adventista começa a decrescer drasticamente, alcançando a margem histórica em 1921 de 16 missionários a cada 10 mil membros, e passando a 1 missionário por 10 mil membros em 1943. Desde então o número de missionários enviados vem decaindo (TRIM, 2020).

Este mesmo período marca o declínio das forças dos movimentos missionários estudantis. Nathan (1990), em sua tese de doutorado defendida em Harvard, analisa os passos finais do movimento. Ele cita que já se percebia um declínio religioso nas universidades americanas entre a década de 20 e 30 do século XX. A guerra gerou uma instabilidade quanto ao futuro e acendeu o olhar crítico às condições sociais. A preocupação dos estudantes já não era mais a “evangelização do mundo em sua geração”, mas sim aspectos raciais, leis mais justas e uma reforma social. Para eles, Cristo não estava voltando, e os problemas do agora precisavam ser solucionados.

A teologia liberal impactou a missiologia. Agora o enfoque era “ajudar o mundo”, não mais “evangelizar o mundo”, tampouco “converter o mundo”. A mensagem do evangelho era posta em dúvida. Os estudantes se perguntavam se era verdadeiramente a única mensagem a ser pregada. Os métodos e a eficácia missionária passaram a ser questionados. A missão passou a ser uma “troca” de ideias, experiências e cultura. A liderança do movimento já não era a mesma, e questionava se era necessário ensinar a Bíblia no campo missionário (GILBERT, 1923).

A perda da identidade teológica dos líderes gerou o desapego para as missões. Nichol (1928) relata que os jovens que ainda respondiam ao chamado para a missão eram aqueles que estavam em maior acordo teológico com o passado. De acordo com Kern (1917), o grande problema das sociedades missionárias foi a liderança. A falta do fervor espiritual dos novos líderes foi o que ocasionou o fim do movimento, que foi desaparecendo a partir da década de 30, e encerrado oficialmente em 1966 (NATHAN, 1990).

Conclusão

O movimento missionário estudantil foi a principal força missionária desde a igreja primitiva. Ela reacendeu o desejo dos jovens de cumprir a grande comissão e de ver Jesus voltar. Este movimento surge de forma contemporânea à expansão da Igreja Adventista como uma denominação mundial. Essas duas interfaces se relacionam, de forma que a Igreja Adventista produz conhecimento teórico teológico e os congressos promovem a inspiração para a prática missionária.

O SVM teve um impacto maior nas primeiras três décadas de sua existência, mas depois perdeu força para as concepções modernistas e liberais que envolviam o mundo pós-guerra. A liderança perdeu sua visão e, conseqüentemente, seu poder de influência. A

missiologia foi afetada, de forma que a evangelização saiu de foco. Ao mesmo tempo, a missão adventista passou por um processo semelhante.

As missões nunca mais retomaram sua força. Na Igreja Adventista, além da constante queda no número de envio de missionários, o número de ofertas para as missões também caiu. Em 1932, auge da Grande Depressão, o valor per capita recolhido para as missões estrangeiras era de \$5.83 dólares por membro. Em 2010, o valor já estava em \$4,81⁶ dólares por membro (ADVENTIST MISSION).

Com a diminuição do interesse missionário, há mudanças na estrutura missionária da Igreja Adventista. Cresce o número de voluntários esporádicos ao redor do mundo. A partir de 2005, mais de 90% dos envios aos campos estrangeiros já eram de voluntários (ADVENTIST MISSION). Surgem novas instituições para envio de missionário, como a *Adventist Frontier Mission*. Fundada em 1985 por Clyde Morgan, estudante da *Andrews University*, ela tem como maior objetivo treinar e enviar missionários transculturais (ADVENTIST FRONTIER MISSION).

Surge um novo jeito de fazer missão, as missões de curto prazo. Em 1959 tínhamos apenas 1 missionário enviado para missões de curto prazo, já em 2005 eram aproximadamente 70 mil missionários (ROJAS, 2006 apud WAGNER, 2007). As missões de curto prazo possuem duração de poucos dias, e são condicionadas a realização de poucos trabalhos e tarefas pontuais para ajudar um projeto de uma igreja local (KUHN, 2007).

Este novo estilo de missão conecta os alunos a uma experiência de missão, de romper as barreiras culturais, estabelece contato e apoio aos missionários de longo prazo, e fortalece o trabalho das igrejas locais no campo missionário. O despreparo de alguns missionários, o pouco tempo de adaptação a nova cultura, o uso comum de tradutores para se comunicar, o risco de doenças, a carência de programas holísticas (unindo pregação e ações sociais), a necessidade de mais tempo para realizar um trabalho consistente e o vácuo após a missão; são os desafios desse novo estilo de missão.

⁶ Há de se considerar que o valor do Dólar em 1932 possuía um poder de compra muito maior do que o dólar em 2010. Não há dados acerca da inflação em todo este período, contudo, de 1960 a 2010, a inflação foi de cerca de 800%, nos Estados Unidos (DADOS MUNDIAIS, 2023).

Referências

- ADVENTIST FRONTIER MISSIONS. Our History. Disponível em: <https://afmonline.org/about-us/our-history/> . Acesso em: 29 maio 2024.
- ADVENTIST MISSION. Historical and Recent Trends in Adventist Mission. Disponível em: <https://am.adventistmission.org/360-doing>. Acesso em: 29 maio 2024.
- ALLEN, E; HAMMOND, R. Morning Watch. **ESDA**. 2020. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=G9TO&highlight=morning/watch> Acesso em: 29 de maio de 2024.
- ALLEN, E. The Impact of the Student Volunteer Movement on the Seventh-day Adventist Church. Disponível em: <http://www.sdahistorians.org/uploads/1/1/4/2/114217947/allene2016.pdf>
- BROWN, L. **Brilhar como estrelas: o poder do evangelho nas universidades pelo mundo**. São Paulo, 2022.
- CAIRNS, E. E. **Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 2ed. São Paulo, 1988.
- Convention of Student Volunteer Movement. **Review and Herald**. Battle Creek, Vol. 68, No. 10, 1906. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18910310-V68-10.pdf>
- COOPER, A.B. The Story of the student volunteer movement. **The Youth Instructor**. Battle Creek, Vol. 50, No. 12, p. 1-8, 1902. Disponível em: [YI19020320-V50-12.pdf](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/YI/YI19020320-V50-12.pdf) ([adventistarchives.org](https://documents.adventistarchives.org))
- CORLISS, J. O.; WHITE, W. C. International Convention of the Student Volunteer Movement. **Review and Herald**. Battle Creek, vol. 68, No. 48, p. 97-112, 1891. Disponível em: [RH18910217-V68-07.pdf](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18910217-V68-07.pdf) ([adventistarchives.org](https://documents.adventistarchives.org))
- CORNELL, W. E. The Volunteer Convention. **Review and Herald**. Battle Creek, Vol. 75, No. 11, p. 165-180, 1898. Disponível em: [RH18980315-V75-11.pdf](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18980315-V75-11.pdf) ([adventistarchives.org](https://documents.adventistarchives.org))
- DADOS MUNDIAIS. Inflação nos Estados Unidos. Disponível em: <https://www.dadosmundiais.com/america/usa/inflacao.php> . Acesso em: 29 maio 2024.
- DANNIELS, A. G. In This Generation What? **Sign of the times**. Mountain View, vol. 43, No. 25, p. 385-400, 1916. Disponível em: [ST19160620-V43-25.pdf](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/ST/ST19160620-V43-25.pdf) ([adventistarchives.org](https://documents.adventistarchives.org))
- DOUGLASS, H. E. **Messageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White**. 3ed Tatuí, 2003.
- DUNN, F. R. **Journal of the Illinois State Historical Society (1908-1984)**. Vol. 37, No. 4, p.329-350, 1944. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40188858>

GILBERT, F.C. From America to China. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Takoma Park Station, Vol. 100, No. 29, p. 1-24, 1923. Disponível em: [RH19230719-V100-29.pdf \(adventistarchives.org\)](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19230719-V100-29.pdf)

GONZALEZ, J. L. **Uma história ilustrada do Cristianismo: A era dos novos horizontes**. Vol 9. São Paulo, 1988.

GRAHAM, O. L. The Standard of Attainment and Missionary Volunteer Reading Course. **The Educational Messenger**. College View, Vol. 7, No. 7, p. 1-20, 1911. Disponível em: [EM19110501-V07-07.pdf \(adventistarchives.org\)](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/EM/EM19110501-V07-07.pdf)

Home Missionary Extra. Battle Creek, Vol. 3, No. 10, p. 1-6, 1891. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/HM/HM18911001-V03-10e.pdf#search=%22student%20volunteer%20movement%22>

HOUSER, E. The Story of the Student Volunteer Movement. **The Youth Instructor**. Battle Creek, Vol. 50, No. 12, p.89-96, 1902. Disponível em: [YI19020320-V50-12.pdf \(adventistarchives.org\)](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/YI/YI19020320-V50-12.pdf)

JONES, E.D.T. What shall be the sign of thy coming? **Review and Herald**. Battle Creek, vol. 68, No. 48, p.754-768, dezembro, 1891. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/ST/ST19160620-V43-25.pdf#search=Student%20volunteer%20movement>

KELSEA, C.G. Holding the Four Winds. **Review and Herald**. Battle Creek, Vol. 71, No.4, p.49-64, 1894. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18940123-V71-04.pdf>

KERN, M.E. Our Advanced Schools and Missionary Volunteer Leadership. **The Youth's Instructor**. Takoma Park Station, Vol. 65, No. 17, p. 1-16, 1917. Disponível em: [YI19170424-V65-17.pdf \(adventistarchives.org\)](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/YI/YI19170424-V65-17.pdf)

KNIGHT, G. R. **Early Adventist Educators**. Berrien Springs, 1983.

LLOYD, E. I Must Act — and Wait No Longer. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Takoma Park Station, Vol. 101, No. 21, p. 1-24, 1924. Disponível em: [RH19240522-V101-21.pdf \(adventistarchives.org\)](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19240522-V101-21.pdf)

MACHLAN, B. F. et al. What My School Has Done and Is Doing to Answer the Calls from the Field. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Takoma Park Station, Vol. 97, No. 24, p. 1-32, 1920. Disponível em: [RH19200610-V97-24.pdf \(adventistarchives.org\)](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19200610-V97-24.pdf)

MOTT, J.R. The beginnings of the Student Volunteer Movement. **The Student Volunteer Movement After Twenty-five Years (1886-1911)**. Disponível em: https://digitalcollections.drew.edu/SpecialCollections/19thCenturyPamphlets/Student_Volunteer_Movement/19th_Student%20Volunteer%20Movement_The%20Student%20Volunteer%20Movement%20After%20Twenty-five%20Years%201886-1911.pdf

NATHAN, D. S. **The end of a crusade: The Student Volunteer Movement for the foreign mission and the great war.** Tese (Doutorado de Teologia) – Escola de Divindades, História da Igreja, Harvard University. Cambridge, p.282, 1990.

NICHOL, F.D. Comments of Currents Events. **The Advent Review and Sabbath Herald.** Takoma Park Station, Vol. 105, No.11, p. 1-24, 1928. Disponível em: [RH19280315-V105-11.pdf \(adventistarchives.org\)](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19280315-V105-11.pdf)

PIERCE, D. Robert Wilder and the Student Volunteer Movement. **University Bible Fellowship of Shippensburg.** 2007. Disponível em: <https://www.shipubf.org/leaders/wilder.html>

PRESCOTT, W.W. The School and the Mission Fields. **The Advent Review and Sabbath Herald.** Takoma Park Station, Vol. 83, No. 29, p. 1-24, 1906. Disponível em: [RH19060719-V83-29.pdf \(adventistarchives.org\)](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19060719-V83-29.pdf)

ROSSITER, F.M. Our First Foreign Missionary Society. **The Advent Review and Sabbath Herald.** Takoma Park Station, Vol. 90, No. 34, p. 792-816, 1913. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19130821-V90-34.pdf>

SCHWARZ, R. W.; GREENLEAF, F. **Portadores de Luz: história da igreja adventista do sétimo dia.** 2ed. Engenheiro Coelho, 2016.

SHAW, J. L. What shall be our answer in 1918? **The Advent Review and Sabbath Herald.** Takoma Park Station, Vol. 95, No. 3, p. 1-24, 1918. Disponível em: [RH19180117-V95-03.pdf \(adventistarchives.org\)](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19180117-V95-03.pdf)

SHELLEY, B. L. **História do Cristianismo: ao alcance de todos.** São Paulo, 2004.

SMITH, L.A. In This Generation. **The Advent Review and Sabbath Herald.** Takoma Park Station, Vol. 83, No. 27, p. 1-24, 1906. Disponível em: [RH19060705-V83-27.pdf \(adventistarchives.org\)](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19060705-V83-27.pdf)

STOTT, John. **O poder da pregação.** São Paulo: Vida Nova, 2008.

STRATTON, G. D. Nothfield Conference (1886-1899). **The Encyclopedia of Christianity in the United States.** 2016

TAIT, A. O. What Other are doing. **The Home Missionary.** Battle Creek, Vol. 7, No. 4, p. 73-96, 1895. Disponível em: [HM18950501-V07-04.pdf \(adventistarchives.org\)](https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/HM/HM18950501-V07-04.pdf)

THIELE, E.R. A new day in missions. **The Advent Review and Sabbath Herald.** Takoma Park Station, Vol. 105, No. 7, p. 1-24, 1928. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19280216-V105-07.pdf>

TRIM, D.J.B. Foreign Missionary Program of the Seventh-day Adventist Church. **Journal of Adventist Mission Studies.** Vol. 15, No. 2, p. 66-97, 2019. Disponível em: ["Adventist Mission History" \(andrews.edu\)](https://www.andrews.edu/~missionstudies/)

WALKER, W. **História da Igreja Cristã.** 4ed. São Paulo, 2015.

WHITE, E. G. **Conselhos aos pais, professores e estudantes.** Tatuí, 2008.

WILKINSON, B. G. The College and The Missionary. **The Missionary Magazine.** Philadelphia, Vol. 10, No. 3, p. 73-112, 1898. Disponível em: [TMM18980301-V10-03.pdf \(adventistarchives.org\)](https://www.adventistarchives.org/TMM18980301-V10-03.pdf)

Luz maior e luz menor: o conceito de inspiração profética em Ellen G. White no contexto da Conferência Bíblica de 1919

Eduardo Rueda Neto¹

Introdução

Ellen Gould White (também chamada Ellen G. White ou simplesmente Ellen White) foi uma figura preeminente no período que sucedeu o movimento adventista do século 19,² sendo reconhecida principalmente por seu papel como cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nascida em 1827, no estado norte-americano do Maine, considera-se que ela recebeu o dom de profecia aos 17 anos e dedicou-se ao ministério de pregação, escrita e exortação por cerca de 70 anos, até sua morte em 1915.³

Afirma-se que, ao longo de sua vida, Ellen White recebeu mais de 2 mil visões e sonhos proféticos, nos quais foram-lhe confiadas instruções divinas para orientar a Igreja em sua missão. Embora ela nunca tenha adotado formalmente o título de profetisa, muitos a reconhecem como tal devido à natureza de suas mensagens. Sua influência na Igreja Adventista do Sétimo Dia foi significativa. Embora nunca tenha ocupado um cargo oficial ou recebido ordenação ministerial, seus conselhos moldaram profundamente o perfil e os princípios da denominação. Sua obra, que perfaz aproximadamente 100 mil páginas, abrangeu uma ampla gama de tópicos, incluindo narrativas e doutrinas bíblicas, vida cristã, educação, família, história, saúde, evangelização, publicações e obra médico-missionária. Ellen White está entre os autores mais traduzidos e lidos em todo o mundo, com publicações em mais de 100 idiomas, e sua obra continua a ser estudada e seguida pelos adventistas do sétimo dia até hoje. Sua influência é amplamente reconhecida como crucial para o desenvolvimento e a expansão dessa denominação ao redor do mundo (FORTIN; MOON, 2018).

¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Editor de livros na Casa Publicadora Brasileira. Email: eduardo.rueda.neto@gmail.com

² Em síntese, o movimento adventista foi um movimento religioso cristão que emergiu nos Estados Unidos na primeira metade do século 19, centrado na expectativa da segunda vinda de Jesus Cristo, conhecida como segundo advento. Para mais detalhes, ver Loughborough (2014) e Schwarz e Greenleaf (2009).

³ Os adventistas entendem que Ellen White passa nos testes bíblicos de autenticidade profética, como, por exemplo, harmonia com a Bíblia (Dt 13:1-3; Is 8:19, 20; Gl 1:8; Jr 14:14), cumprimento das predições (Dt 18:21, 22; Jr 28:9), mensagem cristocêntrica (1Jo 4:2, 3), bons frutos na vida e no ministério (Mt 7:15-23), manifestações físicas em visão (Dn 10; Nm 24; Ap 1; 21), entre outros. Para mais detalhes, ver Associação Ministerial (2018, p. 278-295) e Rice (2011).

Este artigo tem como propósito abordar brevemente o conceito de inspiração profética em Ellen G. White no contexto da Conferência Bíblica de 1919. Esse foi um concílio realizado em Takoma Park, Maryland, Estados Unidos, por líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia que foi determinante para aprimorar a compreensão da denominação não apenas a respeito da manifestação do dom de profecia em Ellen White, mas também para compreender como a inspiração divina atuou nos escritores bíblicos. Para um estudo completo a respeito da importância desse evento, recomenda-se a tese de Michael Campbell (2008), à qual este texto recorre com frequência. Recomenda-se também a leitura do livro do mesmo autor (2019), lançado por ocasião do centenário da Conferência. Além desse importante estudo, a maior parte deste artigo se baseia em fontes primárias, tanto no registro do evento quanto nos escritos da própria personalidade em questão.

As perguntas a serem respondidas com esta sucinta recapitulação da história são: Afinal, qual é o papel que os escritos de Ellen White realmente desempenham? Qual é o nível de autoridade em que eles estão? Qual é o tipo e o grau de inspiração⁴ dos Testemunhos?⁵ Todas essas questões, como já mencionado, serão avaliadas no contexto da Conferência Bíblica de 1919.

Contexto histórico

Inspirada nas grandes conferências proféticas realizadas pelos fundamentalistas protestantes no começo do século 20 — cujo tema predominante era o iminente retorno de Cristo —, em um mundo ainda abalado pela primeira Guerra Mundial, a Conferência de 1919 tinha o intuito de fortalecer a unidade entre os principais pensadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia em certos temas de caráter teológico e pedagógico (CAMPBELL, 2008, p. 81).⁶

⁴ Na Teologia, o termo “inspiração” faz referência à etapa do processo de comunicação divina em que Deus capacita um profeta a comunicar, de forma oral ou escrita, a Sua mensagem. Entre os especialistas, há aqueles que entendem que a inspiração atua em cada palavra do profeta (inspiração verbal) e aqueles que creem que ela atua no pensamento, deixando o profeta livre para expressar a mensagem divina com as próprias palavras. Para mais detalhes sobre o conceito de inspiração, ver Bemmelen (2011) e Canale (2018).

⁵ Expressão usada entre os pioneiros adventistas para se referir aos escritos de Ellen G. White.

⁶ No início do século 20, o protestantismo americano estava dividido entre conservadores (fundamentalistas) e liberais (modernistas). As igrejas liberais aceitaram a evolução darwiniana e reinterpretaram a religião e a Bíblia à luz da ciência e da razão, descartando crenças como o nascimento virginal e a ressurreição de Jesus. Em contraste, os chamados fundamentalistas reafirmaram a inerrância da Bíblia e as doutrinas tradicionais, enfocando a criação divina em lugar da evolução. Os adventistas,

O encontro reuniu editores, professores de Bíblia e História das instituições de ensino e dos seminários adventistas e líderes da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ao todo, o concílio teve a participação de 65 pessoas (CAMPBELL, 2008, p. 85).

As reuniões aconteceram entre os meses de julho e agosto e contaram com a presença do então presidente da Associação Geral, o pastor Arthur G. Daniells. Durante a assembleia, foi dada ênfase à necessidade de um estudo mais profundo da Bíblia e uma atenção especial aos temas que consideravam ser os “fundamentos” da fé adventista (CAMPBELL, 2008, p. 81).

Entre os tópicos em pauta, constavam: a pessoa e obra mediadora de Cristo; a natureza e obra do Espírito Santo; as duas alianças; os princípios de interpretação profética; a chamada “questão oriental”;⁷ o poder bestial de Apocalipse; os 1.260 dias da profecia apocalíptica; os Estados Unidos na profecia; as sete trombetas; o sermão profético de Mateus 24; a identificação dos 10 reinos de Daniel 7, além de outros temas de natureza pedagógica (REPORT, 1º ago. 1919; CAMPBELL, 2008, p. 84).

Todos esses assuntos foram tratados como estando relacionados à hermenêutica. A preocupação era estabelecer princípios seguros de interpretação.

Ellen G. White em pauta

Inicialmente, a intenção do concílio não era discutir a inspiração profética de Ellen White. O assunto não estava na pauta. Contudo, o tema surgiu quando, no décimo dia da reunião, o debate tratava de interpretação profética. Os participantes encontraram algumas dificuldades de caráter histórico nos escritos de Ellen White (CAMPBELL, 2008, p. 144, 167).

A partir daí, Arthur Daniells percebeu a necessidade de abordar o assunto de maneira mais abrangente. W. E. Howell, líder do departamento de Educação da Associação Geral e que atuou como secretário da assembleia e presidente das reuniões de professores de História e Bíblia, convidou Daniells para explanar esse tema,

apesar de compartilharem muitas convicções com os fundamentalistas, mantinham suas próprias visões sobre a inspiração bíblica e o sábado. A Conferência Bíblica Adventista de 1919, influenciada em certo grau pelo movimento fundamentalista, inspirou-se nas frequentes conferências bíblicas realizadas por aqueles grupos evangélicos. Ver Campbell (2008; 2019).

⁷ A “questão oriental” dizia respeito à interpretação do “rei do Norte”, em Daniel 11. Muitos haviam pregado de modo veemente que esse “rei” era a Turquia; outros, porém, acreditavam ser isso uma referência às atividades do papado no tempo do fim (SCHWARZ *apud* DOUGLASS, p. 440).

no dia 30 de julho. Sua fala tinha como título “O uso do Espírito de Profecia⁸ em nosso ensino de Bíblia e História” (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1187).

A temática desse discurso foi basicamente a autoridade dos escritos de Ellen White. Durante o debate, algumas questões importantes surgiram.

Intérprete infalível?

A primeira questão, levantada por Clifton L. Taylor, líder do Departamento Bíblico do Canadian Junior College, tinha que ver com o uso exegético dos escritos de Ellen White (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1194). Devemos recorrer a ela como intérprete do texto bíblico? Seus comentários sobre determinado texto das Sagradas Escrituras devem ser considerados autoritativos, infalíveis e a única explicação correta para eles?

Com o endosso de J. N. Anderson, professor de Bíblia no Washington Foreign Mission Seminary, Christian M. Sorenson, professor de História no Emmanuel Missionary College, e W. W. Prescott, ex-editor da *Review and Herald*⁹ e então secretário de campo da Associação Geral, Arthur Daniells respondeu que assumir uma posição de inerrância em relação a Ellen White pode ser perigoso. Ele deixou claro que “não é a nossa posição, nem é correto [afirmar] que o Espírito de Profecia seja o único intérprete seguro da Bíblia”. Afinal, como salientou W. E. Howell, a própria irmã White declarou que a Bíblia é o seu próprio intérprete¹⁰ (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1195).

Daniells foi taxativo também ao lembrar que as crenças fundamentais adventistas não foram formadas com base em Ellen G. White. De acordo com ele, a elaboração de tais crenças se deu por meio de intenso estudo das Escrituras, sendo *posteriormente confirmadas* pelo Espírito de Profecia. Assim, o estudante deve recorrer primeiramente à Bíblia e então, somente então, o Espírito de Profecia, bem como qualquer outro material que o ajude na compreensão do texto, deve ser utilizado para “ampliar a visão” (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1197).

⁸ Na linguagem denominacional dos adventistas, a expressão “Espírito de Profecia”, uma alusão a Apocalipse 12:17 e 19:10, designa não somente o dom de profecia em si, mas também o resultado desse dom — no caso, a mensagem escrita. Em se tratando do dom de profecia manifestado em Ellen White, portanto, a referência mais frequente é aos seus escritos.

⁹ Órgão principal da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Atualmente, a revista leva o nome de *Adventist Review*.

¹⁰ “A Bíblia interpreta a si mesma. Um texto deve ser comparado com outro. O estudante deve aprender a encarar a Palavra como um todo, e ver a relação de suas partes” (White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 462).

Autoridade histórica

Outra questão importante foi levantada por W. W. Prescott, nas seguintes palavras: “Como devemos utilizar os escritos do Espírito de Profecia como uma autoridade para resolver questões históricas?” (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1202).

A resposta inicial de Daniells foi:

A irmã White jamais afirmou ser uma autoridade em História, e jamais reivindicou ser mestra absoluta de Teologia. [...] Ela apenas fez declarações fragmentárias, deixando aos pastores, evangelistas e pregadores o encargo de resolverem todos esses problemas bíblicos, teológicos e históricos (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1202).

Daniells reiterou que Ellen White nunca “se propôs a definir questões históricas”, uma vez que os próprios historiadores não concordam plenamente entre si. “Nunca entendi que ela atribuísse infalibilidade às citações históricas” (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1212). Uma decorrência implícita de tais afirmações era que, ao se encontrar, eventualmente, certas imprecisões históricas nos escritos de Ellen White, isso não descredibilizaria a autora, uma vez que o foco de sua mensagem não estava no rigor técnico dos dados apresentados.

Discutidas essas questões, o ponto mais conflitante da assembleia ainda estava por vir.

Inspiração verbal

Um dos pontos principais no debate referente ao conceito de inspiração profética em Ellen White é se ela foi verbalmente inspirada ou não, isto é, se seus escritos foram inspirados palavra por palavra ou sob outra forma de capacitação divina. Essa questão é análoga à que permeia o debate quanto à inspiração dos profetas canônicos, ou seja, daqueles cujos escritos compõem as Sagradas Escrituras judaico-cristãs.

Este artigo não tem como objetivo tratar da inspiração da Bíblia, se esta foi verbal ou não, e sim da inspiração dos chamados Testemunhos, na compreensão adventista. No entanto, saber como os componentes da conferência de 1919 encaravam a inspiração da Bíblia pode ser útil para entender também como eles consideravam os escritos de Ellen White.

Houve duas linhas de interpretação representadas em 1919. Essas duas escolas hermenêuticas concordavam nos pontos essenciais, principalmente no que se refere à autoridade da Bíblia e à necessidade de um estudo profundo das Escrituras. Apesar disso, as divergências entre os que vieram a ser classificados como “progressistas” e os “tradicionalistas” ficaram claras à medida que o debate se aqueceu (CAMPBELL, 2008, p. 170).

Tanto progressistas quanto tradicionalistas afirmavam que a Escritura é “verbalmente inspirada”. Os progressistas, no entanto, embora cresseem na infalibilidade do texto bíblico, não o consideravam inerrante em cada detalhe cronológico, numérico, histórico ou linguístico. Enquanto isso, os tradicionalistas, mais dogmáticos, diziam que essa flexibilidade, assumida pelos progressistas, poderia gerar problemas. Dessa forma, adotaram um pressuposto mais rígido: a Escritura é inerrante em cada detalhe.

Em relação a Ellen White, também havia duas abordagens. O grupo dos chamados progressistas era composto por homens que haviam conhecido pessoalmente Ellen White e testemunhado o processo de composição de seus escritos, chegando a participar dele muitas vezes. É possível que Daniells e Prescott fizessem parte dessa ala. Os progressistas aceitavam que os escritos de Ellen White, embora inspirados, não são infalíveis em cada detalhe. Mesmo alguns dentre eles que criam na inspiração verbal entendiam que essa inspiração não implicava, necessariamente, inerrância (CAMPBELL, 2008, p. 168). Parece também que os progressistas faziam distinção entre a Bíblia e os escritos de Ellen White no que se refere à *natureza* da inspiração.

Os tradicionalistas, por sua vez, eram um grupo mais jovem, que não havia trabalhado pessoalmente com Ellen White. Em linhas gerais, consideravam seus escritos verbalmente inspirados e estando no mesmo nível das Sagradas Escrituras (CAMPBELL, 2008, p. 168).

Arthur Daniells vinha sofrendo nos últimos anos acusações de ser “cético nos Testemunhos”, pelo fato de não crer que fossem verbalmente inspirados. Segundo W. E. Howell, o ponto de vista da inspiração verbal parecia ser o que mais predominava entre os membros e muitos pastores da denominação na época (DOUGLASS, 2000, p. 436).

Dificuldades decorrentes do modelo de inspiração verbal

Daniells argumentava que algumas das dificuldades que a Igreja enfrentava por parte dos críticos e dissidentes eram geradas pela crença na inspiração verbal e na

infallibilidade de Ellen White. Segundo ele, White nunca reclamou inspiração verbal. Acusações de plágio, por exemplo, poderiam ter sido evitadas se, desde o princípio, “tivéssemos compreendido isso da maneira como deveria ter sido” (CAMPBELL, 2008, p. 164).

Muitos dos que criam na inspiração verbal haviam ficado perplexos e desnorteados após a revisão do livro *The Great Controversy (O Grande Conflito)*, em 1911, supervisionada pela própria Ellen White, na qual várias alterações de caráter técnico foram realizadas. Se *O Grande Conflito* havia sido inspirado palavra por palavra, e a inspiração é infalível nos pormenores humanos, porque necessitaria de ajustes?

Arthur Daniells defendia a ideia de que o profeta é um instrumento divino, mas sua parte humana não deve ser ignorada. Ele lembrou que Ellen White repetia com frequência: “Temos este tesouro em vasos de barro”,¹¹ reconhecendo que era uma frágil mulher, limitada, tentando fazer da melhor maneira possível a obra que lhe havia sido confiada. Daniells afirmou que, a partir do momento em que reconhecemos que Ellen White não era infalível e que seus escritos não eram verbalmente inspirados, damos uma oportunidade para a manifestação do humano. Segundo ele, não deveríamos nos surpreender ao encontrar nos escritos inspirados erros que não afetam a essência da mensagem, uma vez que a inspiração divina não inibe o elemento humano (REPORT, 1º ago. 1919, p. 1243).

De acordo com G. B. Thompson, secretário de campo da Associação Geral, as controvérsias geradas na Igreja podiam ser atribuídas a

uma educação errada que nosso povo recebeu. Se sempre tivéssemos ensinado a verdade sobre esta questão, não teríamos nenhum problema ou choque na denominação agora. Mas o choque ocorre por que não ensinamos a verdade, e colocamos os Testemunhos num plano em que ela [Ellen White] declara que eles não estão. *Reclamamos mais para eles do que ela o fez*” (REPORT, 1º ago. 1919, p. 1238, grifo nosso).

Para Thompson, “a evidência e a inspiração dos Testemunhos não estão em sua inspiração verbal, senão em sua influência e seu poder na denominação” (REPORT, 1º ago. 1919, p. 1238).

¹¹ Alusão a 2 Coríntios 4:7. Ver, por exemplo, White, *Atos dos Apóstolos*, p. 330.

Os debates sobre a autoridade e o uso dos escritos de Ellen White, bem como sua relação com a Bíblia, ocuparam dois dias da conferência. Apesar de não ter estado na pauta a princípio, este tornou-se, no fim das contas, o tema principal da reunião, de modo que o esclarecimento obtido por meio daquelas discussões ajudou a moldar, posteriormente, a compreensão dos adventistas do sétimo dia quanto ao dom profético pós-canônico e a dinâmica da inspiração.¹²

Conclusão

O que uma série de reuniões realizada há mais de 100 anos tem que ver com a Igreja hoje? Que relevância têm, sobretudo para os adventistas do sétimo dia, os assuntos abordados naquela assembleia?

Embora a doutrina referente ao dom de profecia esteja muito bem delineada e fundamentada biblicamente nas publicações oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia,¹³ por vezes, por não ter uma visão clara quanto à natureza da inspiração de Ellen White, os membros da denominação de modo geral enfrentam preconceito e críticas. Muitas vezes, são vistos como tendo uma segunda Bíblia nos escritos de White, o que não corresponde à realidade.

De fato, em alguns momentos da história da denominação, pessoas atribuíram a Ellen G. White uma autoridade exacerbada que ela mesma nunca reivindicou, a ponto de igualar seu nível ao da Bíblia e considerá-la a “intérprete infalível das Escrituras”, função que ela jamais reclamou. Esse ponto de vista não reflete a posição da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A própria Ellen White (2007c, p. 37) afirmou: “Com relação à infalibilidade, nunca a pretendi; unicamente Deus é infalível.”¹⁴

A partir de uma metáfora utilizada pela própria autora, a Igreja Adventista do Sétimo Dia compreende os escritos de Ellen G. White como uma “luz menor” que tem o objetivo de conduzir à “luz maior”, a Bíblia Sagrada, auxiliando em sua compreensão e aplicação.¹⁵ Obviamente, entende-se que o ministério profético de White foi revestido de

¹² Para os desdobramentos mais amplos da Conferência Bíblica de 1919 na Igreja Adventista do Sétimo Dia, ver os estudos de Campbell (2008; 2019).

¹³ Ver Associação Ministerial (2018, p. 278-295) e Rice (2011).

¹⁴ No mesmo livro, na página 20, Ellen White afirma que “tudo quanto é humano é imperfeito”. Na página 416, ela diz que “o homem é falível, mas a Palavra de Deus é infalível”. E, em *Testemunhos para Ministros*, p. 376, White declara que “nenhum homem é infalível”.

¹⁵ “Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior” (White, *O Colportor Evangelista*, p. 125).

autoridade divina para exortar e conduzir a Igreja nos momentos finais da História. Contudo, citá-la como palavra final, em vez de recorrer às Escrituras com essa finalidade, constitui um erro hermenêutico além de um desserviço para a causa adventista, que traz descrédito à denominação.

Muito longe de diminuir a importância das obras de Ellen White, a correta compreensão a respeito da dinâmica da inspiração e do verdadeiro lugar de seus escritos ajuda a colocar sua mensagem dentro da moldura adequada. Em outras palavras, atribuir-lhes a função que realmente possuem enaltece, em vez de diminuir, seu valor.

Por fim, pode-se dizer também que uma das principais contribuições da Conferência Bíblica de 1919 foi evidenciar a coerência do modelo de inspiração do pensamento, em comparação com a inspiração verbal, como o que melhor explica o processo de inspiração da Bíblia e do dom profético pós-canônico.

Apêndices

Apêndice 1 — Linhas de pensamento quanto à inspiração

A seguinte citação de Herbert Douglass sintetiza bem as diferentes linhas de pensamento no que se refere ao conceito de inspiração:

As questões que vieram à tona no Congresso/Concílio de 1919 perduram ainda hoje, refletidas em pelo menos três ou quatro categorias que dividem os cristãos de modo geral e os adventistas de modo específico: (a) os que creem que os escritores bíblicos e Ellen White foram inspirados, mas não receberam a verdade de forma concreta; (b) os que sustentam que os escritores bíblicos e Ellen White receberam a verdade por inspiração verbal e que suas mensagens foram dadas conforme Deus queria que os escritos fossem lidos ou ouvidos; (c) os que creem que a Bíblia e os escritos de Ellen White são divinamente inspirados por Deus ao incutir pensamentos na mente dos profetas e estes comunicaram a mensagem na melhor linguagem e estrutura de pensamento disponível; (d) os que creem que a Bíblia e os escritos de Ellen White são geralmente inspirados, mas seu valor é mais pastoral do que teológico (DOUGLASS, 2000, p. 441).

A posição adotada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia segue a linha de pensamento do item (c).

Apêndice 2 — Material suplementar extraído de Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, volume 3, seção 2, “Princípios de Inspiração”.¹⁶

Testemunho expresso em suas próprias palavras — Se bem que eu dependa tanto do Espírito do Senhor ao escrever minhas visões como quando as recebo, *as palavras que emprego na descrição do que vi são minhas próprias*, a não ser que sejam as que foram proferidas por um anjo, as quais ponho sempre entre aspas. *Review and Herald*, 8 de outubro de 1867.

A relação entre os escritos de Ellen White e a Bíblia — Recomendo-vos, caro leitor, a Palavra de Deus como regra de vossa fé e prática. Por essa Palavra seremos julgados. Nela Deus prometeu dar visões nos “últimos dias”; não para uma nova regra de fé, mas para conforto do Seu povo e para corrigir os que se desviam da verdade bíblica. Assim tratou Deus com Pedro, quando estava para enviá-lo a pregar aos gentios. *Primeiros Escritos*, p. 78.

Não para tomar o lugar da Palavra — O Senhor deseja que estudeis a Bíblia. *Ele não deu alguma luz adicional para tomar o lugar de Sua Palavra*. Esta luz deve conduzir as mentes confusas a Sua Palavra, a qual, se for comida e assimilada, é como o sangue que dá vida à alma. Então serão vistas boas obras como luz brilhando nas trevas. Carta 130, 1901.

Obter provas da Bíblia — No trabalho público *não torneis proeminente nem citeis o que a irmã White tem escrito, como autoridade para apoiar vossas posições*. Fazer isto não aumentará a fé nos Testemunhos. Apresentai vossas provas, claras e simples, da Palavra de Deus. Um “Assim diz o Senhor” é o mais forte testemunho que podeis apresentar ao povo. *Que ninguém seja instruído a olhar para a irmã White, e, sim, ao poderoso Deus, que dá instruções à irmã White*. Carta 11, 1894.

Primeiro os princípios bíblicos, depois os Testemunhos — *Meu primeiro dever é apresentar os princípios bíblicos*. Então, a menos que tenha sido efetuada decidida e conscienciosa reforma por aqueles cujos casos me foram apresentados, preciso apelar pessoalmente para eles. Carta 69, 1896.

A obra de Ellen White não é diferente da obra dos profetas bíblicos — Nos tempos antigos, Deus falou aos homens pela boca de Seus profetas e apóstolos. Nestes dias, Ele lhes fala por meio dos Testemunhos do Seu Espírito. Não houve ainda um tempo

¹⁶ Os trechos destacados em itálico (grifo nosso) são os que melhor refletem a compreensão de Ellen White sobre a relação de seus escritos com a Bíblia.

em que mais seriamente falasse ao Seu povo a respeito de Sua vontade e da conduta que este deve ter. *Evangelismo*, p. 255, 256.

A Bíblia e o Espírito de Profecia têm o mesmo autor — *O Espírito Santo é o autor das Escrituras e do Espírito de Profecia*. Estes não devem ser torcidos e levados a indicar o que o homem quer que indiquem, para cumprir as ideias e os sentimentos do homem, para levar avante os seus desígnios sob todos os riscos. Carta 92, 1900.

A luz menor — Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior. *Review and Herald*, 20 de janeiro de 1903. (Citado em *O Colportor Evangelista*, p. 125.)

Provado pela Bíblia — O Espírito não foi dado — nem nunca o poderia ser — a fim de sobrepor-Se à Escritura; pois esta explicitamente declara ser ela mesma a norma pela qual todo ensino e experiência devem ser aferidos. [...] Isaías declara: “À Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva” (Is 8:20). *O Grande Conflito*, p. 7.

Não para proporcionar nova luz — O irmão J. procura confundir os espíritos, esforçando-se por fazer parecer que a luz que Deus nos concedeu por meio dos Testemunhos constitui um acréscimo à Palavra de Deus, mas com isto apresenta os fatos sob uma luz falsa. Deus escolheu chamar por este meio a atenção de Seu povo para a Sua Palavra, a fim de conceder-lhes uma compreensão mais perfeita da mesma.

A Palavra de Deus é suficiente para iluminar o espírito mais obscurecido, e pode ser compreendida por todo o que sinceramente deseja entendê-la. Mas, não obstante isto, alguns que dizem fazer da Palavra de Deus o objeto de seus estudos são encontrados vivendo em oposição direta a alguns de seus mais claros ensinamentos. Daí, para que tanto homens como mulheres fiquem sem escusa, Deus dá testemunhos claros e decisivos, a fim de reconduzi-los à Sua Palavra, que negligenciaram seguir.

A Palavra de Deus está repleta de princípios gerais para a formação de hábitos corretos de vida, e os testemunhos, tanto gerais como individuais, visam chamar sua atenção particularmente para esses princípios. *Testemunhos Seletos*, v. 2, p. 279.

Testemunhos para trazer lições simples da Palavra — Nas Escrituras Deus expôs lições práticas para governar a vida e a conduta de todos; mas, conquanto Ele tenha dado minuciosas instruções a respeito de nosso caráter, conversação e conduta, em grande parte Suas lições são negligenciadas e desprezadas. Além das instruções em Sua Palavra, *o Senhor tem concedido testemunhos especiais a Seu povo, não como uma nova revelação, mas para que possa apresentar-nos as claras lições de Sua Palavra, a fim*

de que sejam corrigidos os erros e indicado o caminho certo, para que toda alma fique sem escusa. Carta 63, 1893. (Ver *Testemunhos Para a Igreja*, v. 5, p. 665.)

Ellen White foi habilitada para definir claramente a verdade e o erro — Naquele tempo [depois do desapontamento de 1844], erro após erro procurava forçar entrada entre nós; pastores e doutores introduziam novas doutrinas. *Nós estudávamos as Escrituras com muita oração, e o Espírito Santo nos trazia ao espírito a verdade. Por vezes, noites inteiras eram consagradas à pesquisa das Escrituras, a pedir fervorosamente a Deus Sua guia. Juntavam-se grupos de homens e mulheres pios, para esse fim. O poder de Deus vinha sobre mim, e eu era habilitada a definir claramente o que era a verdade e o que era erro.*

Ao serem assim estabelecidos os pontos de nossa fé, nossos pés se colocavam sobre um firme fundamento. Aceitávamos a verdade ponto por ponto, sob a demonstração do Espírito Santo. Eu era arrebatada em visão, e eram-me feitas explanações. Foram-me dadas ilustrações de coisas celestiais, e do santuário, de modo que fomos colocados em posição onde a luz resplandecia sobre nós em raios claros e distintos. *Obreiros Evangélicos*, p. 302.

Para corrigir o erro e especificar a verdade — Escrevi muita coisa no diário que tenho mantido em todas as minhas viagens, e deve ser apresentado ao povo se for essencial, mesmo que eu não escreva mais nenhuma linha. Desejo que apareça o que for considerado conveniente, pois o Senhor me deu muita luz que desejo que as pessoas tenham; porque há instruções que o Senhor me tem dado para Seu povo. É luz que eles devem ter, regra sobre regra, preceito sobre preceito, um pouco aqui, um pouco ali. Isto deve agora ser apresentado ao povo, porque foi dado para corrigir erros e para especificar o que é verdade. O Senhor revelou muitas coisas que indicam a verdade, dizendo portanto: “Este é o caminho, andai por ele.” Carta 117, 1910.

Os Testemunhos nunca contradizem a Bíblia — A Bíblia deve ser o vosso conselheiro. Estudai-a e os Testemunhos que Deus tem dado; pois *eles nunca contradizem Sua Palavra*. Carta 106, 1907.

Se os Testemunhos não falarem de acordo com a Palavra de Deus, rejeitai-os. Cristo e Belial não se unem. *Testemunhos Para a Igreja*, v. 5, p. 691.

A respeito de citar a irmã White — Como pode o Senhor abençoar os que manifestam o espírito de “não me importa”, que os leva a andar em sentido oposto à luz que o Senhor lhes deu? Não solicito, porém, que acateis minhas palavras. Ponde a irmã White de lado. Não citeis outra vez as minhas palavras enquanto viverdes, até que possais

obedecer à Bíblia. Quando fizerdes da Bíblia vosso alimento, vossa comida e vossa bebida, quando fizerdes de seus princípios os elementos de vosso caráter, conhecereis melhor como receber conselho de Deus. Enalteço a preciosa Palavra diante de vós neste dia. Não repitais o que eu declarei, afirmando: “A irmã White disse isto” e “a irmã White disse aquilo”. Descobri o que o Senhor Deus de Israel diz, e fazei então o que Ele ordena. Manuscrito 43, 1901. (De um discurso aos dirigentes de igreja na noite que antecedeu a abertura da Assembleia da Associação Geral de 1901.)

O Espírito Santo dá palavras apropriadas — A bondade do Senhor para comigo é muito grande. Louvo o Seu nome porque minha compreensão dos assuntos bíblicos é clara. *O Espírito de Deus atua em minha mente* e me dá palavras apropriadas para expressar a verdade. Também sou grandemente fortalecida quando estou em pé diante de grandes congregações. Carta 90, 1907.

A ajuda do Espírito na escolha de palavras apropriadas — Estou procurando captar as próprias palavras e expressões que foram feitas no tocante a este assunto, e, quando minha pena hesita por um momento, me vêm à mente as palavras apropriadas. Carta 123, 1904.

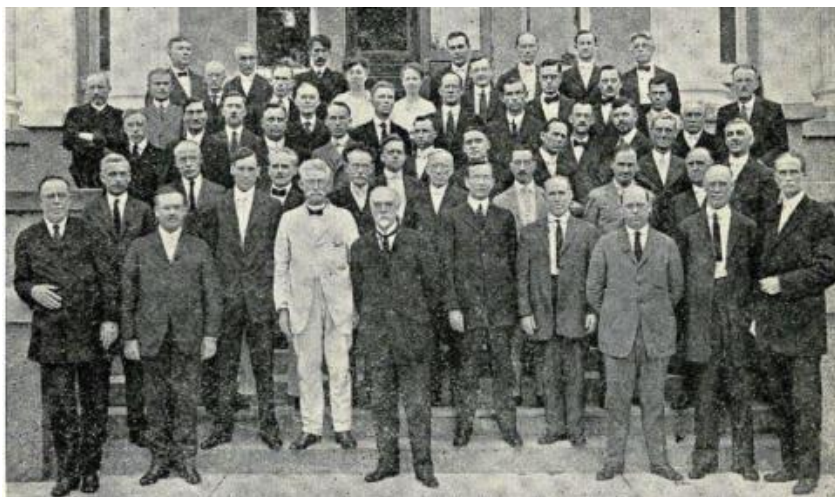
Ao escrever estes preciosos livros, se eu hesitava, me era dada a própria palavra de que necessitava para expressar a ideia. Carta 265, 1907.

Escolhendo cuidadosamente as palavras¹⁷ — Estou muitíssimo ansiosa de usar palavras que não deem ensejo para que alguém mantenha sentimentos errôneos. Preciso usar palavras que não sejam tomadas em mau sentido, atribuindo-se-lhes um significado oposto àquilo que tencionavam indicar. Manuscrito 126, 1905.

¹⁷ Essa aparente contradição com as [duas] declarações anteriores pode ser resolvida facilmente pela seguinte proposição: Ainda que Deus não inspire as palavras, nada impede que eventualmente Ele ajude na escolha delas. Ellen White estava em um encontro com os dirigentes da Igreja, como um grupo, pela primeira vez em dez anos. Situações tanto na Associação Geral como em nossas instituições sediadas em Battle Creek haviam, em muitos casos, atingido um baixo nível. Testemunhos recomendando um retorno aos princípios bíblicos tinham sido aceitos teoricamente, mas não houvera autêntica melhora.

A maioria dos delegados à Assembleia da Associação Geral que começaria na manhã do dia seguinte percebia que precisava haver modificações. Na reunião de abertura, Ellen White repreenderia dirigentes institucionais e solicitaria a reorganização da Associação Geral. Sua preocupação era que as modificações que precisavam ser efetuadas se baseassem em princípios bíblicos, e não somente nas palavras de Ellen White. Nessa alocução ela declarou: “Deus me disse que meu testemunho deve ser dado a esta Assembleia e que não devo procurar fazer com que os homens creiam nele. Minha obra é deixar a verdade com as pessoas, e os que apreciam a luz do Céu aceitarão a verdade.” Manuscrito 43, 1901.

Conselhos seriam transmitidos por ela como mensageira do Senhor, e esses conselhos deviam se atendidos, mas precisava ser realizada uma profunda obra baseada nos princípios enunciados na Palavra de Deus. — *Os Compiladores*

Apêndice 3

Delegados presentes na Conferência de 1919

Fonte: Revista *Christian Educator*, v. 11, out. 1919, p. 29.

Referências

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. **Nisto Cremos: As 28 Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

BEMMELEN, P. M. Revelação e inspiração. *In*: DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 26- 66.

CAMPBELL, Michael W. 1919: **The Story of Adventism's Struggle with Fundamentalism**. Pacific Press, 2019.

CAMPBELL, Michael W. **The 1919 Bible Conference and its Significance for Seventh-day Adventist History and Theology**. Tese (Doutorado), Andrews University. Berrien Springs, 2008.

CANALE, Fernando L. Revelação e inspiração. *In*: REID, G. W. (ed.). **Compreendendo as Escrituras: Uma Abordagem Adventista**. 2. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2018. p. 81-114.

CHRISTIAN Educator: A Magazine for Home and School, v. 11, out. 1919. Disponível em: documents.adventistarchives.org/Periodicals/CE/CE19191001-V11-02.pdf. Acesso em: 5 jun. 2024.

DOUGLASS, Herbert E. **A Mensageira do Senhor**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

FORTIN, Denis; MOON, Jerry (eds.). **Enciclopédia Elen G. White**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

LOUGHBOROUGH, John N. **O Grande Movimento Adventista**. Série Legado dos Pioneiros Adventistas. Engenheiro Coelho, SP: Editora dos Pioneiros, 2014.

REPORT of the 1919 Bible Conference. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Resources/Forms/AllItems.aspx?Root>. Acesso em: 5 jun. 2024.

RICE, George E. Dons espirituais. *In*: DEDEREN, Raoul (ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 676-720.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de Luz: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009.

WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 2007a.

WHITE, Ellen G. **Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes**. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 2007b.

WHITE, Ellen G. **Mensagens Escolhidas**, v. 1. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 2007c.

WHITE, Ellen G. **Mensagens Escolhidas**, v. 3. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 2007d.

WHITE, Ellen G. **O Colportor Evangelista**. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 2007e.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para Ministros**. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 2007.

How Ellen G. White understood the concept of worldliness in the testimonies for the church series

Alberto Tasso Barros¹

Introduction

The search for purity, holiness, and separation of earthly affairs has been debated in Christianity for centuries. The relations of the Church and civilization intrigue historians, theologians, politicians and churchmen, Catholics and Protestants, Christians and antichristians throughout the ages.² The Seventh-day Adventist church is no different. After his retirement announcement in 1978, the former worldwide president of the denomination, Robert H. Pierson, delivered an "An Earnest Appeal" urging the church to resist the tendency of secularization at all costs.³

Referring to a development model from a sect to a church, he states that when the church reaches the fourth generation, more "attention is given to contemporary culture, with interest in the arts, music, architecture, literature. The movement seeks to become 'relevant' to contemporary society by becoming involved with popular causes."⁴ He emotionally pleads that "must never happen to the Seventh-day Adventist Church."⁵

Ellen G. White, the most influential voice in Seventh-day Adventism, wrote extensively about secularization's dangers and urged the SDA against a worldly faith and lifestyle. Simple research shows that the term "worldliness" appears at least 6,000 in her lifetime works and the cognate "conformity to the world" more than 150 times.⁶ Although it is a common term, it is at least surprising that only a little was written about her

¹ B.A in Theology at the Adventist University of São Paulo (UNASP). M.A. in Theology at the Peruvian Adventist University (UPeU). PhD student at Andrews University.

² NIEBUHR, H. Richard. **Christ and Culture**. New York, NY: Harper One, 2001.

³ He referred to a paper written in 1975 by Beatrice S. Neall, then a graduate student at Andrews University, in which she applies to the Seventh-day Adventist church the Ernst Troeltsch and H. Richard Niebuhr's sociological concept of the evolution of a religious group from a sect to an established church. The paper entitled "The Covenant: God's Plan for Maintaining Loyalty" was adapted and published in 1997 in the Ministry Magazine. NEALL, Ralph; NEALL, Beatrice. Passing the Torch. **Ministry**, fevereiro, 1997. See also NIEBUHR, H. Richard. **The Social Sources of Denominationalism**. New York, NY: Holt, 1929.

⁴ PIERSON, Robert H. An Earnest Appeal from the Retiring President of the General Conference. **Adventist Review**, 26 out. 1978, p. 10.

⁵ PIERSON, Robert H. An Earnest Appeal from the Retiring President of the General Conference. **Adventist Review**, 26 out. 1978, p. 10.

⁶ Of course, not all entries of "worldliness" is original material. As usual in Ellen White's publications, articles, letters, and other publications, much of the materials were republished in different formats. So, you get much repetition. Nevertheless, the number of times that the term appears can also show the topic's relevance.

understanding of such an important concept.

Even the massive work of the *Ellen G. White Encyclopedia* does not include a specific entry on the topic of worldliness. The subject appears only associated with Emma Webber, a former worker of the Battle Creek Sanitarium. It mentions a letter sent to her by Ellen White in 1891. In this document, White rebuked her pride, worldliness, and danger of backsliding.⁷ A worldliness spirituality also appears in the *Encyclopedia* as a reason for the delay of the Second Coming and a cause for the eschatological shaking.⁸

In 2007, a doctoral dissertation defended in the South American Adventist Theological Seminary by Heraldo Vander Lopes about the concept of the Eschatological Shaking in the writings of Ellen G. White provided helpful insights into the role of worldliness as a cause for the end-time shaking. However, the subject of conformity to the world is only mentioned tangentially.⁹ Moreover, much has been written about the worries of secularization within the Adventist Church. Still, none pursued the development of the understanding of Ellen White regarding the dangers and concerns of a worldliness Christianity.¹⁰

⁷ CAMPBELL, Michael W. Webber, Emma (1856–1912). In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 542. Ellen White seems to link Webber's worldliness with a cold heart and lack of piety. She needed to be less self-centered to reflect the character of Jesus. The letter number 7 from 1891 (manuscript 947) states: "You are not able to walk alone in the sparks of your own kindling, for if you do not place yourself under the bright beams of the Sun of Righteousness that it may shine into your heart and expel all selfishness, all worldliness, you cannot be a light to the world. You are not cultivating piety and a meek and quiet spirit through the grace of Christ. You need to cultivate human sympathy and love. You are too cold, you hold yourself aloof from others, while circumstances and opportunities are granted you every day to represent the character of Jesus." See **Manuscript Releases [Nos. 921–999, 1982–1983]**. Vol. 12. Ellen G. White Estate, 1993, p. 104.

⁸ DOUGLASS, Herbert E. Second Coming of Christ, Delay Of. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 1142. COON, Roger W. Shaking. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 1158. Ellen White specifically associated worldliness as a cause for the delay of the Second Coming: "It is the unbelief, the worldliness, unconsecration, and strife among the Lord's professed people that have kept us in this world of sin and sorrow so many years". WHITE, Ellen G. **Manuscript 4**, 1883. This manuscript is published entirely in WHITE, Ellen G. **Selected Messages From the Writings of Ellen G. White**. Vol. 1. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1958, p. 59-73.

⁹ LOPES, Heraldo Vander. *The Concept of Eschatological Shaking in the Writings of Ellen G. White*. Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, 2007.

¹⁰ Roger Dudley in 1986 proposes an interesting analysis of the relationship between the Church and the World using Richard Niebuhr's typology with a Seventh-day Adventist perspective. Although outdated, he intends to propose a good way for the church to relate to the culture. Alberto R. Timm also provides helpful considerations about the divine accommodation and cultural contexts in inspired materials in an article published in 2008. It's also useful to mention the publication of Rick Ferret in *Ministry Magazine* bearing in mind the challenges of the Adventist identity in the 21st century. See DUDLEY, Roger L. **The World: Love it or Leave it**. Boise, ID: Pacific Press, 1986. TIMM, Alberto R. Divine Accommodation and Cultural Conditioning of the Inspired Writings. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 19, n. 1/2, 2008. FERRET, Rick. Adventist Identity in a Changing World. **Ministry Magazine**, outubro 2002. Disponível em: <https://www.ministrymagazine.org/archive/2002/10/adventist-identity-in-a-changing-world.html>.

So, with the proposal to research the concept of worldliness in Ellen White's writings, the most natural way is to look extensively at the counsels and admonitions she wrote to the SDA movement. For instance, the most comprehensive publication of her messages to individuals and the church is the nine volumes series entitled *Testimonies for the Church*. These messages deal mainly "with principles of Christian living and the mission of the church."¹¹ Therefore, this article limits itself to researching the concept of worldliness within the nine volumes of the *Testimonies for the Church*.¹²

The Background of the Publication of *Testimonies for the Church*

The printing of the nine volumes of *Testimonies for the Church* has a long way until the fourth edition, published in 1948. The early ministry of Ellen White was marked by extensive traveling to give her message to the new Sabbatarian Adventists. However, as the movement grew, it "became increasingly difficult for her to reach all the scattered believers, and she began to write her messages."¹³ In November 1855, church leaders agreed to publish a 16-page pamphlet called *Testimony for the Church*.¹⁴

After the production of the first, the publication of other numbered pamphlets occurred regularly through the 1850s and 1860s.¹⁵ However, in 1864, by the time of the 10th *Testimony*, the previous editions were out of print. So, they reprinted the *Testimonies* as part of *Spiritual Gifts*, volume 4.¹⁶ Another nine pamphlets (numbers 11 to 19) of the

¹¹ FORTIN, Denis. *Testimonies for the Church*. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 1212.

¹² It should be clear that this is a study of the use and presence of the term "worldliness" and "conformity to the world" in the *Testimonies for the Church* of Ellen G. White. The concept of the worldliness is present in many places where Ellen G. White does not explicitly use the term itself, but we have abstained from exploring those cases.

¹³ FORTIN, Denis. *Testimonies for the Church*. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 1213.

¹⁴ FORTIN, Denis. *Testimonies for the Church*. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 1213. See WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Battle Creek, MI: Advent Review Office, 1855.

¹⁵ The years of publications of the first ten *Testimonies* are those: (1) 1855, (2) 1856, (3) and (4) 1857, (5) 1859, (6) 1861, (7) and (8) 1862, (9) 1863, (10) 1864. There is a useful table with the years of publications of each of *Testimony* in ELLEN G. WHITE ESTATE. **Testimony Countdown: Guidebook to the Study of the Testimonies for the Church by Ellen G. White**. Washington, DC: General Conference of Seventh-day Adventists, 1969, p. 65.

¹⁶ This volume 4 of *Spiritual Gifts* comprehends the testimonies 1 to 10, except the number 4. In this edition at least three omissions were made from the original pamphlets: (1) matters of local nature, (2) matters of personal nature, (3) other testimonies which were repeated in other volumes. WHITE, Arthur L. **Messenger to the Remnant**. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1969, p. 119. Ellen White wrote as an introduction of the last section of the *Spiritual Gifts*, volume 4: "during the last nine years, from 1855 to 1864, I have written ten small pamphlets, entitled, *Testimony for the Church*, which have been published and circulated among Seventh-day Adventists. The first edition of most of these pamphlets being

Testimonies appeared between 1865 and 1870.¹⁷ In 1871, James White gathered these 19 testimonies and printed three bound volumes because "the call of these testimonies was large."¹⁸ Other volumes published the *Testimonies* from 20 to 30 in different formats.¹⁹

Nevertheless, the presentation as we have it today began to take form with the decision of the General Conference of 1883 to print the first 30 testimonies in four volumes with a well-done edition requested by Ellen White.²⁰ The new edition of volumes 1 to 4 came out in 1885. In 1889, volume 5, containing testimonies from 31 to 33, was

exhausted, and there being an increasing demand for them, it has been thought best to re-print them, as given in the following pages, omitting local and personal matters, and giving those portions only which are of practical and general interest and importance. Most of Testimony number 4 may be found in the second volume of *Spiritual Gifts*, hence, it is omitted in this volume." WHITE, Ellen G. **Spiritual Gifts**. Vol. 4. Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1864, p. ii.

¹⁷ The year of publications of those numbers are 11, 12 and 13 in 1867; 14, 15 and 16 in 1868; 17 in 1869; 18 and 19 in 1870; 20 in 1871.

¹⁸ J WHITE, James. Preface. In: WHITE, Ellen G. **Testimonies to the Church**. Vol. 1. Battle Creek, MI: Steam Press of the Seventh-day Adventist Church, 1871, p. 1. In this edition of 1871, all the testimonies were included without the omissions of the 1864 edition. The first 11 testimonies were in volume one, and testimonies 12 to 16 were in the other volume. The third volume came later in the same year with testimonies from 17 to 19.

¹⁹ The individual *Testimonies* pamphlets were published in the following order: 21 and 22 in 1872; 23 in 1873; 24 and 25 in 1875; 26 and 27 in 1876, 28 in 1879, 29 in 1880, 30 in 1881. By this time, they were also reunited in volumes. Testimonies numbers 17 to 22 were published in 1873 in the same volume. Testimonies numbers 23 to 25 also were aggregated and published in 1875. Testimonies numbers 26 to 28 were published in 1879. Testimony number 29 came out in one volume in 1880 and number 30 in another volume in 1881.

²⁰ FORTIN, Denis. Testimonies for the Church. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 1213. The General Conference of the SDA Church considered the *Testimonies* very valuable. In the session of October 14, 1878, was resolved to "place them [the *Testimonies*] in the library of each church, and in the hands of scattered brethren, and that they encourage the reading of them. And further, resolved, that where these works are used as above stated, we offer them at one-half the retail price." In the session of April 23, 1879, the committee appointed to "consider the subject of the republication of the *Testimonies* and the circulation of the writings of Sister White, would recommend that the testimonies be kept always in print." Also, in the meetings of November 25, 1879, was resolved "that we urge upon our ministers and tract societies the importance of making earnest efforts to extend the circulation of the volumes of the Spirit of Prophecy and the Testimonies to the Church among our own people, till these shall be in every family of believers." Finally, in the session of 1883, a new edition was proposed and voted: "some of the bound volumes of the *Testimonies to the Church* are out of print, so that full sets cannot be obtained at the Office; and whereas, there is a constant and urgent call for the re-printing of these volumes; therefore, resolved, that we recommend their re-publication in such a form as to make four volumes of seven or eight hundred pages each. Whereas, many of these testimonies were written under the most unfavorable circumstances, the writer being too heavily pressed with anxiety and labor to devote critical thought to the grammatical perfection of the writings, and they were printed in such haste as to allow these imperfections to pass uncorrected; and whereas, we believe the light given by God to his servants is by the enlightenment of the mind, thus imparting the thoughts, and not (except in rare cases) the very words in which the ideas should be expressed; therefore resolved, that in the re-publication of these volumes such verbal changes be made as to remove the above-named imperfections, as far as possible, without in any measure changing the thought; and, further resolved, that this body appoint a committee of five to take charge of the re-publication of these volumes according to the above preambles and resolutions." GENERAL CONFERENCE OF THE SEVENTH-DAY ADVENTIST CHURCH. Transcription of minutes of GC sessions from 1863 to 1888. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Minutes/GCSM/GCB1863-88.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

published.²¹ Volumes 6 (1900), 7 (1902), 8 (1904), and 9 (1909) appeared as complete volumes.²² Since then, the nine-volume series *Testimonies for the Church* became a comprehensive and authoritative message from Ellen White to the Seventh-day Adventist Church.²³

The concept of worldliness within the *Testimonies* uses the admonitions to the Laodicean church as a broad framework that comprehends the lukewarm condition of specific individuals, institutions, or moments of the Seventh-day Adventist movement. This framework comprises how she addresses the subject of a worldly lifestyle and functions as an organizational motif for this topic.²⁴ Additionally, her concept of worldliness can be categorized under three different emphases: (1) a harmful association with the world; (2) specific lifestyle issues like silly conversations, dressing, and actions; and (3) an unhealthy relationship with finances in the context of covetousness, pride, and selfishness. Furthermore, ways to solve this condition are frequently addressed in the *Testimonies*.

"A Peculiar People" - An Appeal to Separation and Uniqueness

Some crucial Adventist concepts, such as the fall of Babylon comprising an apostasy of Protestantism developed after the summer of 1843, such as the "shut-door" belief following the 1844 disappointment and the emphasis as being the eschatological remnant, gave the Sabbatarian Adventism a solid sense of separation from the secular culture.²⁵ The founders of the Seventh-day Adventist church "found an identity in their

²¹ The individual pamphlets were published in the following years: 31 and 32 in 1882; 33 in 1889.

²² In all, there are 37 testimonies. This edition volume 1 contains testimonies from 1 to 14 (originally published between 1855 and 1868 and a biographical sketch of Ellen White's life and ministry up to the death of James White in 1881. Volume 2 includes numbers 15 to 20 (published between 1868 and 1871); volume 3, numbers 21 to 25 (published between 1872 and 1875); and volume 4, numbers 26 to 30 (published between 1876 and 1881). Volume 5 appeared containing numbers 31, 32, and 33 in 1889. Volumes 6 (1900), 7 (1902), 8 (1904), and 9 (1909) contain only one testimony each. See FORTIN, Denis. *Testimonies for the Church*. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 1214.

²³ Usually, the quotes are from the 1948 edition, since the text is much like the previous editions published when Ellen G. White was alive. "The paging of this, the fourth edition, conforms to that of the preceding edition in use for so many years... The messages in this new reset edition are reproduced without change or editing, except for such slight adjustments as were necessary to make the new printing conform to current forms of spelling, grammar, and punctuation. There have been no additions or deletions." THE TRUSTEES OF THE ELLEN G. WHITE PUBLICATIONS. Preface to Fourth Edition. In: WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, p. 2.

²⁴ Felix A. Lorenz presents an insightful study about the Laodicean message in the writings of Ellen White in LORENZ, Felix A. **The Only Hope**. Ringgold, GA: Teach Services, 2003.

²⁵ Stephan Höschele presents a very solid study in the development of the conception of remnant in early Adventism on HÖSCHELE, Stephan. *The Remnant Concept in Early Adventism: From Apocalyptic*

isolation from the 'wicked world,' the fallen ecclesiastical institutions, and the larger Millerite/Adventist body that had rejected the prophetic significance of the October 1844 timing."²⁶

Although the first *Testimony* appeared only in 1855, five years before the initial steps in establishing an organizational system and with a more mature concept about the shut door and the remnant, there was still a clear emphasis and a heartfelt appeal from Ellen G. White to the incipient church to the dangers of "conforming themselves to the world."²⁷ With the apparent delay in the Second Coming and the accession to the church with many who have not been in the Millerite movement, the first *Testimonies* were given as a warning of the loss of that first love and a calling for a deeper consecration.²⁸

In *Testimony 7*, published in 1862, Ellen G. White told her readers that "from the beginning, Christ has chosen His people out of world and required them to be separate, having no fellowship with the unfruitful works of darkness."²⁹ She also recalls the biblical warnings to Israel in Ezra 9:1, 3-15; 2 Chronicles 36:14-16; Leviticus 18:26-27; Deuteronomy 32:16-22 as solid examples of the need for disconnection from the wicked world.³⁰ Furthermore, she responded to the criticism of being too exclusive: "As a people, we would make any sacrifice to save souls, or lead them to the truth. But to unite with them, to love the things that they love, and have friendship with the world, we dare not, for we should then be at enmity with God."³¹

Antisectarianism to an Eschatological Denominational Ecclesiology. **Andrews University Seminary Studies**, v. 51, n. 2, 2013.

²⁶ KAISER, Denis. A Sense of Belonging: The Adventist Journey Home. In: CONFERENCE ON ADVENTIST IDENTITY, Andrews University, outubro 2022. The way they referred to themselves in the early years of the denomination also suggests a sense of separation from other Christian movements and the prominent American culture of that time: (1) saints, (2) remnant, (2) advent believers, (3) the scattered/little flock, (4) a company, (5) a band, (6) God's people, (7) (true) children of God, (8) the true Israel of God, (9) the saints, (10) brethren, and (11) God's peculiar people. HÖSCHELE, Stephan. The Remnant Concept in Early Adventism: From Apocalyptic Antisectarianism to an Eschatological Denominational Ecclesiology. **Andrews University Seminary Studies**, v. 51, n. 2, 2013, p. 279.

²⁷ Höschele identifies in Ellen White's earliest publication entitled *To the Little Remnant Scattered Abroad* (1846) an incipient ecclesiology and a tripartite scheme about the way she presents "the Advent people, the church, and the world." There is an indication of the view that the "Advent people" (i.e., the "remnant") were those few who would remain faithful until the end, as opposed to "the church" and "the world.". See Höschele 279. Additionally, Douglas Morgan's doctoral dissertation analyses the civil and prophetic relationship between the Adventist movement and the American Republic. He also identifies the first period of an emphasis on separation: "remnant vs republic (1844-1861)." See MORGAN, Douglas. **Adventism and the American Republic**. Knoxville, TN: The University of Tennessee Press, 2001, p. 11-29.

²⁸ THE TRUSTEES OF THE ELLEN G. WHITE PUBLICATIONS. The Background of Volume One. In: WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, p. 6.

²⁹ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948, p. 279.

³⁰ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948, p. 280.

³¹ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing

Not so many years later, Ellen White also adverted in *Testimony* 16 that many of the professed people of God are "so conformed to the world that their peculiar character is not discerned, and it is difficult to distinguish 'between him that serveth God and him that serveth Him not.' God would do great things for His people if they would come out from the world and be separate."³² This emphasis on separation endures and appears also much later, as in *Testimony* 35 (1902) as she calls for greater humility and "distinction from the world, among Seventh-day Adventists."³³

In these constant appeals for disassociation from the 19th-century American secular culture and its religious milieu, there is a frequent emphasis on preparing a people for the Second Coming. So, this separation from the world is not monastic, focused on spiritual discipline, but a complete devotion to the Adventist message in the context of devising Jesus' return. In this context, she adverted in *Testimony* 16 that "while worldlings are all earnestness and ambition to secure earthly treasure, God's people are not conformed to the world, but show by their earnest, watching, waiting position that they are transformed; that their home is not in this world, but that they are seeking a better country, even a heavenly."³⁴

Indeed, the separation from the world she proposed did not mean isolation. Still, it designates a careful way of living and an intentional association to reach those who have yet to know the Adventist message. Moreover, from a missiological point of view, although some accommodation is needed, this does not mean a complete identification with the present culture to reach those outside the church. In *Testimony* 35, Ellen White presents this principle in a clear statement:

"We cannot serve God and the world at the same time. We must not center our affections on worldly relatives, who have no desire to learn the truth. We may seek in every way, while associated with them, to let our light shine; but our words, our deportment, our customs and practices, should not in any sense be molded by their ideas and customs."³⁵

Association, 1948, p. 282.

³² WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 2. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, p. 128.

³³ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 7. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, p. 296–297.

³⁴ White, *Testimonies for the Church*, 2:194. She concludes in this context that "God designs that His people shall fix their eyes heavenward, looking for the glorious appearing of our Lord and Saviour Jesus Christ." White, *Testimonies for the Church*, 2:194.

³⁵ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 5. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, p. 543. In *Testimony* 30, about the topic of dress, she also remarks on the importance of peculiarity: "many dresses like the world in order to have an influence over unbelievers, but here they make a sad mistake. If they would have a true and saving influence, let them live out their profession, show their faith by their righteous works, and make the distinction plain between the Christian and the worldling." WHITE, Ellen G.

The first 30 testimonies were more specific and frequently addressed people, families, or small communities.³⁶ As the years passed, especially with Testimonies vols. 4 and 5, the focus shifted to the community in Battle Creek and the first institutions of the church. In 1855, Battle Creek was chosen as the home for the publishing house, the same year that *Testimony* 1 was published. Over the years, the city became the headquarters for the Seventh-day Adventists and enjoyed a significant concentration of believers.³⁷

An Appeal to Uniqueness Regarding Church Institutions

Testimony 29 was addressed to the Seventh-day Adventist community in Battle Creek, and Ellen White rebuked them, using powerful language, of not living up to the position as a peculiar people:

"The barriers which God's word places about His people are being broken down. Men who are acquainted with the way in which God has led His people in the past, instead of inquiring for the old paths and defending our position as a peculiar people, have linked hands with the world. The most alarming feature in the case is that warning voices have not been heard in remonstrance, entreaties, and warnings. The eyes of God's people seem to be blinded, while the church is

Testimonies for the Church. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, p. 634. In *Testimony* 37, published in 1909, in the same context of reaching the non-believers, Ellen White called for a clear separation: "The line of demarcation between those who keep the commandments of God and those who do not is to be revealed with unmistakable clearness." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church.** Vol. 9. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, p. 251 The well-known quote in *The Great Controversy* exemplifies this principle: "Conformity to worldly customs converts the church to the world; it never converts the world to Christ. Familiarity with sin will inevitably cause it to appear less repulsive. He who chooses to associate with the servants of Satan will soon cease to fear their master." WHITE, Ellen G. **The Great Controversy.** Mountain View, CA: Pacific Press, 1911. p. 509. Ellen White had a balanced and practical view of the relationship with nonbelievers. She proposed Christ as the model of not conforming to the world yet being concerned with people's needs: "Christ carried out in His life His own divine teachings. His zeal never led Him to become passionate. He manifested consistency without obstinacy, benevolence without weakness, tenderness and sympathy without sentimentalism. He was highly social; yet He possessed a reserved dignity that did not encourage undue familiarity. His temperance never led to bigotry or austerity. He was not conformed to this world; yet He was not indifferent to the wants of the least among men. He was awake to the needs of all." WHITE, Ellen G. **Manuscript 132**, 1902.

³⁶ There are plenty of examples of visions and messages that Ellen White claimed to be received from God to specific persons or families regarding their worldliness. On December 10, 1871, she received a message concerning a family and the dangerous association with unholy activities. See, for example, WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church.** Vol. 3. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, p. 40-41

³⁷ The Village of Battle Creek was chartered in 1850 with a population of 1,050; by 1860, the population was 3,508. In 1855, when James and Ellen White moved there, the city had only 14 Adventists, but by 1900 the congregation numbered more than 1,000 members. HICKERSON, Stanley D. Battle Creek, Michigan. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia.** Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 634.

fast drifting into the channel of worldliness."³⁸

As mentioned, the emphasis in the later *Testimonies* is more on the institutions than on particular people. Ellen White stressed later, in her *Testimony* 34 (1900), the importance of the Adventists Schools following a different pattern from the secular institutions. She was in Australia when she penned this sixth volume. Although she exalted the school of Avondale as a model to be followed,³⁹ she also worried about some educational institutions, especially in America, that were lowering the moral standards in searching for popularity.⁴⁰ Her counsel was straightforward against to maintain the standard for popularity as numbers were not necessarily evidence of success. The school should aim for virtue, intelligence, and piety and not be converted to the fashions of the world.⁴¹

Underlining the significance of uniqueness and separating from secular culture, Ellen White also adverted the church publishing houses that "our publishing work... was designed to accomplish a specific purpose. Seventh-day Adventists have been chosen by God as a peculiar people, separate from the world... called them to be ambassadors for Him in the last work of salvation."⁴² At the turn of the 20th century, some Review and Herald, and Pacific Press machinery were not used full-time. Both institutions started printing commercial material so they could maintain the plants and the staff on a sound basis.⁴³

However, this printed secular material was very profitable; it aroused several

³⁸ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948. p. 513 In this very *Testimony*, she rebukes some of the members of being dishonest with others that came from abroad: "Some who have located in Battle Creek in order to have a more favorable opportunity to benefit themselves, are guilty of selfishness and even fraud in dealing with our brethren who have come from abroad," WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948. p. 512

³⁹ WHITE, Ellen G. **Manuscript** 186, 1898.

⁴⁰ A PhD dissertation thesis by Milton Hook analyses the Avondale Collage as an example to the Adventists School system. See HOOK, Milton Raymond. *The Avondale School and Adventist Educational Goals, 1394-1900*. Andrews University, 1978.

⁴¹ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 6. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 143. She was very clear that the Seventh-day Adventists schools and colleges must endure a different model than the other secular institutions: "Many teachers permit their minds to take too narrow and low a range. They do not keep the divine plan ever in view, but are fixing their eyes upon worldly models. Look up, 'where Christ sitteth on the right hand of God,' and then labor that your pupils may be conformed to His perfect character. Point the youth to Peter's ladder of eight rounds, and place their feet, not on the highest round, but on the lowest, and with earnest solicitation urge them to climb to the very top." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 6. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 147

⁴² WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 7. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948. p. 138

⁴³ THE TRUSTEES OF THE ELLEN G. WHITE PUBLICATIONS. *The Times of Volume 7*. In: WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 7. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, p. 6

problems. Section four of *Testimony* 35 (1902) addressed this matter beyond other issues. Ellen White was very balanced and cautioned in saying that it was unnecessary to divorce the commercial work from the publishing houses entirely, "for this would close the door against rays of light that should be given to the world."⁴⁴ However, this material should be carefully selected to not "interfere with the spirituality of the institution." They must "build up the work that represents the truth."⁴⁵

In general lines, she urged the publishing houses to present their labor in distinctive lines:

"God has ordained that His work shall be presented to the world in distinct, holy lines. He desires His people to show by their lives the advantage of Christianity over worldliness. By His grace every provision has been made for us in all our transaction of business to demonstrate the superiority of Heaven's principles over the principles of the world. We are to show that we are working upon a higher plane than that of worldlings."⁴⁶

The same attention was given to the health institutes, especially the Battle Creek Sanitarium. In the 1870s, by the times of *Testimony* 27 to 30, Ellen White was a leading speaker in many American temperance meeting associations. However, she stressed the peculiar purposes of the church's health institutions. She penned that the success of the sanitarium depended upon it maintaining the simplicity of godliness and "shunning the world's follies in eating, drinking, dressing, and amusements." It must be "reformatory in all its principles."⁴⁷ She warned that the "religious element" must prevail: "Let not our health asylum be perverted to the service of worldliness and fashion."⁴⁸

The Lukewarm Condition Motif in the Context of Separation from the World

Equally important is to note that around April of 1857, with the publication of the third *Testimony*, Ellen White's applied to the Sabbatarian movement the lukewarm

⁴⁴ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 7. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948. p. 163

⁴⁵ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 7. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948. p. 163

⁴⁶ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 7. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948. p. 142

⁴⁷ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948. p. 586

⁴⁸ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948. p. 586. She completed: "Let religious principles be made prominent and kept so; let pride and popularity be discarded; let simplicity and plainness, kindness and faithfulness, be seen everywhere; then the sanitarium will be just what God intended it should be; then the Lord will favor it." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948. p. 587

condition of Laodicea (Rev. 3:14-22).⁴⁹ Formerly, this condition was understood to apply to the Advent believers who had not followed in the new light of the third angel and who had organized themselves into another church, bitterly opposing the Sabbath truth.⁵⁰ Therefore, the message to Laodicea in the *Testimonies* inaugurated this new set of counsels and warnings to the church in the context of the appeals of the True Witness (Rev. 3:14,18-20).⁵¹

In *Testimony 5* (1859), Ellen White again applied the lukewarm condition to the sabbath-keepers saying that "the testimony to the Laodiceans applies to God's people at the present time."⁵² She proposes that they achieved this lukewarmness because of their (1) hardness of heart, (2) backsliding, and (3) imitation of the fashions of this world.⁵³ Later, in 1882, she also included in this spiritual warmness the love of Mammon, as those who had "great light, great opportunities, and every spiritual advantage" but "praise Christ and the world with the same breath."⁵⁴

The Laodicean message will function as the central motif for Ellen White's message to the Seventh-day Adventist church regarding the problem of worldliness, backsliding, and conformation to the present culture. The warnings of the lukewarm state are related to a worldliness condition in almost every case. As seen by Ellen White, this

⁴⁹ She wrote: "the Lord has shown me in vision some things concerning the church in its present lukewarm state, which I will relate to you. The church was presented before me in vision. Said the angel to the church: 'Jesus speaks to thee, 'Be zealous and repent.'" This work, I saw, should be taken hold of in earnest. There is something to repent of. Worldly-mindedness, selfishness, and covetousness have been eating out the spirituality and life of God's people". WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 141

⁵⁰ THE TRUSTEES OF THE ELLEN G. WHITE PUBLICATIONS. The Background of Volume One. In: WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948. p. 6.

⁵¹ In 1856, James White began a series of editorials in the *Review and Herald* arguing from Scripture that the Laodicea's lukewarm condition should be applied to the sabbath-keeping Adventists. Instead of saying the Lukewarm condition Laodicea were those who did not accept the message of the soon return of Jesus as did the Millerites, he now proposed that the nominal churches and the other Adventists are cold, so the lukewarm condition represents the sabbath-keepers. WHITE, James. Watchman, What of the Night? **Adventist Review and Sabbath Herald**, 9 out. 1856, p. 184. Ellen White was in full agreement, and many others sent to the *Review* letters in acceptance of this message. See also MOON, Jerry. The Laodicean Message. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 924-925.

⁵² WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 186.

⁵³ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 186-188.

⁵⁴ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 5. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 77. She's rebuking the lack of full commitment to the religion of Christ and a divided way of living the religion: "many of our people are lukewarm. They occupy the position of Meroz, neither for nor against, neither cold nor hot. They hear the words of Christ, but do them not. If they remain in this state, He will reject them with abhorrence... They make merry with the children of the world, and yet claim to be blessed with the children of God." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 5. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 76-77.

will be even clearer as we move forward to the following two categories of conformity to the world.

"Dress, Conversation and Actions" - Lifestyle-related Issues

The 19th century in the United States was marked by intense transformation as America underwent the most fundamental changes of its history in the last half of the nineteenth century.⁵⁵ They were growing as a nation, conquering the West and with population figures bounding upward. All this variation promoted drastic transformations in the American way of life. On the one hand, temperance reform was becoming more popular; on the other, popular amusements (theatre, circus, and sporting), especially after the civil war, became part of American life as never before.⁵⁶ At this time, pulp fiction novels also became very well-received.⁵⁷ All that affected the yet little Adventist Sabbatarian movement.

In the first *Testimony*, Ellen White mentioned a vision of an angel with "scales in his hands weighing the thoughts and interest of the people of God, especially the young." On the one hand, he weighed the heavenly thoughts; on the other, the thoughts and interests tending to the Earth. These thoughts included reading storybooks, ideas of dress, vanity, and pride. Unfortunately, "the scale filled with thoughts of earth, vanity, and pride quickly went down, notwithstanding weight after weight rolled from the scale." She recalls it as a solemn moment and concludes that "unless they speedily repent, they will perish."⁵⁸

Not much later, in May 1856, Ellen White also wrote down an analog vision correlating the tied-up resemblance between the so-called people of God and the cultural milieu of that time. This vision, named the Two-Way Vision (Matthew 7:13-14), is longer than the former. She heard the angel saying to "strive to enter in at the strait gate, for wide is the gate, and broad is the way, that leadeth to destruction, and many there be which go in thereat: Because strait is the gate, and narrow is the way, which leadeth unto life, and

⁵⁵ McARTHUR, Benjamin. Amusing the Masses. In: LAND, Gary (ed.). **The World of Ellen G. White**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1987. p. 177.

⁵⁶ McARTHUR, Benjamin. Amusing the Masses. In: LAND, Gary (ed.). **The World of Ellen G. White**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1987. p. 177.

⁵⁷ For a description of the American literature of the 19th century see DAVIS, Delmer. Literature for the Nation. In: LAND, Gary (ed.). **The World of Ellen G. White**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1987. p. 193-208.

⁵⁸ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 124-125.

few there be that find it."⁵⁹

What she saw was an interesting paradox. She recalled: "I saw many traveling in this broad road who had the words written upon them: 'Dead to the world. The end of all things is at hand. Be ye also ready.'" Strangely, "they looked just like all the vain ones around them.... Their conversation was just like that of the gay, thoughtless ones around them; but they would occasionally point with great satisfaction to the letters on their garments, calling for the others to have the same upon theirs." They profess to be true believers in the narrow way, but because of their worldliness, they were in the wide one. There was no distinction between these weak believers and the others on the wide road since they were alike; dressed, talked, and acted alike.⁶⁰

The message in both visions is clear. There was an unhealthy association between the believers and earthly affairs, and she rebuked this lifestyle.⁶¹ This backsliding was a loss of consecration formerly present in the Adventists of 1843 and 1844 but, for worldly reasons, vanished away. She asked: "what has come over the professed peculiar people of God? I saw the conformity to the world, the unwillingness to suffer for the truth's sake. I saw a great lack of submission to the will of God."⁶²

Again, these intense appeals were in the context of preparing themselves for the second coming. As time passed, the fervor and expectancy of Jesus' return faded, and Ellen White urged the believers to "a deep and living experience."⁶³ Even decades later, in *Testimony* 37 (1909), she retained the same perspective, appealing to readiness in the Second Coming: "those who have given God only halfhearted service, allowing their lives to be conformed to the ways and practices of the world, will hear the sad words: 'Depart from Me; I know you not.'"⁶⁴

⁵⁹ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 127.

⁶⁰ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 128.

⁶¹ In some ways, Ellen White understood the shape of the Adventist's Sabbath-keepers as worse than the Israelites murmuring in the desert because of the new light that the movement received was so much greater. "I saw that many who profess to believe the truth for these last days think it strange that the children of Israel murmured as they journeyed; that after the wonderful dealings of God with them, they should be so ungrateful as to forget what He had done for them. Said the angel: 'Ye have done worse than they.' I saw that God has given His servants the truth so clear, so plain, that it cannot be resisted." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 129.

⁶² WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 128.

⁶³ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 125.

⁶⁴ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 9. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 252.

In the early testimonies, Ellen White frequently used a combination of three words to refer to a worldliness lifestyle: dress, conversation, and actions. Later, she added unbelief to this trilogy.⁶⁵ This shows how the *Testimonies* emphasize a way of life not aligned with the prevailing culture but with the remnant message. Dressing and fashion are two concepts remarkably mentioned throughout the *Testimonies*, more frequent and specific in the first four volumes but still appearing in more general terms in the later ones.

The Issue of the Clothing Reform

The issue of how-to dress is approached in at least three different emphases: (1) frivolity, (2) pride in contrast to simplicity, and (3) health reform. In the first and second volumes, the emphasis is more on the silliness and loss of time facing the imminent eternity.⁶⁶ In connection with the previous concept of separation from the world, Ellen White urged the so-called remnant to dress peculiarly.⁶⁷ In several volumes, she also pleaded for a simple choice in dressing and not spending much time or money on fashion because giving space to pride is to be conformed to the world.⁶⁸

⁶⁵ For example: "they think they are not like the world, but they are so near like them in dress, in conversation, and actions, that there is no distinction. I saw them decorating their poor, mortal bodies, which are liable at any moment to be touched by the finger of God and laid upon a bed of anguish... I saw that the words, the dress, and actions should tell for God". WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 131. "The unbelief, pride, covetousness, and love of the world, which have existed in the hearts of God's professed people, have grieved the sinless angels". WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 2. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 125. "Many dress like the world in order to have an influence over unbelievers, but here they make a sad mistake. If they would have a true and saving influence, let them live out their profession, show their faith by their righteous works, and make the distinction plain between the Christian and the worldling. The words, the dress, the actions, should tell for God." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 634.

⁶⁶ "I saw that some professed Sabbath keepers spend hours that are worse than thrown away, in studying this or that fashion to decorate the poor, mortal body. While you make yourselves appear like the world, and as beautiful as you can, remember that the same body may in a few days be food for worms. And while you adorn it to your taste, to please the eye, you are dying spiritually" WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 184.

⁶⁷ "I was shown that the people of God should not imitate the fashions of the world. Some have done this, and are fast losing the peculiar, holy character which should distinguish them as God's people... If God's professed people had not greatly departed from Him, there would now be a marked difference between their dress and that of the world... The inhabitants of earth are growing more and more corrupt, and the line of distinction between them and the Israel of God must be more plain, or the curse which falls upon worldlings will fall on God's professed people." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 188-189.

⁶⁸ "God works by simple means to separate and distinguish His children from the world; but some have so departed from the simplicity of the work and ways of God that they are above the work, not in it." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 524. See also WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific

Over and above that, with the background of the health vision of 1863, many *Testimonies* urged reform in dressing. "The typical dress worn by American women during this period was characterized by long, trailing skirts that literally swept the streets, tightly fitting corsets, and multiple layers of petticoats under the skirt and on top of a large hoop."⁶⁹ Her first warning was regarding the use of hoops. It appeared in the *Review* in 1861,⁷⁰ and also in *Testimony 5* she argues that "hoops are a shame."⁷¹ Later, a particular Adventist dress reform was developed prioritizing health: "If the world introduce a modest, convenient, and healthful mode of dress, which is in accordance with the Bible, it will not change our relation to God or to the world to adopt such a style of dress."⁷²

This reform in dressing should also be a barrier to "prevent the hearts of our sisters from becoming alienated from Him by following the fashions of the world."⁷³ As the years passed, she mentioned the dress reform less and less, stating more broad counsels. Denis Fortin remembers that "Ellen White encountered many unpleasant experiences that eventually led her to lay aside the promotion of this entire issue."⁷⁴ The counsels became

Press Publishing Association, 1948. p. 628,633-634. WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 9. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 131.

⁶⁹ FORTIN, Denis. Dress Reform. In: SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd (eds.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 786.

⁷⁰ "Those among Sabbath-keepers who have been unwilling to make any sacrifice, but have yielded to the influence of the world, are to be tested and proved... Hoops, I was shown, were an abomination, and every Sabbath-keeper's influence should be a rebuke to this ridiculous fashion, which has been a screen to iniquity." WHITE, Ellen G. *Perilous Times*. **Adventist Review and Sabbath Herald**, August 27, 1861, p. 101. This same text was also published in *Testimony 7*: WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 270.

⁷¹ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 189. In the 1850s, a reform dress called American Costume was becoming more popular, consisting of a short skirt and long, loose trousers worn under the skirt. The fact that spiritualists were among the advocates of the dress reform inhibited Adventists from readily accepting this American costume. Ellen White did not approve this kind of reform for at least two reasons: (1) too short and masculine, (2) could cripple the influence among unbelievers. WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 421. See also: FORTIN, Denis. Dress Reform. In: SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd (eds.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 787.

⁷² WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 458-459. In *Testimony 11*, she presents her *Modus Operandi* in addressing the topic of dressing: "when I visit a place to speak to the people where the subject is new and prejudice exists, I think it best to be careful and not close the ears of the people by wearing a dress which would be objectionable to them. But after bringing the subject before them and fully explaining my position, I then appear before them in the reform dress, illustrative of my teachings." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 465.

⁷³ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 639.

⁷⁴ Denis points out that: "First came the question of how long, or how short, the dress should be. Many intimated from her estimate that a dress "should be from four to six inches [10 to 15 centimeters] shorter than now worn" (i.e., about nine inches [23 centimeters] from the floor) to be a direct revelation from God and, therefore, the divinely revealed length of a woman's dress. Any departure from this length was considered a transgression of God's will. However, Ellen White explained that the exact length of the skirt had not been revealed to her in vision and that she had estimated the approximate length... Furthermore,

more focused on the importance of plainness and simplicity. To her, to give too much attention to fashion and dressing is to be "of the world."⁷⁵

As the church institutions became the focus of the later *Testimonies*, some relevant counsels appeared on the issue of dress. She is always appealing to simplicity, avoiding vanity, pride, and unnecessary spending:

"Our medical workers should never entertain the idea that it is essential to make an appearance of being wealthy. There will be a strong temptation to do this with the thought that it will give influence. But I am instructed to say that it will have the opposite effect. All who seek to uplift themselves by conforming to the world set an example that is misleading. God recognizes as His those only who practice the self-denial and sacrifice which He has enjoined. The style of a physician's dress, his equipage, his furniture, count not one jot with God. He cannot work by His Holy Spirit with those who try to compete with the world in dress and display."⁷⁶

The Lukewarm Condition Motif in the Context of Lifestyle Issues

The lifestyle issues related to some cultural matters were also presented using Laodicea's message as a framework comprising all sorts of conformity to the world. The lukewarm condition was frequently defined by worldliness. In this context, another subject of Ellen White's concern was bad conversations, especially those focused on other people's sins and problems. One of her most potent rebukes was published in *Testimony*

she explained that "some have supposed that the very pattern given was the pattern that all were to adopt. This is not so. But something as simple as this would be the best we could adopt under the circumstances." FORTIN, Denis. Dress Reform. In: SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd (Eds.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 787. In *Testimony* 11, she recalled some of the confusion on this topic: "My apology for calling your attention again to the subject of dress is that some do not seem to understand what I have before written; and an effort is made, perhaps by those who do not wish to believe what I have written, to make confusion in our churches upon this important subject." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 456.

⁷⁵ In any way, the topic of dressing was understood by Ellen White as less important, but a less specific approach was adopted. To show the relevance of this topic, in *Testimony* 34 published in 1900, she urged the necessity to counsel the new converts about the dressing: "Bring the requirements of the gospel to bear upon the candidates for baptism... One of the points upon which those newly come to the faith will need instruction is the subject of dress. Let the new converts be faithfully dealt with. Are they vain in dress? Do they cherish pride of heart? The idolatry of dress is a moral disease. It must not be taken over into the new life. In most cases, submission to the gospel requirements will demand a decided change in the dress." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 6. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 95-96.

⁷⁶ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 6. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 251.

3 (1857), accusing those so critical that they would find fault in Jesus himself. Those people had "rolled the world before the door of their heart, which bars the door" from Jesus opening it (Rev. 3:20).⁷⁷

It was also a lukewarm condition to imitate the fashions of the world, losing the holy character.⁷⁸ She also called for separation from mundane dressing, marking a clear difference from others:

"I was shown that the testimony to the Laodiceans applies to God's people at the present time, and the reason it has not accomplished a greater work is because of the hardness of their heart...If God's professed people had not greatly departed from Him, there would now be a marked difference between their dress and that of the world... The inhabitants of earth are growing more and more corrupt, and the line of distinction between them and the Israel of God must be more plain, or the curse which falls upon worldlings will fall on God's professed people."⁷⁹

In addition, she depicts a scene of church members not opening their hearts doors fully to the True Witness because some "world's rubbish" was in the way. Jesus "waited at your doors for admittance;" but they "did not throw them open wide and welcome Him in." Some opened the door slightly and permitted a little light from His presence to enter but "did not welcome the heavenly Visitor." The problems were that "there was not room for Jesus. The place which should have been reserved for Him was occupied with other things."⁸⁰

In effect, Ellen White addressed the Adventist people in a transforming American society throughout the *Testimonies*. She had a clear emphasis on lifestyle matters such as (1) frivolous thoughts, (2) literature, (3) fashion and dressing, and (4) silly conversations. She eventually also talked about amusements but more tangentially.⁸¹ The first

⁷⁷ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 143,145. The 1871 version of Volume 1 of the Testimonies entitles this section about Laodicea as "worldliness". The edition of 1885 and 1948 entitle this section as "be zealous and repent". See WHITE, Ellen G. **Testimonies to the Church**, vol. 1. Battle Creek, MI: Steam Press of the Seventh-day Adventist Publishing Association, 1871. p. 48-57.

⁷⁸ "I was shown that the people of God should not imitate the fashions of the world. Some have done this, and are fast losing the peculiar, holy character which should distinguish them as God's people" WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 188.

⁷⁹ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 186, 189.

⁸⁰ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 2. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 216-217.

⁸¹ She referred to a new situation in Battle Creek Sanitarium when doctors were using secular entertainment with patients: "as soon as it was known that the physicians at the Institute had recommended plays and

Testimonies were more vocal in these subjects as the later ones were more general and focused more on urging for simplicity. Also, in applying the Laodicean message to the believers, she identified these points as a lukewarm condition. Another primary concern of the worldlines within the Seventh-day Adventist church presented by Ellen White was the relation with finances in the context of selfishness, pride, and courteousness.

"The Spirit of this World" - Worldliness in the Context of Financial Affairs

Putting aside that the "good old days" were not so good, except for some privileged men,⁸² the United States was growing as a nation. The progress was evident in areas of technology, industrialization, and urbanization. The government was united and achieved a continental territory. The Seventh-day Adventist church grew with new institutions, many more church members, and missionary posts in other countries. Even the Whites, as the *Testimonies* were being published, passed from a poverty status to a more comfortable situation thanks to James White's entrepreneurial efforts and the royalties of her books.⁸³

In this circumstance of relative progress, Ellen White was very vocal in rebuking what she identified as the "spirit of this world." She understood this expression as "vanity, pride, and selfishness,"⁸⁴ a clear-cut contrast with simplicity. She viewed God's people as "partaking of the spirit of the world, imitating its fashions, and getting above the simplicity of our faith."⁸⁵ In her opinion, Jesus is the perfect example of simplicity and a

amusements in order to divert the minds of the patients from themselves into a more cheerful train of thought, it went like fire in the stubble; the young in — and other churches thought that they had need of just such things, and the armor of righteousness was laid off by many. As they were no longer held in by bit and bridle, they engaged in these things with as much earnestness and perseverance as though everlasting life depended upon their zeal in this direction." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 2. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 137.

⁸² Otto Bettmann presented in a very pictorial way the harsh reality of the three decades after the American Civil War. BETTMANN, Otto L. **The Good Old Days - They Were Terrible**. New York, NY: Random House, 1974.

⁸³ THOMPSON, Alden. Ellen G. White's Financed. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Eds.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 819.

⁸⁴ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 591.

⁸⁵ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 140. She added: "When the truth in its simplicity and strength prevails among believers, and is brought to bear against the spirit of the world, it will be evident that there is no concord between Christ and Belial. The disciples of Christ must be living examples of the life and spirit of their Master." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 407-408.

model against the "spirit of the world" as Jesus' simplicity and strength "brought to bear against the spirit of the world, condemning its exciting pleasures and corrupting charms."⁸⁶

Many of God's blessings concerning this life could become curses with the "spirit of this world" nourished in the heart. Counseling believers in a particular region in 1881, she warned them of "becoming drunken with the spirit of the world" because some of them were "surfeited with the cares of this life." She continues that "self-will, self-interest, envy, and pride shut out the presence of God" and was "not safe to indulge in vanity and pride, or love of power or gain." That was why Adventist people have no more power, as "they profess the truth, but do not practice it."⁸⁷

Accordingly, God-given talents and blessings should not be devoted to secular activities. Ellen White urged that "one great cause of weakness in the — church has been that, instead of improving their talents to the glory of God, they have wrapped them in a napkin and buried them in the world." This burial relates to loving the secular more than the spiritual and prioritizing what is temporal. She appealed to this local church to repent "from their lethargy" and to "shake off the spirit of the world." In conclusion, she attested that "the Lord sometimes tests His people with prosperity in temporal things. But He intends that they shall make a right use of His gifts."⁸⁸

An analog concept is what she understood as "love of the world." It should also be perceived materially. She attested that "covetousness, selfishness, love of money, and love of the world are all through the ranks of Sabbath keepers. These evils are destroying the spirit of sacrifice among God's people."⁸⁹ It was also a purpose of the third angel's message to work "like leaven upon many hearts that profess to believe it," and purge away "pride, selfishness, covetousness, and love of the world."⁹⁰

⁸⁶ WHITE, Ellen G. *Testimonies for the Church*. Vol. 2. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 344. Even ministries were warned by Ellen White of the dangers of having the "spirit of the World:" "As their worldly treasure increased, they became less devotional... Terrible deception! Satan looks on and laughs for he knows that they are selling soul and body through their lust for gain. They are continually making flimsy excuses for thus selling themselves for gain... The spirit of the world has taken possession of them, and they are brought into captivity by the powers of darkness." WHITE, Ellen G. *Testimonies for the Church*. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 476-479.

⁸⁷ WHITE, Ellen G. *Testimonies for the Church*. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 609, 610, 613.

⁸⁸ WHITE, Ellen G. *Testimonies for the Church*. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 619.

⁸⁹ WHITE, Ellen G. *Testimonies for the Church*. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 140.

⁹⁰ WHITE, Ellen G. *Testimonies for the Church*. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 132-133.

Besides both concepts, "spirit of the world" and "love of the world," the deleterious relationship with money is conceived by her as idolatry. Writing a testimony to a church member, identified as Brother I., she alerted him that "this world is his god" because "he worships money."⁹¹ Moreover, working in excess to fulfill personal ambitions was also loving the world. She reproved a so-called brother E in *Testimony 26* for "have made a great mistake in giving this world" his ambition. He was exacting and sometimes impatient and required too much of his son. "At your house it has been work, work, work, from early morning until night."⁹²

Considering her personal life and many other publications, Ellen White did not advocate living in complete poverty or an unnecessarily simple life.⁹³ She was not radical in her principles regarding money; nevertheless, in *Testimony 4*, Ellen White presented the principle that having possessions is not a sin unless someone retained what could be used for the cause of God:

"I saw that if, in the providence of God, wealth has been acquired, there is no sin in possessing it; and if no opportunities present themselves to use this means to advance the cause of God, there is no sin in still possessing it. But if opportunities are presented to the brethren to use their property to the glory of God and the advancement of His cause, and they withhold it, it will be a cause of stumbling to them."⁹⁴

⁹¹ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 2. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 237. She also WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 2. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 238.

⁹² WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 48. This brother E, accordingly, with Ellen White, was "enshrouded in darkness" as the love of the world had taken entire control of his being. She counseled him: "In the wilderness of temptation Christ met the great leading temptations that would assail man. There He encountered, singlehanded, the wily, subtle foe, and overcame him. The first great temptation was upon appetite; the second, presumption; the third, love of the world. Satan has overcome his millions by tempting them to the indulgence of appetite... Satan has better success in approaching man. All this money, this gain, this land, this power, these honors and riches, will I give thee—for what? His conditions generally are, that integrity shall be yielded, conscientiousness blunted, and selfishness indulged. Through devotion to worldly interests, Satan receives all the homage he asks. The door is left open for him to enter as he pleases, with his evil train of impatience, love of self, pride, avarice, overreaching, and his whole catalogue of evil spirits. Man is charmed and treacherously allured on to ruin. If we yield ourselves to worldliness of heart and life, Satan is satisfied." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 44-45.

⁹³ THOMPSON, Alden. Ellen G. White's Financed. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Eds.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 819-825.

⁹⁴ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 169.

The Spirit of Liberality for the Church's Cause

Many of her instructions concerning covetousness and selfishness were related to liberality and giving to the Adventist cause. Before the formal organization of the Seventh-day Adventist church and the regime of tithing and offering, they used a system denominated Systematic Benevolence. This arrangement, she said, was "pleasing to God," but the pride, love of fashions of the world, empty conversations, and selfishness was preventing them from being faithful.⁹⁵ She marked down: "I saw that the least that has been required of Christians in past days, is to possess a spirit of liberality and to consecrate to the Lord a portion of all their increase."⁹⁶

Ellen White applied the same principle of liberality presented in *Testimony 4* to the growing Adventist community in Battle Creek at the time of Volume 5. She exhorted them to take responsibility for offering to the institutions burdened with debt while "coveting earthly possessions or seeking happiness in worldly plans or aspirations."⁹⁷ She had pleaded that "worldliness and covetousness are eating out the vitals of God's people" and that "the spiritual health and prosperity of the church is dependent in a great degree upon her systematic benevolence."⁹⁸

She demarked selfishness and extravagant expenditure of money as a great hindrance to the church's mission. When *Testimony 36* was published in 1904, the church faced one of its significant crises with John Harver Kellog's backsliding, and to some extent, this 8th volume was written to meet those crosswords.⁹⁹ Nevertheless, Ellen White started to increasingly emphasize the role of laypeople in the mission of the Church. And to her, there was low interest in the mission because of selfishness and conformity to the

⁹⁵ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 189-190.

⁹⁶ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 170.

⁹⁷ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 5. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 189-190. By the time of volume 6 (1900), she recalled this principle: "Let us make it manifest that Christ abides in us, by ceasing to expend money on dress, on needless things, when the cause of Christ is crippled for want of means, when debts are left unpaid on our meetinghouses, and the treasury is empty. Do not cultivate a taste for expensive articles of dress or of furniture. Let the work advance as it began, in simple self-denial and faith." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 6. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 441. In 1902, she also appealed to the Seventh-day Adventists members in *Testimony 35* to be benevolent in preparing a fund for workers of the church that were not able to serve anymore. WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 7. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 296.

⁹⁸ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 3. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 405.

⁹⁹ The Trustees of the Ellen G. White Publications. The times of Volume Eight. In: WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**, vol. 8. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948. p. 5-6.

world. She also noticed a backsliding of those who were once faithful but were now trapped in worldliness.

In the last Testimony, published in 1909, using a gentle tone, she still urged the church, specifically the lay members, about the "danger of being ensnared by worldliness and covetousness." In the context of compassion, she wrote that God was calling His people out from their limited sphere of action to enter "upon greater enterprises." They should understand that God's mercy "multiplies the demands for their means."¹⁰⁰

The Lukewarm Condition Motif in the Context of Selfishness

As well as in addressing the other notions of worldliness, the lukewarm condition of Laodicea was also associated with the love of money, selfishness, and covetousness. When for the first time, applying the Laodicean message to the Adventist sabbath-keepers in the already mentioned *Testimony 3* (1857), Ellen White called to mind the counsel of the True Witness "be zealous and repent" (Rev. 3:19). The need for repentance is the "worldly-mindedness, selfishness, and covetousness" that had been "eating out the spirituality and life of God's people." She concludes that "the danger of God's people for a few years past has been the love of the world. Out of this have sprung the sins of selfishness and covetousness."¹⁰¹

By the time of *Testimony 22*, the Seventh-day Adventist church expanded its missionary frontiers inside the US and overseas. In a passage destined in counseling ministers, Ellen White uses the misleading perception of Laodicea as being rich and in no need of anything (Rev. 3:17) to say that some ministers were, in fact, "wretched, poor, blind, miserable, and naked" because of their "indolence and pride." The main issue was that they were "neglecting personal piety, purity of heart, and entire consecration to God" because "of their feeling that they are rich and increased with goods."¹⁰²

Accordingly, in the previously mentioned warning to Brother E presented in

¹⁰⁰ She simplified that saying that "the spirit of liberality is the spirit of heaven." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 9. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 254.

¹⁰¹ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 141. She saw that "Satan watches the peculiar, selfish, covetous temperament of some who profess the truth, and he will tempt them by throwing prosperity in their path, offering them the riches of earth". WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 142.

¹⁰² WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 3. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 210.

Testimony 26 for being "dazzled and blinded by the god of this world," she alerted him that True Witness "know thy work" (Rev. 3:15), "not his profession." He professed the Adventist message, but "Satan sought, through the attractions of this world, to enchain" him and paralyze his moral powers. He has made this church member "a slave to this world," and the "love of gain has become a ruling passion." His only salvation was to "return to the Master His talents doubled, laying before Him both principal and interest," showing that he has been a "judicious as well as faithful and persevering worker."¹⁰³

In summary, Ellen White also understood worldliness in the context of financial affairs. She urged the church to the perils of loving this world and being trapped in covetousness, selfishness, and pride. It also counseled many to be liberal in supporting the church's mission because self-prosperity implies the responsibility to help the cause of Seventh-day Adventists. She also identified the lukewarm condition as the love of this world in the context of pride, selfishness, covetousness, and an unhealthy relationship with assets and prosperity. Nevertheless, she was always very assertive in addressing these issues and presented many ways of solving the spiritual problem of worldliness

"A Spirit of Self-denial" - The Antidote Against Worldliness

Undoubtedly, the most frequent appeal for repentance regarding the problem of worldliness is the call for self-denial and sacrifice. In the *Scale Vision* on the first *Testimony* (1855), she stated that "none will enter heaven without making a sacrifice. A spirit of self-denial and sacrifice should be cherished."¹⁰⁴ Additionally, in the *Two-Way* vision, she also pointed out the difficulties of the narrow way (Mat. 7:14) as a self-crucifying path, not expecting everything to move on as smoothly as they were traveling in the broad road.¹⁰⁵

In this matter, Christ is the supreme model and example. In 1864, corresponding with Elder Hull, she said, "we are to look to Christ for an example and imitate the humble pattern"¹⁰⁶ Later, in 1875, she settled that "Christ was the chief Cornerstone, and we must

¹⁰³ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 49,51.

¹⁰⁴ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 126.

¹⁰⁵ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 129

¹⁰⁶ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 431.

build upon this Foundation. Each must have a spirit of self-denial and self-sacrifice. The life of Christ upon earth was unselfish; it was marked with humiliation and sacrifice."¹⁰⁷ Correspondingly, six years later, Ellen White emphasized that "the Son of God came to this world to leave an example of a perfect life. He sacrificed Himself for the joy that was set before Him."¹⁰⁸ In fact, using Christ as a role model, she encouraged the need for sacrifice and self-denial, especially in two directions: (1) sacrificing oneself to help the whole cause of the church and (2) sacrificing oneself to reach others in a missionary way.¹⁰⁹

In addition to the topic of sacrifice and self-denial, there are at least four other emphases that she disclosed in the *Testimonies* series: (1) the study of the Bible,¹¹⁰

¹⁰⁷ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 3. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 387.

¹⁰⁸ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 615.

¹⁰⁹ On the first direction see WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 483. About the sacrifice for mission see WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 2. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 549. In the last *Testimony*, she concluded that "The duty and delight of all service is to uplift Christ before the people. This is the end of all true labor. Let Christ appear; let self be hidden behind Him. This is self-sacrifice that is of worth. Such self-sacrifice God accepts. Thus saith the high and lofty One that inhabiteth eternity, whose name is Holy; I dwell in the high and holy place, with him also that is of a contrite and humble spirit, to revive the spirit of the humble, and to revive the heart of the contrite ones." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 9. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 147

¹¹⁰ In the scale vision published in *Testimony* 1, Ellen White mentions that the Bible is the way to escape the seven plagues and should be prioritized over novels and romances. WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 126. She also stated that "there is great necessity for close self-examination in the light of God's word." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 2. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 144. She added later, in *Testimony* 26: "Christ's example is before us. If the Sacred Scriptures were studied and followed, the Christian would be fortified to meet the wily foe; but the word of God is neglected, and disaster and defeat follow. WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 45-46. In 1904, she wrote: "They would be more eager for the light of the word than for the morning paper, magazines, or novels. Their greatest desire would be to eat the flesh and drink the blood of the Son of God. And as a result, their lives would be conformed to the principles and promises of the word... Refreshing showers of grace would refresh and revive the soul, causing them to forget all toil and weariness. They would be strengthened and encouraged by the words of inspiration." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 8. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 193.

(2) trials,¹¹¹ (3) earnest prayer,¹¹² and (4) intentionality exercising the mind.¹¹³ And she equally utilized the Laodicean message, specifically, the counsel of the True Witness to buy refined gold, clothes and salve; to repent and be zealous (Rev. 3:18-19) as the only solution for a worldly, lukewarm church. She affirmed that the Holy Spirit is the One who should illuminate the eyes so they could "perceive their sinfulness" and buy "the pure gold which the True Witness counsels the lukewarm."¹¹⁴

Another solution presented by Ellen White in the *Testimonies* for the lukewarm and worldliness condition of the church is the eschatological shaking. To her, conformity to the world is a direct cause for the sifting as "believers yielded to worldly demands and conformed to worldly customs" will be separated from the true church.¹¹⁵ On the other hand, the shaking will purify the church for those that did not overcome worldliness: "God is sifting His people. He will have a clean and holy church. We cannot read the heart of man. But the Lord has provided means to keep the church pure. A corrupt people has arisen who could not live with the people of God."¹¹⁶

¹¹¹ Ellen White underlined that God could permit trials and sufferings to help someone overcome worldliness: "The trials to which Christians are subjected in sorrow, adversity, and reproach are the means appointed of God to separate the chaff from the wheat. Our pride, selfishness, evil passions, and love of worldly pleasure must all be overcome; therefore God sends us afflictions to test and prove us, and show us that these evils exist in our characters." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 115. She also mentioned purification through difficulties. WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 133.

¹¹² "Could the curtain be rolled back, could you discern the purposes of God and the judgments that are about to fall upon a doomed world, could you see your own attitude, you would fear and tremble for your own souls and for the souls of your fellow men. Earnest prayers of heart-rending anguish would go up to heaven. You would weep between the porch and the altar, confessing your spiritual blindness and backsliding" WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 6. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 408

¹¹³ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 2. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 187,189. WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 6. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 148. Besides those four major emphases, she points out two others in Volume 6, but just once in the context of loving the world. It is (1) church Attendance and (2) the work of temperance. For church attendance see White, *Testimonies for the Church*, 6:39. For the work of temperance see WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 6. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 111.

¹¹⁴ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 4. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 87-88.

¹¹⁵ The full quote reads: "the mark of the beast will be urged upon us. Those who have step by step yielded to worldly demands and conformed to worldly customs will not find it a hard matter to yield to the powers that be rather than subject themselves to derision, insult, threatened imprisonment, and death. The contest is between the commandments of God and the commandments of men. In this time, the gold will be separated from the dross in the church. True godliness will be clearly distinguished from the appearance and tinsel of it. Many a star that we have admired for its brilliancy will then go out in darkness. Chaff like a cloud will be borne away on the wind, even from places where we see only floors of rich wheat. All who assume the ornaments of the sanctuary, but are not clothed with Christ's righteousness, will appear in the shame of their own nakedness." WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 5. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 81.

¹¹⁶ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing

In conclusion, in the last *Testimony* (1909), Ellen White presents the kind of spirituality required for the church. "God calls for live men," she attested, "men who are filled with the vivifying influence of His Spirit" and not "lukewarm, but hot and fervent with His love."¹¹⁷ She admonishes the importance of fully consecrated people:

"The work given us is a great and important one, and in it are needed wise, unselfish men, men who understand what it means to give themselves to unselfish effort to save souls. But there is no need for the service of men who are lukewarm, for such men Christ cannot use. Men and women are needed whose hearts are touched with human suffering and whose lives give evidence that they are receiving and imparting light and life and grace."¹¹⁸

Conclusion

Ellen White wrote those 5,000 pages of *Testimonies for the Church* to instruct, share some specific visions, rebuke, and guide, firstly the Sabbatarian Adventists and later the organized Seventh-day Adventist Church. Over a period of 55 years, divided into nine volumes in the final version, she addressed various subjects to persons, families, local communities, and the general audience of the church. She dedicated a considerable part of these pages to discourse about the perils and dangers of worldliness, secularization, conformity, and love of the world. In a nonsystematic way, she does so in at least three different ways.

The first emphasis is a powerful call to separation and uniqueness. As the fervor of the imminent Second Coming had been vanishing with the apparent delay of Jesus, many have been trapped in a less vigorous faith. She used more powerful and direct language in the first 30 *Testimonies* (volumes 1-4), pleading for the believers to live in such a way that their identity was distinct and peculiar, not only from the secular culture but also from other Christian denominations and systems. She was not afraid to be remarked as "too exclusive"¹¹⁹ but emphatically urged the church to maintain its

Association, 1948. p. 99.

¹¹⁷ WHITE, Ellen G. *Testimonies for the Church*. Vol. 9. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 140.

¹¹⁸ WHITE, Ellen G. *Testimonies for the Church*. Vol. 9. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 26.

¹¹⁹ WHITE, Ellen G. *Testimonies for the Church*. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948. p. 282.

peculiarities. The later volumes, more focused on the church institutions, also clearly appealed to the church schools, sanitariums, and publishing houses to conserve an Adventist identity regarding spirituality and message.

The second concept relates to practical lifestyle issues such as clothing, conversations, amusements, and actions. In the first two years of the *Testimonies*, she received two very solemn visions: the Scale and the Two-Way visions. In both, she saw, to some extent, a considerable number of Adventists drifting to worldliness in pursuing secular thoughts and possessions. Moreover, the dress issue was very controversial and must be understood with the specific unhealthy fashion that was very popular at that time. Ellen White approached this subjective in three different ways (1) frivolity, (2) pride in contrast to simplicity, and (3) a comprehensive reform in dressing. Firstly, she intended to be much more specific and direct in counseling about fashion; however, because of misunderstanding, she utilized a more general language, usually advocating for simplicity.

The last way worldliness was approached in the *Testimonies* is in the context of finances, pride, and propinities. She defined the "spirit of this world" as the love of money and possessions, prioritizing a material lifestyle. Ellen White attested that covetousness, selfishness, and the love of the world were in the ranks of sabbath keepers. This love of the world was expressed in excessive work, burying the God-given talents in secular activities, and not helping the cause of the church with liberality. She earnestly appealed to believers, especially those in Battle Creek, to support the institutions in debt. In the last two *Testimonies*, she pleaded for the involvement of lay members in the mission of proclaiming the Seventh-day message.

All that was presented in the framework of the Laodicean message of Revelation. Before, the Sabbatarian Adventists viewed as lukewarm the other Millerites that had rejected the message of the Sabbath and the other protestant denominations. However, after 1856, James and Ellen White applied the condition of being lukewarm to the Sabbatarian Adventist. It is at least surprising that in almost any mention of the message of Laodicea in the *37 Testimonies*, the topic of worldliness and conformity to the world is present.

To her, the lukewarm condition represented: (1) a harmful loss of identity in an unhealthy association with the secular culture; (2) the damaging preoccupation with frivolity and pride, comprising fashion, dressing, thoughts, and silly conversations; and (3) having the Spirit of this World, being covetous, proud, and too focused on material

subjects.

Finally, Ellen White elaborated that, using Christ as a model, every believer should nourish a self-denial character. This spirit of sacrifice, in contrast with worldliness, usually went in two directions: (1) sacrificing oneself to help the cause of the church and (2) sacrificing oneself to reach others in a missionary way. Additionally, throughout the nine volumes, she counseled that (1) the study of the Bible, (2) trials, (3) earnest prayer, and (4) the exercise of the mind unto godliness were helpful ways of dealing with this matter. According to her, the counsel of the True Witness to the Laodicean message to be "zealous and repent" is the way to prevent the love of the world.

In sum, in the nine volumes of *Testimonies for the Church*, there is a comprehensive understanding of the topic of worldliness, presented in many ways, utilizing different concepts and approaches, with an intelligible direction from the more specific to the more general. Furthermore, in a plural and even more secular society than in the 19th century, reading the *Testimonies* with these notions in mind should be helpful to those who want to understand Ellen White's thoughts on this subject.

Referências

BETTMANN, Otto L. **The Good Old Days - They Were Terrible**. New York, NY: Random House, 1974.

CAMPBELL, Michael W. Webber, Emma (1856–1912). In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 542.

COON, Roger W. Shaking. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 1158.

DAVIS, Delmer. Literature for the Nation. In: LAND, Gary (Ed.). **The World of Ellen G. White**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1987. p. 193-208.

DOUGLASS, Herbert E. Second Coming of Christ, Delay Of. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 1142.

DUDLEY, Roger L. **The World: Love it or Leave it**. Boise, ID: Pacific Press, 1986.

ELLEN G. WHITE ESTATE. **Testimony Countdown: Guidebook to the Study of the Testimonies for the Church by Ellen G. White**. Washington, DC: General Conference of Seventh-day Adventists, 1969, p. 65.

FERRET, Rick. Adventist Identity in a Changing World. **Ministry Magazine**, outubro 2002. Disponível em: <https://www.ministrymagazine.org/archive/2002/10/adventist-identity-in-a-changing-world.html> . Acesso em: 16 fev. 2023.

FORTIN, Denis. Dress Reform. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 786-787.

FORTIN, Denis. Testimonies for the Church. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 1212-1214.

GENERAL CONFERENCE OF THE SEVENTH-DAY ADVENTIST CHURCH. Transcription of minutes of GC sessions from 1863 to 1888. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Minutes/GCSM/GCB1863-88.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

HICKERSON, Stanley D. Battle Creek, Michigan. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 634.

HÖSCHELE, Stephan. **The Remnant Concept in Early Adventism: From Apocalyptic Antisectarianism to an Eschatological Denominational Ecclesiology**.

Andrews University Seminary Studies, v. 51, n. 2, 2013, p. 279.

HOOK, Milton Raymond. **The Avondale School and Adventist Educational Goals, 1394-1900.** Andrews University, 1978.

KAISER, Denis. **A Sense of Belonging: The Adventist Journey Home.** In: CONFERENCE ON ADVENTIST IDENTITY, Andrews University, outubro 2022.

LOPES, Heraldo Vander. **The Concept of Eschatological Shaking in the Writings of Ellen G. White.** Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, 2007.

LORENZ, Felix A. **The Only Hope.** Ringgold, GA: Teach Services, 2003.

MCARTHUR, Benjamin. Amusing the Masses. In: LAND, Gary (Ed.). **The World of Ellen G. White.** Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1987. p. 177.

MORGAN, Douglas. **Adventism and the American Republic.** Knoxville, TN: The University of Tennessee Press, 2001. p. 11-29.

MOON, Jerry. The Laodicean Message. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia.** Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 924-925.

NEALL, Ralph; NEALL, Beatrice. **Passing the Torch.** Ministry, fevereiro, 1997.

NIEBUHR, H. Richard. **Christ and Culture.** New York, NY: Harper One, 2001.

NIEBUHR, H. Richard. **The Social Sources of Denominationalism.** New York, NY: Holt, 1929.

PIERSON, Robert H. **An Earnest Appeal from the Retiring President of the General Conference.** Adventist Review, 26 out. 1978, p. 10.

PIERSON, Robert H. **An Earnest Appeal from the Retiring President of the General Conference.** Adventist Review, 26 out. 1978, p. 10.

THE TRUSTEES OF THE ELLEN G. WHITE PUBLICATIONS. Preface to Fourth Edition. In: WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church.** Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, p. 2.

THE TRUSTEES OF THE ELLEN G. WHITE PUBLICATIONS. The Times of Volume 7. In: WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church.** Vol. 7. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, p. 6.

THE TRUSTEES OF THE ELLEN G. WHITE PUBLICATIONS. The Times of Volume 8. In: WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church.** Vol. 8. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, p. 5-6.

THOMPSON, Alden. Ellen G. White's Financed. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry

(Ed.). **The Ellen G. White Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2013. p. 819-825.

TIMM, Alberto R. Divine Accommodation and Cultural Conditioning of the Inspired Writings. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 19, n. 1/2, 2008.

WHITE, Arthur L. **Messenger to the Remnant**. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1969.

WHITE, Ellen G. **The Great Controversy**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1911. p. 509.

WHITE, Ellen G. **Manuscript 4**, 1883.

WHITE, Ellen G. **Manuscript 132**, 1902.

WHITE, Ellen G. **Manuscript 186**, 1898.

WHITE, Ellen G. **Manuscript Releases [Nos. 921–999, 1982–1983]**. Vol. 12. Ellen G. White Estate, 1993.

WHITE, Ellen G. Perilous Times. **Adventist Review and Sabbath Herald**, 27 ago. 1861, p. 101.

WHITE, Ellen G. **Selected Messages From the Writings of Ellen G. White. Vol. 1**. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1958.

WHITE, Ellen G. **Spiritual Gifts. Vol. 4**. Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1864, p. ii.

WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church. Vol. 1-9**. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948

WHITE, James. Preface. In: WHITE, Ellen G. **Testimonies to the Church. Vol. 1**. Battle Creek, MI: Steam Press of the Seventh-day Adventist Church, 1871. p. 1.

WHITE, James. Watchman, What of the Night? **Adventist Review and Sabbath Herald**, 9 out. 1856, p. 184.